



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Bruna Alves Schievano

**O Método Fenomenológico nas Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas,
Humanistas e Existenciais: Modalidades e Tendências**

Uberlândia

2022



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Bruna Alves Schievano

**O Método Fenomenológico nas Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas,
Humanistas e Existenciais: Modalidades e Tendências**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto.

Uberlândia

2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S332 Schievano, Bruna Alves, 1995-
2022 O Método Fenomenológico nas Práticas das Psicoterapias
Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais [recurso
eletrônico] : Modalidades e Tendências / Bruna Alves
Schievano. - 2022.

Orientador: Tommy Akira Goto.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.585>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Psicologia. I. Goto, Tommy Akira, 1975-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 418, PPGPSI				
Data:	Vinte e oito de outubro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	9:00	Hora de encerramento:	12:10
Matrícula do Discente:	12012PSI004				
Nome do Discente:	Bruna Alves Schievano				
Título do Trabalho:	O método Fenomenológico nas Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais: Modalidades e Tendências				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: investigação fenomenológica dos fenômenos psíquicos				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Carlos Roberto Drawin - UFMG; Paulo Coelho Castelo Branco - UFC; Tommy Akira Goto, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin participou da cidade de Belo Horizonte - MG, o Prof. Dr. Paulo Coelho Castelo Branco participou desde a cidade de Fortaleza - CE, o Prof. Dr. Tommy Akira Goto e a discente Bruna Alves Schievano participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Tommy Akira Goto apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas

do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tommy Akira Goto, Presidente**, em 28/10/2022, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Coelho Castelo Branco, Usuário Externo**, em 28/10/2022, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Roberto Drawin, Usuário Externo**, em 28/10/2022, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4012456** e o código CRC **A643A747**.

Dedico este estudo a todos os que se comprometem com a vida e com a ciência.

Agradecimentos

Aos meus pacientes que inspiraram este estudo e me fazem desejar um mundo mais justo. Admiro seus processos de mudança, (re)organização e libertação. Agradeço imensamente pela confiança que construímos; minha maior felicidade é testemunhar seus desenvolvimentos.

À minha mãe, Margareth, com quem aprendi a não fechar os olhos para as dores dos outros, pelo chão firme no qual pude sempre pisar. Ao meu pai, Carlos, com quem aprendi a ser curiosa, questionadora, e a tentar ter uma vida mais respeitosa comigo mesma. Aos meus pais, que, mesmo com a distância, mantêm-se ao meu lado e reconheceram a importância da educação e me proporcionaram as condições de permanência na graduação e na pós-graduação, sempre amparando minhas escolhas.

Ao meu orientador pela oportunidade e pelas contribuições com a estruturação deste trabalho e, sobretudo, pelo enriquecimento da minha formação desde a graduação.

À minha supervisora e professora Tatiana Benevides Magalhães Braga, por sua mão sempre estendida e disposta a acolher. Também sou grata pela generosidade em seus ensinamentos, pelo cuidado e pela transformação em minha visão de mundo.

À professora Renata Pegoraro, que desde a graduação me mostrou o rigor e a paixão pela pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação e defesa: ao professor Paulo Coelho Castelo Branco, pelo incentivo quase mágico, pela vontade viva em descobrir e fortalecer a ciência, pelo cuidado evidente em seus apontamentos ao longo do meu texto. Ao professor Carlos Roberto Drawin, pela leitura atenta, pelas falas reflexivas, pelo apreço ao que ainda não foi dito, agradeço suas inquietações, das quais eu também compartilho.

Às minhas psicólogas: à Laiz Macroffir, por ter me mostrado como viver minha clínica como um espaço livre e de transformação. À Nara C. Moreira Almeida, por me ajudar a fazer palavra o que era confusão e por me ajudar a construir novos sentidos de viver.

Aos amigos: à Beatriz Oliveira Menegi; sem seu apoio, sua amizade e sua segurança, eu não teria chegado aqui com o sentimento de que não foi nada em vão. À Cíntia Ozaki Travassos, minha amiga para todos os momentos. À Laís Souza Toledo Pereira, minha primeira amiga na vida. À Wanessa Cristina da Silva Monteiro, pelas trocas e pelo sentimento de cumplicidade. A Olga e Odete, minhas maiores presenças. Ao Círculo de Estudos em Psicologia Fenomenológica Crítica (CEPSIFENO), por todo o apoio, conhecimentos e, principalmente, amizade. Conviver com vocês é sempre uma experiência ímpar; por isso e muito mais, eu agradeço. Por fim, ao Guilherme de Sousa Ferreira, meu esposo, pelo amor incondicional, mas não ilimitado, e por “invisivelmente” ter segurado sempre a minha mão na escrita deste estudo.

Ao Programa de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, por todo o conhecimento e todas as experiências importantes para a minha formação pessoal e profissional.

Sem mais espaço para agradecer a todos os que mereceriam ser citados, agradeço pelas pessoas que passaram por minha vida e acrescentaram algo

Resumo

Esse estudo foi dividido em três capítulos, cujo eixo central é a busca pelo entendimento sobre como as Psicoterapias Humanistas, Fenomenológicas e Existenciais têm lidado com o método fenomenológico com relação à pesquisa qualitativa em Psicologia e à prática clínica, visando averiguar como procedem, quais as modalidades e tendências. Para isso, nos capítulos I e II foram realizadas revisões narrativas que apresentaram um breve histórico acerca da Psicoterapia, cujo objetivo principal foi fornecer um contexto histórico de base e uma consistência teórica aos estudos seguintes. No Capítulo II, o foco esteve sob o surgimento e os primeiros desenvolvimentos das Psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais. Desatacam-se a concretização do movimento da “Terceira força”, além do contexto sociopolítico e cultural sensível à recepção da Psicologia Humanista. Nessa época, a Fenomenologia filosófica (Husserl e Heidegger) e o Existencialismo foram assumidos como recurso teórico e metodológico nas investigações psicopatológicas e práticas psicoterapêuticas desenvolvidas por essa nova abordagem: a Psicologia Humanista. Todavia, conforme apontou o estudo, essas apropriações foram realizadas de forma superficial, genérica e mais explicitamente *a posteriori* por outros colaboradores. No Capítulo III, realizou-se uma revisão sistemática qualitativa da literatura, na busca do objetivo principal desse estudo. Foram selecionados artigos em português, completos e referentes ao período de 2011 a 2021, a partir de buscas nas bases de dados LILACS, PePSIC e SciELO-Brasil. Como palavras chave foram utilizadas: (método fenomenológico) AND (psicoterapia OR clínica). As referências localizadas foram selecionadas conforme critérios de inclusão estabelecidos, e o *corpus* foi constituído por 45 artigos, os quais foram analisados quantitativamente (Distribuição de artigos publicados; Desempenho dos periódicos brasileiros; Ranque dos psicólogos com maior índice de publicação; Filiações institucionais dos autores e coautores) e qualitativamente em função das dimensões: (I) desenho metodológico empregado, (II) análise de dados, (III) descrição do método fenomenológico, (IV) método fenomenológico no fazer terapêutico. Os resultados apontam: maior produção de artigos em 2020; concentração de publicações em um periódico de orientação humanista; predominância de autores e universidades cearenses e predominância de produções empíricas. O instrumento mais utilizado para coleta de dados a entrevista semiestruturada; para análise de dados muito se recorreu ao proposto por Giorgi e Sousa, porém o método de análise mais citado nas pesquisas foi o fenomenológico existencial-hermenêutico, que se baseou em diferentes autores e filósofos. Tem-se que os conceitos filosóficos propostos por Husserl aparecem na prática psicoterapêutica dos psicólogos de forma diferente daquela explorada conforme descreveu e detalhou Husserl, concebendo-o como uma postura (profissional), uma atitude de compreensão tomada pelo psicólogo, evidenciando, assim seu modo de intervenção. Ainda, percebe-se a falta de uma distinção entre as especificidades e objetivos do método, pois os autores tratam como sinônimos as ideias de *epoché*, redução, redução fenomenológica, com um significado geral de atitude, uma postura de encontrar o cliente/paciente sem preconceitos. Assim, parece incoerente aplicar o método fenomenológico na prática da Psicoterapia, diretamente como recurso psicoterapêutico, tendo em vista a sua elaboração e desenvolvimento como método de investigação e validação dos fenômenos, tarefa particularmente introspectiva, racional e reflexiva.

Palavras-chave: Edmund Husserl; Método Fenomenológico; Psicoterapia Humanista Fenomenológica e Existencial.

Abstract

This study was divided into three chapters, whose central axis is the search for understanding how Humanistic, Phenomenological and Existential Psychotherapies have dealt with the phenomenological method in relation to qualitative research in Psychology and clinical practice, aiming to find out how they proceed, what are the modalities and trends. For this, in chapters I and II, narrative reviews were carried out that presented a brief history of Psychotherapy, whose main objective was to provide a base historical context and theoretical consistency to the following studies. In Chapter II, the focus was on the emergence and early developments of humanistic, phenomenological and existential psychotherapies. The realization of the “Third force” movement is highlighted, in addition to the socio-political and cultural context sensitive to the reception of Humanistic Psychology. At that time, Philosophical Phenomenology (Husserl and Heidegger) and Existentialism were assumed as theoretical and methodological resources in psychopathological investigations and psychotherapeutic practices developed by this new approach: Humanistic Psychology. However, as the study pointed out, these appropriations were carried out superficially, generically and more explicitly a posteriori by other collaborators. In Chapter III, a qualitative systematic review of the literature was carried out, in search of the main objective of this study. Articles in Portuguese, complete and referring to the period from 2011 to 2021, were selected from searches in the LILACS, PePSIC and SciELO-Brasil databases. As keywords were used: (phenomenological method) AND (clinical OR psychotherapy). The localized references were selected according to established inclusion criteria, and the corpus consisted of 45 articles, which were quantitatively analyzed (Distribution of published articles; Performance of Brazilian journals; Rank of psychologists with the highest publication rate; Institutional affiliations of authors and co-authors) and qualitatively according to the dimensions: (I) methodological design employed, (II) data analysis, (III) description of the phenomenological method, (IV) phenomenological method in therapeutic practice. The results indicate: greater production of articles in 2020; concentration of publications in a humanistic journal; predominance of authors and universities from Ceará and predominance of empirical productions. The most used instrument for data collection is the semi-structured interview; for data analysis, much was used to the one proposed by Giorgi and Sousa, however the most cited analysis method in the researches was the existential-hermeneutic phenomenological one, which was based on different authors and philosophers. The philosophical concepts proposed by Husserl appear in the psychotherapeutic practice of psychologists in a different way from that explored as described and detailed by Husserl, conceiving it as a (professional) posture, an attitude of understanding taken by the psychologist, thus evidencing his way of of intervention. Still, it is perceived the lack of a distinction between the specificities and objectives of the method, since the authors treat as synonyms the ideas of epoché, reduction, phenomenological reduction, with a general meaning of attitude, a posture of finding the client/patient without prejudices. Thus, it seems incoherent to apply the phenomenological method in the practice of Psychotherapy, directly as a psychotherapeutic resource, in view of its elaboration and development as a method of investigation and validation of phenomena, a particularly introspective, rational and reflective task.

Keywords: Edmund Husserl; Phenomenological Method; Humanistic– Phenomenological-Existential psychotherapy.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: Breve Histórico sobre a Psicoterapia em uma Revisão Narrativa.....	10
1.1. Sobre a psicoterapia moderna: da medicina moderna à psicologia clínica.....	13
1.2. A fundação da psicoterapia moderna com a Psicanálise: S. Freud e C. G. Jung.....	15
1.3. Da Psicanálise à Psicologia clínica.....	20
CAPÍTULO II: Da Psicoterapia Humanística à Fenomenológica-Existencial.....	28
2.1. A presença da Fenomenologia filosófica e do Existencialismo na Psicologia Humanista..	33
2.2. A Fenomenologia como uma “visão de mundo” nas Psicologia humanistas e existenciais.....	41
2.3. A “fenomenologia-existencial” da Gestalt-Terapia: proximidades e distâncias.....	45
2.4. A psicologia humanista de Carl Rogers: proximidades e distâncias.....	48
CAPÍTULO III: A Psicoterapia Humanista Fenomenológica E Existencial: Revisão Sistemática Qualitativa Da Literatura.....	61
3.1. Introdução.....	61
3.2. Método.....	67
3.2.1 Procedimentos.....	68
3.3. Resultados e Discussão.....	71
3.4. Considerações Gerais.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108

APRESENTAÇÃO

Começar uma caminhada na área de pesquisa é algo um tanto complexo e desafiador, principalmente quando se trata de uma pesquisa sobre as Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais, áreas bem comuns nos campos da Psicologia e das Psicoterapias, porque apesar de consolidadas, ainda trazem muitas dúvidas e inquietações em sua origem difusa, conceitos advindos de áreas distintas e práticas diversas. Sendo umas das minhas principais áreas de especialização na Psicologia e, principalmente, uma das minhas fontes de realização profissional e pessoal, esse campo se tornou um grande desafio de conhecimento, além claro, de possuir uma temática muito intrigante, uma vez que vem acompanhado de minha vivência como psicóloga clínica.

Apesar de ter apenas três anos atuando como psicóloga no campo da Psicoterapia, realizei estágios profissionalizantes em Psicologia Clínica nas modalidades de Psicoterapia breve e Plantão psicológico, ambos fundamentados na “Abordagem Centrada na Pessoa” de Carl R. Rogers. Também realizei uma extensão voltada para a temática do luto, em que pude trabalhar com a Psicanálise em atendimentos tanto individuais, quanto em grupo. Logo ao concluir minha graduação, cursei uma especialização *Lato Sensu* em Psicologia Clínica Humanista, Fenomenológica e Existencial, em 2019 – nome genérico atribuído às abordagens psicoterapêuticas que tiveram influências da Fenomenologia e do Existencialismo – e, embora as minhas atuações tenham sido realizadas em formatos um tanto distintos, as experiências que tive me possibilitaram crescimento como profissional, ao mesmo tempo que me nutriram de dúvidas e questionamentos, teóricos e práticos, o que motivaram o interesse pela realização dessa pesquisa.

Diante da formação teórico-prática dessa área da abordagem “humanista fenomenológica-existencial” e, especialmente, da minha prática clínica foram se apresentando diferentes teorias, concepções e formatos práticos que foram me conduzindo a importantes

confrontos entre o conhecimento teórico e técnico (minha atuação prática), causando certas vezes dúvidas e estranhamentos conceituais, mas sempre numa constante busca por maneiras mais “adequadas” e coerentes tanto de atuação, mas sobretudo de nomeação e definição dos conceitos que são “aplicados”.

Diante disso, ao olhar atentamente para as denominadas “Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais”, como têm sido compreendidas e desenvolvidas pelos psicólogos até hoje ao escolherem como abordagem orientadora em sua atuação clínica – além da minha própria formação e prática –, fui percebendo então uma série de desencontros conceituais e históricos, desde a origem até o desenvolvimento dessa abordagem. Assim, resolvi, certamente, me dedicar sobre tal temática de pesquisa, na tentativa de realizar uma crítica histórico-epistemológica construtiva e coerente, o que ao mesmo tempo, gerou momentos de angústia, uma vez que coloco a minha própria formação nessa área em evidência e concomitante dúvida, ao expor suas fragilidades e confusões de base.

Como se sabe, a diversidade de abordagens denominadas “Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais”, comumente é sempre relacionada à “Psicoterapia fenomenológica”, portadora de um histórico complexo de muitas influências teóricas, ao mesmo tempo, constituída de abordagens tão diferentes, com sentidos contraditórios (Krüger, 2014; Goto, 2015). A concepção de “Psicoterapia fenomenológica” é outra ideia que recebe explicações e conceituações diversas, com uma origem difusa e confusa, mesmo que sempre relacionada à Fenomenologia filosófica, carecendo de estudos e aprofundamentos sobre sua origem, sua relação epistêmico e metodológica com a Fenomenologia e a consequente atualidade dessas práticas e pesquisas, principalmente nos termos de uma visão geral do que vem sendo desenvolvido, reproduzido e apresentado hoje para, por fim, entendermos o estado da arte dessa psicoterapia.

Estudos recentes confirmam que os psicólogos, docentes e estudantes brasileiros ainda têm associado a Psicologia humanista estadunidense (Carl Rogers, Rollo May, Abraham Maslow, por exemplo) e as abordagens psicoterapêuticas de procedência europeia (Gestalt-Terapia, psicodrama, logoterapia e *daseinsanalyse*, por exemplo) com a Filosofia Fenomenológica e Existencial e desenvolvido seus estudos e práticas psicoterapêuticas, a partir de uma apropriação dessas correntes filosóficas, o que, na maioria das vezes, tem gerado equívocos, mantendo ou promovendo confusões conceituais e históricas (Orengo, Holanda, & Goto, 2020a; Orengo, Holanda, & Goto, 2020b; Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020). Essa abordagem da psicoterapia, de forma geral, foi sendo desenvolvida sob diferentes condições e perspectivas, assim como a Psicologia também foi se caracterizando pela diversidade teórica em suas dimensões básicas, em seus “pressupostos filosóficos, objeto de estudo teórico e pesquisa empírica, metodologia de investigação, fundamentos conceituais e aplicações práticas” (Krüger, 2014, p.165). Logo, diferentes abordagens de distintas épocas foram tomadas reduzidas a alcunha de “fenomenológicas”, tornando-se práticas sinônimas desse conhecimento.

No caso da Psicoterapia, podemos resgatar suas raízes ocidentais desde tempos que remontam à Grécia antiga, apresentando-se, inicialmente, como *terapeia*, ou seja, uma relação de ajuda, um método antigo de cura. No entanto, em outros momentos históricos, a psicoterapia tem seu início junto da ascensão da família burguesa e também esteve ligada a coerção social, sendo um produto do final do século XVIII (Marks, 2017). Diferentemente da Psicologia moderna, a formação da Psicoterapia moderna não foi acompanhada de uma organização programática, metodológica e debates objetivos, circunscritos a ciência e a universidade (Shamdasani, 2005). Apesar da Psicanálise, por exemplo, ter sua historiografia crescente e organizada ligada a fundação decisiva da Psicoterapia moderna, essa ainda não é a realidade

teórica para todas as abordagens na Psicologia, como por exemplo, a abordagem humanista de Carl Rogers ou a Gestalt-Terapia de Fritz Perls.

O movimento da Psicologia que se reuniu sob título de “humanista” foi denominado por “Terceira Força”, que se estabeleceu oficialmente nos Estados Unidos em 1961, em função do nome do Periódico oficial pela *American Psychological Association* (APA): *Journal of Humanistic Psychology*. Antes dessa formalização, havia nos anos de 1950 a *Rede Eupsiquiana*, organizada por Abraham Harold Maslow (1908-1970). Esta rede compunha uma lista de psicólogos que buscava uma proposta alternativa à Psicologia Comportamental e à Psicanálise, além de trocarem “trabalhos mimeografados entre os seus membros, a fim de movimentar e divulgar artigos que as revistas convencionais da APA rejeitavam” (Branco & Silva, 2017, p. 191). Nesse momento, Maslow aventou também outros nomes para a formalização desse campo, como: Psicologia do Ser, de Orientação Positiva, Ortopsicologia, Psicologia da Saúde, Psicologia Existencial etc. (Branco & Silva, 2017).

Os autores Besora (1986), Gomes, Holanda e Gauer (2004) e Krüger (2014) apontam que o movimento da Psicologia Humanista reuniu grande diversidade teórico-prática, o que conseqüentemente levou a falta de unidade entre eles, tendo em vista que os psicólogos (dentre outros profissionais e intelectuais) que se aliaram ao grupo de humanistas, vinculados a “Associação de Psicologia Humanista”, instituída em 1963 (Besora, 1986). Ainda, era um grupo de intelectuais e cientistas provenientes de diversas áreas, apresentando assim muitas diferenças conceituais entre si, sendo então reconhecido como um movimento que não tinha um alinhamento teórico e seus desdobramentos sem embasamento teórico bem estabelecido. No entanto, ainda foi um movimento bem recebido, pois constituiu-se em um movimento contracultura da época, (Besora, 1986) e tendo em vista sua proximidade com o senso comum, em razão do seu objeto de estudo bastante genérico, a saber a experiência consciente, teve uma grande difusão (Kürger, 2014).

As abordagens psicoterapêuticas “Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais” procuraram uma fundamentação teórica para suas práticas para além do positivismo da época e encontraram certos aportes na Fenomenologia e no Existencialismo (Filosofia existencial), o que acabou gerando a nomenclatura genérica de “Psicologia Clínica Humanista, Fenomenológica e Existencial” atribuído às abordagens psicoterapêuticas que tiveram influências dessas filosofias existenciais.

Contudo, faz-se necessário apontar que os autores humanistas como Abraham Maslow, Rollo May (1909–1994) e Carl Rogers (1902–1987), por exemplo, tinham a Fenomenologia e o Existencialismo com certas ressalvas. Dentre estas, apresenta-se as colocadas por Maslow (1962/1970 conforme citado por Branco & Silva, 2017), como: a defesa de uma Psicologia Humanista como ciência que se pautasse no paradigma pragmático, mesmo nesses modelos mais holísticos e “fenomenológicos”; quer dizer, a Psicologia ao se apropriar dessas filosofias não poderia perder o seu caráter experimental e empírico de fazer ciência¹. Nesse sentido, têm-se a possibilidade de uma aproximação com a Fenomenologia e do Existencialismo, voltado para a experiência e para a compreensão do outro como ser humano, mas enfatizando, como propunha Maslow, que se parta do conhecimento experimental, e não de conceitos abstratos, para então, aprofundar esse paradigma da compreensão do outro como ser humano (Branco & Silva, 2017).

Diferentemente das ressalvas de seus elaboradores, os psicólogos humanistas brasileiros (Orengo, Holanda, & Goto, 2020a; Orengo, Holanda, & Goto, 2020b) acabam aderindo e desenvolvendo essas abordagens na direção daquilo que foi justamente advertido pelos estadunidenses, ou seja, se apropriaram dessas filosofias para se afastarem do caráter científico e empírico da Psicologia. Isso gerou outra manifestação e circulação humanista, local e

¹ Como observa Branco e Silva (2017) o contato de Maslow com Adrian van Kaam, o criador do método fenomenológico empírico, e com Rollo May, que traduziu os textos dos Daseinanalistas europeus, fez com que Maslow enfatizasse que a Psicologia não deixasse o seu caráter experimental e empírico de ciência.

brasileira, justamente por acentuar os aspectos filosóficos da Fenomenologia e do Existencialismo (Branco, 2020).

A partir desse contexto, que aconteceu a aproximação com a Fenomenologia, uma filosofia que o matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938) inaugurou, em 1900, com suas “Investigações Lógicas” e que apareceu como a proposta de ser uma filosofia cientificamente rigorosa da experiência consciente, capaz de fundamentar a Filosofia e as ciências empíricas e, dentre elas, principalmente, a Psicologia (Goto, 2015). A Fenomenologia, como propôs Husserl, consiste em ser uma filosofia e método que promove a mudança de orientação de análise, pois tanto a Filosofia quanto as ciências no geral se orientam “naturalmente” para seus fenômenos, a partir do sentido do mundo. A Fenomenologia, mesmo tendo a referência dessa orientação, diferentemente, se volta a uma orientação inteiramente outra, exige um retorno “às coisas-mesmas” (*Zu den Sachen Selbst*), uma maneira intuitiva e livre de pré-conceitos para captar tudo aquilo que aparece, propriamente a essência do fenômeno tal como aparecem, buscando assim encontrar os fundamentos primeiros do conhecimento (Husserl, 1913/2006).

Para Husserl, a Fenomenologia se constituía em ser uma “ciência rigorosa”, buscando superar o naturalismo objetivante, psicologismo relativista e o positivismo reinante que dominava não só as ciências, mas inclusive a Filosofia (Husserl, 1954/2012). A Fenomenologia tinha o intuito de reformular a Filosofia como “ciência primeira” e, paralelamente, reformular a Psicologia como Psicologia fenomenológica, pretendendo, dessa forma, ser o fundamento metodológico sobre o qual se pode construir uma psicologia empírica cientificamente rigorosa (Husserl, 1927/1990; Goto, 2015). Nesse sentido, a Fenomenologia diferiu das filosofias da época (dos psicologismos) e ciências da consciência, pois exigiu uma descrição pura que buscava a análise reflexiva por ela mesma, deixando “entre parênteses” toda explicação filosófica e científica (Goto & Moraes, 2018).

Ainda, como aponta Ales Bello (2004, citada por Goto, 2015), foi no desenvolvimento da Fenomenologia que Husserl elaborou a “Psicologia fenomenológica”, pela necessidade de delimitar uma disciplina fenomenológica que reunia as descrições das estruturas psicológicas (vivências psíquicas), o que conseqüentemente poderia estabelecer-se como uma base segura e válida para a Psicologia, ou seja, estabelecer-se como uma ciência de rigor. Com essa concepção sobre a Psicologia fenomenológica, Husserl promoveu, por assim dizer, dois significados para a Fenomenologia: o primeiro como *Fenomenologia Transcendental*, isto é, uma filosofia fenomenológica das vivências fundantes, a priori e universais; o segundo como *Fenomenologia psicológica*, isto é, aquela que se ocupa da análise das estruturas psicológicas e das vivências psicológicas, de forma a identificar os atos psíquicos em suas estruturas essenciais (Husserl, 1927/1990; Goto, 2015). Podemos dizer, que esse desenvolvimento implicou diretamente no impasse – já denunciado por Husserl em seu artigo “Filosofia como ciência de rigor” (1965/1910) – da Psicologia científica em ser a ciência fundamental e autêntica da subjetividade. Agora, distintivamente, com ambas disciplinas analíticas, lado a lado, têm-se a possibilidade da construção de uma Psicologia autêntica, uma psicologia eidética que pode fornecer um alicerce seguro para a psicologia empírica, uma vez que à Psicologia interessa a consciência empírica, e a fenomenologia interessa a consciência pura. Além disso, reestabelece definitivamente um “sistema de relações entre a subjetividade e a objetividade, evitando a ruptura entre objeto/objeto e mundo vivido e mundo teórico” (Goto, Holanda & Costa, 2018, p.47).

É interessante ressaltar que Fenomenologia de Husserl se transformou com o passar do tempo em movimento filosófico importante em meados do século XX, sendo denominado por Spiegelberg (1982), como “movimento fenomenológico”, justificado por algumas relações metafóricas. Conforme relacionou Spiegelberg (1982), a Fenomenologia é um movimento, por ser uma filosofia dinâmica e ter tido um desenvolvimento bem:

determinado por seus princípios intrínsecos, bem como pelas ‘coisas’, pela estrutura do território que encontrou; por ter um movimento como um fluxo, ela compreende várias correntes paralelas que estão relacionadas, mas não são homogêneas, e podem se mover em velocidades diferentes” e, ainda, foi um movimento fenomenológico por ter um ponto de partida comum, mas não precisam ter um destino comum definido e previsível, sendo compatível com o caráter de um movimento que seus componentes ramificam em diferentes direções (Spiegelberg, 1982, p. 02, tradução nossa).

Destarte, é diante todo esse contexto, mesmo que ainda amplo, que essa pesquisa buscou compreender como as chamadas “Psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais” têm concebido o “método fenomenológico” na prática psicoterápica, manejam e realizam o método sugerido pelo filósofo Husserl, averiguando se, de fato como, podem se conceber como “fenomenológicas”, a partir de um denominador comum que orbita em torno do método fenomenológico. Temos clareza que “Psicoterapias fenomenológicas” é uma nomenclatura genérica atribuída a muitas modalidades e tendências da Psicoterapia, advindas do movimento da “Psicologia Humanista”, mas que, ainda, que é uma corrente teórica e aplicada usualmente na Psicologia, também de difícil identificação, tendo em vista que essa corrente assumiu formas diferentes, fazendo com que a Psicologia humanista ficasse associada às Filosofias da Existência cuja relação está com a Psicologia Existencial, a Psicologia Humanista e a Psicologia Fenomenológica (Krüger, 2014; Goto, 2015).

Com isso, somam-se duas questões a serem colocadas em consideração a “Psicoterapia fenomenológica”, a saber: a relativa negligência historiográfica no campo da Psicoterapia², sobretudo a de orientação “fenomenológica” e da própria Psicologia Humanista, fazendo com que ainda seja importante uma reconstituição teórico-histórica, além da falta de pesquisas que delimitam as fontes epistemológicas e metodológicas das Psicoterapias fenomenológicas,

² O que pode ser sentido ainda pelo desconhecimento de usuários desses serviços, mas também os próprios profissionais, fazendo com que minimizassem seu impacto social (Shamdasani, 2005).

humanistas e existenciais, apurando a partir da influência de circunstâncias externas como o contexto social, econômico, político e ideológico (Shamdasani, 2005); e uma melhor contextualização teórica da Psicologia humanista estadunidense desde seu início, explicitando sua intenção de exercer atividades profissionais no campo da Psicoterapia e da Psicologia aplicada, o que conduziu a certa “precariedade de suas estruturas teóricas, bem como procedimentos flexíveis utilizados nas práticas profissionais” (Krüger, 2014, p.171).

Por fim, têm-se a plena consciência de que essa pesquisa não conseguirá abarcar todos os aspectos de um fenômeno de tal complexidade, uma vez que se trata de um recorte da realidade nacional, brasileira, mas é fundamental que se inicie um debate investigativo e necessário sobre a história, fundamentos, identidade e método dessa abordagem tão conhecida e, ao mesmo tempo, tão nebulosa chamada de “Psicoterapia Fenomenológica”, no que tange suas atuações práticas e pesquisas qualitativas em Psicologia.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, são apresentados três capítulos que foram construídos, pela seguinte lógica expositiva para tratar o tema. No Capítulo I apresentou-se um breve histórico acerca da Psicoterapia, cujo objetivo principal foi fornecer um contexto histórico e consistência teórica aos estudos seguintes. Para o desdobramento desse capítulo, adotou-se como método a revisão narrativa ou tradicional (Rother, 2007; Batista & Kumada, 2021). No Capítulo II realizou-se também uma revisão também narrativa, mas sobre a Psicoterapia Humanista Fenomenologia Existencial, dando continuidade histórica, porém específica aos nossos objetivos, do capítulo anterior. Por fim, no Capítulo III apresentamos uma revisão sistemática qualitativa da literatura (RSQL) (Costa & Zoltowski, 2014), a fim de averiguar como procedem, quais as modalidades e tendências da “Psicoterapia Fenomenológica” no contexto brasileiro, analisou-se a maneira pela qual os psicólogos têm lidado com o método fenomenológico na prática da Psicoterapia fenomenológica.

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO SOBRE A PSICOTERAPIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Introdução

O termo *psicoterapia* foi empregado, inicialmente, para referenciar toda prática de cunho médico-filosófico e depois médico-psicológico que se utilizasse de métodos específicos. A psicoterapia tem sua constituição desde antes da medicina antiga, quando se tem em vista as sociedades organizadas pelo mito oral e sobre a influência da magia (Laín-Entralgo, 1964). Nessas sociedades temos a presença de uma psicoterapia primitiva representada pela figura da parteira, do curandeiro. Em “A eficácia simbólica” de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), foi desenvolvida uma análise estrutural do ritual de indígenas do Panamá. Nesses rituais, Lévi-Strauss (1970) traz a figura do xamã que cura as dores do parto, sem intervenção médica ou física, mas através de um mito, de um relato mítico, evidenciando uma raiz antropológica para reverter sintomas mentais, dores físicas, entre outras, pela palavra, num certo regime de relação, chamado pela psicanálise de transferência (Dunker, 2011). Segundo apresenta o antropólogo, existem estruturas homólogas entre o mito e as estruturas corporais, que podem interferir entre si, existindo uma mensagem que circula entre ambas. Em outros termos, isso representa o conceito de eficácia simbólica, pois coloca em tela a dor do parto, por exemplo, a fim de que se encontre uma via, uma saída mítica para essas dores (Lévi-Strauss, 1970; Renshaw, 2006).

Na Grécia antiga, com a manifestação da racionalidade e da consciência da razão, se constituiu uma tradição médico-filosófica na região, partindo de filósofos como Tales de Mileto, Hipócrates, Sócrates, Platão, chegando então a Galeno, cujo cuidado com os doentes passou a ser entendido como *tékhne iatriké*, em que se incluía uma técnica médica. Nesse sentido, a medicina filosófica também passou a ser empírica, como também mágica, consistindo

em repetir algo que em outro momento se mostrou favorável. “A empiria consiste em repetir a prática que em determinado caso se mostrou favorável (...) já magia é a pretensão de administrar através de certos ritos forças superiores ao poder humano” (Lain-Entralgo, 1964, p.15).

Na Idade Média, a Igreja determinava o que era entendido como saúde e doença, sendo essa o resultado de uma vontade sobrenatural. Apesar de parecer um desafio conciliar os pensamentos filosóficos advindos da antiguidade com o Cristianismo (Chauí, 1996), a concepção de vida interior advém desse período com o Novo Testamento, sendo a confissão um veículo para a expressão interior (Lain-Entralgo, 1964). Com o Renascimento (século XIV se estendendo até o século XVII), temos o surgimento do racionalismo, doutrina que se inspirou nos valores da Antiguidade Clássica, e reformulou a vida medieval e dando início à Idade Moderna. Com isso, a sociedade foi se secularizando, sendo um período importante para a psicoterapia, tendo em vista o surgimento da filosofia natural, com Nicolau Copérnico, Johannes Kepler e Galileu Galilei, contribuindo para as concepções da ciência moderna. Nesse sentido, as perturbações mentais saíram de uma lógica governada pelo Cristianismo, e passaram a ser compreendidas como doenças mentais, advindas da própria humanidade (Lain-Entralgo, 1964). Assim, a psicoterapia torna-se o lugar para se acessar e tratar esse paciente com problemas psicológicos.

A medicina antiga que buscava cuidar dos problemas da alma foi então nomeada como tratamento ou terapia da alma (Lain-Entralgo, 1964). A palavra Terapia “provém do grego *therapeia*, do verbo *therapeúo*, prestar cuidados médicos, tratar. O termo foi usado em medicina por Hipócrates e Galeno, que se referiram à terapia médica e cirúrgica para designar os cuidados com os enfermos visando a obter a cura das doenças” (Rezende, 2010, p.149). E, a palavra Terapêutica, do grego *therapeutiké*, está relacionada a arte, isto é, a ciência de escolher as terapias adequadas às doenças diferentes, não somente as físicas (Rezende, 2010).

O final do século XIX testemunhou uma infinidade de novas terapêuticas, à medida que modismos se espalhavam pelo mundo médico. Pode-se datar o nascimento da clínica moderna entre o final do século XVIII e início do século XIX. Muitos autores buscaram defini-la, mas por ser muito complexa e sua descrição poder facilmente se tornar uma mera simplificação que a reduza a algum de seus componentes ou maneiras de percebê-la, faz com que seja uma tarefa difícil (Feixas & Miró, 1993). Com isso, uma definição de psicoterapia, desde sua elaboração moderna até os dias de hoje, ainda é não-consensual, uma vez que existem diversos critérios e metodologias, tanto de habilitação, por seus fins ou eficácia, quanto em relação a orientação teórico-prática (Ellenberger, 1976). Existe ainda sua afinidade com práticas mágico religiosas, estratégias científicas ou com visões particulares de mundo, combinando-se com diferentes técnicas corporais, grupais, pedagógicas e farmacológicas (Dunker, 2011).

A Psicoterapia médica moderna deu-se a partir de Sigmund Freud (1856-1939), cujo objeto de reflexões e prática levou a fundar a “Psicanálise”, sendo que a ascensão dessa última, de fato, marcou a inauguração do campo contemporâneo da Psicoterapia. Também outros colaboradores de Freud tiveram um papel fundamental como elaboradores e continuadores da ideia de Psicoterapia, como o psiquiatra suíço Carl G. Jung (1875-1961), que influenciou em grande medida para que a Psicanálise se organizasse enquanto uma instituição específica, como na formalização da análise didática (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014). Enquanto, o escritor Otto Rank (1924) foi o primeiro a articular sobre o trauma do nascimento tentando estabelecer uma relação entre as primeiras fobias em crianças e as impressões nelas causadas pelo nascimento, propondo então que o paciente no processo analítico, reproduzisse esse trauma com o médico – objeto substituto – e se libertasse definitivamente da influência do trauma do nascimento. Nesse sentido, tem-se Jung e Otto, exemplos decisivos que como colaboraram e continuaram com da ideia da Psicoterapia, para além do escopo freudiano.

Assim, diante desse breve percurso histórico-conceitual, nota-se o quanto é longa e complexa a história e o desenvolvimento da Psicoterapia. Dessa maneira, o presente estudo tem por finalidade apenas tratar sobre o tema da Psicoterapia moderna com o objetivo de, a partir desse trabalho histórico-bibliográfico, perfilar uma compreensão acerca de sua natureza. Ainda, esse estudo se justifica uma vez que busca por um aprofundamento do tema pela senda das psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais, de modo a se situar nessa rede de discussões. Assim, apresenta-se aqui um breve recorte histórico acerca da Psicoterapia, a partir de uma revisão narrativa que, visando abordar com o objetivo da pesquisa, a saber: a compreensão da ideia e práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais, a fim de averiguar suas modalidades e tendências.

1.1 Sobre a psicoterapia moderna: da medicina moderna à psicologia clínica.

A história da psicoterapia moderna compreende um vasto campo, que remonta aos primórdios da história da Medicina no Ocidente. Nesse estudo, não se busca dar conta de todo empreendimento histórico de reconstituir a história da psicoterapia, desde a medicina antiga, medieval e moderna, mas de reconhecer alguns de seus precursores ligados a ela, para então focar na questão principal, ou seja, como as Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais têm lidado com o método fenomenológico na prática da psicoterapia.

Tem-se que o clínico Paul Meehl (1920-2003) afirmou que a psicoterapia é “a arte de aplicar uma ciência que ainda não existe” (1960, conforme citado por Feixas & Miró, 1993) e tal definição tem contribuído para evidenciar como ainda tem estado a situação da psicoterapia e como essa vem se desenvolvendo, assim como para revelar a aspiração de compreender o que essa prática vem a ser. Mesmo sem um consenso acerca de sua definição, a psicoterapia, como um ramo da psicologia clínica, sempre está em desenvolvimento e ampliação. Desde então, tem-se uma pluralidade de abordagens psicoterapêuticas nos campos da Medicina clínica e da

Psicologia clínica e, conseqüentemente, uma série diversificada de definições acerca da psicoterapia. Como confirmam Feixas e Miró (1993, p. 08): “Muitas definições estão ligadas à conceituação que torna o processo e os objetivos terapêuticos um modelo particular. Assim, alguns são baseados na resolução de dinâmicas inconscientes, outros na mudança de comportamentos observáveis, etc”.

Destarte, conforme o historiador Henri Ellenberger (1905-1993), a Psicoterapia moderna remonta suas raízes desde os primeiros empenhos de cura psíquica atribuídas às práticas médicas de Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico que desenvolveu a teoria e a prática do chamado “magnetismo animal”, mais tarde sua teoria ficou conhecida como mesmerismo e depois modificado como hipnotismo (Ellenberger, 1976). Todavia, outros movimentos que se destacaram, além do magnetismo animal, foram a metaloterapia, as práticas de purificação, incluindo um leque de compromissos com discursos religiosos, pedagógicos, místicos (Cautin, 2011).

Inicialmente, Mesmer se utilizava de imãs para realização dos tratamentos, pois acreditava que seria uma forma de restaurar o equilíbrio de fluidos corporais e, assim, a saúde do paciente. Tal aplicação era dolorosa, mas seus resultados eram benéficos. Depois de um tempo, o médico passou a utilizar apenas suas mãos, pois em seu corpo já existiam componentes magnéticos. Mais adiante, percebeu, baseado em seus experimentos clínicos, que os efeitos benéficos do magnetismo animal não dependiam do contato com o agente magnetizante e que esses poderiam ser encontrados também com a água, espelhos e música. Com a popularidade desse método na França, o rei Luís XVI pediu estudos para se averiguar a validade empírica. Ao final, tal conceito fora condenado, e os efeitos atribuídos à imitação e sugestão. Muito semelhante a esses feitos, encontra-se os efeitos da hipnose, sendo o mesmerismo considerado o precursor da hipnose moderna (Ellenberger, 1976).

Todavia, certamente, foi a modernidade que ofereceu um cenário político, científico e social para a constituição da medicina moderna e da concepção de clínica médica psiquiátrica, contexto importante da fundação da então chamada “Psicoterapia moderna”. Um contexto que trouxe fatores decisivos como a constituição da individualidade, concepção de indivíduo livre, sua interioridade (subjetividade) e valor social, criação da concepção de infância e da loucura, assim como doença mental, além da estrutura da Medicina moderna e sua dinâmica do controle dos costumes foram importantes para a apropriação da Psicoterapia pela Psicologia (Foucault, 1987). Por fim, a Psicologia moderna e científica, também acabou se apropriando da Psicoterapia, porém, de forma tardia, uma vez que ainda em meados do século XIX, a Psicologia foi inaugurada enquanto ciência natural, uma epistemologia psicologista que se separou da Filosofia, fundamentalmente depois de incorporar o modelo científico-natural às suas investigações, desenvolvendo-se em laboratórios experimentais (Giorgi, 2010).

1.2 A fundação da Psicoterapia moderna com a Psicanálise: S. Freud e C. G. Jung.

De maneira geral, pode-se referir a Psicoterapia num sentido amplo como um tratamento de doenças emocionais ou físicas por meios psicológicos, pressupondo a crença na influência do psiquismo sobre psíquico e desse sobre o corpo (Laín-Entralgo, 1964; Feixas & Miró, 1993; Cautin, 2011). Todavia, será em 1890, em “Tratamento Psíquico – Tratamento da Alma” (Freud, 1890; 2020) [*Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)*] que Sigmund Freud (1856-1939) escreveu um dos textos fundadores da “Psicoterapia moderna”, diferenciando então o tratamento da alma do tratamento psíquico. Nesse texto, percebe-se o estágio inicial da disseminação cultural e do reconhecimento das práticas psicoterápicas, em que Freud “oscilava sua retórica entre a exigência e necessidade da abordagem científica das causas dos estados patológicos e os aspectos históricos das práticas de cura pela palavra” (Dunker, 2011, p.19).

Pode-se considerar a Psicanálise³ freudiana como uma psicoterapia ou não, mas essa tem papel importante na chamada Psicoterapia moderna (Dunker, 2011).

As contribuições de Freud, especialmente aquelas com a fundação da Psicanálise, foram as que mais propriamente definiram a Psicoterapia moderna, visto que modificaram decisivamente o conceito e prática psicoterapêutica na história da clínica médica e psiquiátrica, ao afastar de seu método recursos terapêuticos como a eletroterapia, hidroterapia, hipnose, sugestão e a catarse⁴ (ab-reação) (Ellenberger, 1976), sendo na clínica da histeria um exemplo da falência de métodos reconhecidos na neuropatologia de sua época, ao adotar a método da fala e escuta (Freud, 1890; 2020). Em “O Método Psicanalítico Freudiano” (1904 [1905]; 2020), Freud mostrou que a hipnose “não acaba com a resistência, apenas desvia dela e, por isso, só fornece informações incompletas e sucessos passageiros” (p.56). Ainda, que processo catártico, aquele elaborado por Freud e Breuer e relatado em “Estudos sobre a histeria” (1895), pressupunha que o paciente fosse hipnotizável e, portanto, fundada na arbitrariedade desse, porque pouco dependia da habilidade daquele que estivesse com o papel de analista, mas, fundamentalmente do paciente. Dessa forma, ao abandonar a hipnose e a catarse, Freud não apenas estava garantindo uma quantidade quase ilimitada de doentes, mas por que:

O esquema simples da intervenção terapêutica [a hipnose], no entanto, começou a se complicar quando ficou evidente que não era uma impressão única (traumática), mas geralmente uma série dessas impressões, difíceis de serem superadas, que participavam do surgimento do sintoma (Freud, 1904 [1905]/ 2020, p. 52).

³ Psicanálise”: a primeira aparição do termo acontece pela primeira vez em “A herança e a etiologia das neuroses” (Freud, 1896). Apesar disso, Freud, como observa Dunker (2021) mesmo antes de 1896, já tinha pelo menos dez anos de uma trajetória formativa de experiências de observação (clínico) e experiências de tratamento psíquico (psicoterapeuta).

⁴ Conforme o *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco (1998), o método catártico é o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e, então, ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a eles ligados.

Assim, ao afastar seu método dessas técnicas, Freud promoveu uma prática fundamentada na escuta, o que permitiu maior investigação do funcionamento psíquico. Com isso ele se afastou da psicoterapia de “ação médica operada mediante recursos objetivos, instrumentais, apelando para forças de outra espécie — físicas, químicas, biológicas —”, para uma psicoterapia cujas forças vêm “do diálogo, da ‘fala’, da verbalização e tudo aquilo que implicam afetiva e cognitivamente (Bucher, 1989, p.43). Ademais, a descoberta de conceitos essenciais como a transferência, resistência e outros processos do aparato psíquico, permitiram uma nova teoria psicológica e um novo método de intervenção: a cura pela fala, ou seja, a Psicoterapia (Ellenberger, 1976; Fochesatto, 2011).

No entanto, é possível reconhecer também outras origens da Psicoterapia também na América, embora, frequentemente, essas muitas estiveram também associadas ao trabalho de Freud (Cautin, 2011). Na América, a Psicoterapia estava ligada à prática da sugestão, uma vez que os termos “psicoterapia” e “psicoterapêutico” estavam ainda remontando a Hippolyte Bernheim (1891)⁵ que havia estabelecido a relação entre os termos psicoterapia e sugestão, ou seja, tratamento da alma (Shamdasani, 2005). Mas, tal preocupação e esforço para separar essa associação pode ser reconhecida por meio do exemplo dado por Freud, em que o método sugestivo é comparado a pintura que opera *per via di porre*; por acréscimos, e a psicoterapia científica *per via di levare*, ou seja, por retiradas como quando se faz uma escultura (Freud, 1905/ 2020).

As raízes da Psicoterapia moderna compreendem um campo extenso de práticas curativas como o tratamento moral (cura mental ou terapia mental) desenvolvido desde por volta da virada do século XIX, que representou uma reação contra a hegemonia do materialismo

⁵ “A desidentificação da psicoterapia da hipnose e da sugestão atingiu seu apogeu com o trabalho de Paul Dubois, médico de Berna. Em 1904, ele publicou *Les Psychonévroses et leur traitement morale* que foi uma obra muito popular. Dubois lançou uma crítica à sugestão, alegando que ela só aumentava o estado de servidão dos pacientes” (Shamdasani, 2005, p.18).

na medicina estadunidense. De maneira geral, o tratamento moral compreendia, em sua maioria, métodos não fundamentados em uma pesquisa empírica ou teórica, como por exemplo: a sugestão, persuasão, reeducação e hipnose, sendo tais termos geralmente usados de forma intercambiável ou sem conotações técnicas (Dunker, 2011).

A comunidade médica, usualmente, não tratou de maneira científica o efeito anímico sobre o corpo, postulado pelo magnetismo animal e pelos movimentos decorrentes, desconsiderando esses tratamentos “anímicos” (psicológicos nos termos atuais) como médicos. Isso levou à ideia que os aspectos da “psicoterapia” da época se pautavam em aspectos incompatíveis com os paradigmas científicos do campo médico. Dessa forma, esses profissionais buscavam proteger a legitimidade científica de sua profissão. Mas, ainda assim, o “movimento psicoterápico” crescia aos poucos na comunidade científica, estimulado pelo fascínio popular, sendo abarcado pela comunidade médica como técnica auxiliar (Cautin, 2011). Cabe lembrar ainda, que mesmo no século XX, a Psicanálise freudiana⁶ foi tratada como uma técnica auxiliar da Medicina e da Psiquiatria, sendo vista como uma entre várias outras técnicas naquele contexto que partiam da modificação do método catártico de ab-reação de Breuer-Freud. Como exemplos de métodos que passaram a ser desenvolvidos a partir do método catártico de Breuer-Freud: Ludwig Frank (1863-1935) com a *Psychanalyse*, Dumeng Bezzola (1868-1936) com a Psicossíntese (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014).

Então, em 1908, Auguste-Henri Forel (1848-1931) propõe em seu artigo⁷ a criação de uma associação geral de Psicoterapia, a fim de afastar “pseudoterapias” e “pseudoterepeutas”, buscando organizar a disciplina em uma terminologia internacional, além de promover congressos para aproximar psicoterapeutas de todas as tendências, facilitando, assim, a troca

⁶ Estamos nos referindo à psicanálise especificamente freudiana, uma vez que já na época de sua constituição, os próprios dissidentes estavam nomeando seus trabalhos como psicanálise, dentre outros nomes semelhantes. Como exemplo temos: Josef Breuer (1842-1925), que utilizava o mesmo neologismo adotado por Freud.

⁷ Forel, *Zum heutigen Stand der Psychotherapie*, *Journal fur Psychologie und Neurologie*, v. 11, p.266-9. (conforme Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014, p.77).

científica. Um ano depois, a “Sociedade Internacional de Psicologia Médica e Psicoterapia” foi fundada em Salzburgo, na Áustria, com o objetivo de unir as diferentes psicoterapias pois, segundo Forel, faltava coordenação entre as diferentes orientações da psicoterapia (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014).

Na sequência, em 1910, a Psicanálise freudiana funda, no Congresso de Nuremberg, a “Associação Internacional de Psicanálise” (IPA), agrupando formalmente os adeptos da doutrina freudiana. Nesse sentido, como expõem Borch-Jacobsen e Shamdasani, (2014) a fundação da IPA foi um modo de impedir que a Psicanálise fosse englobada pela associação proposta por Forel, uma vez que essa não concedia lugar especial a Psicanálise, deixando que Forel e Ludwig Frank tomassem a liderança da verdadeira Psicanálise científica, reservando a S. Freud e Carl G. Jung (1875-1961), lugares posteriores nessa Associação.

É importante ressaltar que a ideia de Psicoterapia moderna então fundada por Freud, foi, como analisa Ellenberger (1976), elaborada conjuntamente com Carl G. Jung, sendo que o sucesso da Psicanálise freudiana se deu devido a forma específica de sua transmissão que a inaugurava, isto é, com a análise didática⁸. Essa foi a maneira encontrada por Jung, em 1912, e aceita por Freud, que buscava remediar conflitos simétricos de interpretações (teorias), uma vez que a primeira proposta de Freud: de que auto-observação⁹ era suficiente para uma autoterapia psicanalítica, gerava muitos desentendimentos, tendo em vista que cada pessoa poderia interpretar à sua maneira. Assim, no artigo “*Recommendations to physicians practicing psycho-analysis*”, Freud apresenta, por fim, a análise didática. Ademais, a metáfora do Barão de Münchhausen, um homem que tentou puxar a si pelos cabelos para sair de um pântano em que ele e seu cavalo haviam caído, serviu para evidenciar que é terapeuticamente mais efetivo

⁸ A análise didática corresponde ao processo de análise que cada futuro analista tivesse ao ser analisado por outro analista com conhecimento especializado em Psicanálise.

⁹ Ou auto-observação introspectiva, na época era algo comum de se realizar. Apenas no prefácio da segunda edição de “A interpretação dos sonhos” que Freud faz a primeira alusão a psicanálise sobre si mesmo, utilizando o termo autoanálise, diferente da simples autointrospecção (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014).

se submeter ao juízo objetivo de outrem, e nesse sentido, apresentar que a análise didática traz benefícios, como ir além do que já se sabe sobre si (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014). Em síntese, a análise didática na psicoterapia buscava garantir que as neuroses do analista não deformassem suas interpretações, mas na prática estava dizendo que se deveria interpretar do modo autorizado por Freud, que buscava uma padronização hermenêutica. Dessa forma, a análise didática foi decisiva para a institucionalização da Psicanálise, pois afastou a psicologia das práticas médicas e psiquiatras, e também decisiva para a propagação do movimento Psicanalítico definitivo, ou seja, o freudiano (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014).

A presença e colaboração de Jung para a constituição da psicoterapia pode ser percebida. Também, em seus estudos posteriores, isto é, em sua segunda metade da vida, momento em que tinha se separado dos estudos com Freud, o que também pode ser pensado em relação a outros dissidentes desse pensamento, como Alfred Alder (1870-1937). Tais desdobramentos da Psicoterapia pelos dissidentes podem evidenciados com o desenvolvimento da Psicologia Analítica, sendo essa uma psicologia aplicada a compreensão das experiências do universo interior do indivíduo, além de um método psicoterapêutico para conflitos da psique humana. Também com o desenvolvimento da Psicologia Individual de Adler que levou em consideração o meio social, assim como os complexos provocados pelo conflito com o envolvimento social que podem se mostrar numa dinâmica patológica, devendo ser cuidada de um ponto de vista psicoterapêutico.

1.3. Da Psicanálise à Psicologia Clínica.

O termo “psicologia clínica”, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), era utilizado com longo espectro, podendo ter sido assimilado da Psicanálise de Freud em 1909, desde sua primeira e única visita aos Estados Unidos, uma vez que tinha reconhecida sua teoria como uma “ciência legítima da psicologia”, muito embora tenha inicialmente sido também

entendida como apenas um método variante dentro do movimento da Psicoterapia existente (Cautin, 2011). Ao longo da primeira metade do século XX, a psiquiatria e os tratamentos psicanalíticos dominaram o panorama da Psicoterapia, e nesse tempo a Psicanálise não teve rival importante, tornando-a sinônimo de Psicoterapia. Em síntese, a Psicanálise, de certa forma, dominou o campo da Psicoterapia não somente na Europa, mas afetou também a teoria e a prática da psiquiatria estadunidense, visto que forneceu um modelo etiológico e metodológico de tratamento, chegando a estabelecer por lá um movimento psicanalítico.

Após a Guerra do Vietnã (1955-1975), à medida que a Psicanálise se estabelecia dominante, tornou-se também o ponto de referência para o desenvolvimento de outras psicoterapias, novas teorias e abordagens que buscaram se aprofundar em aspectos não colocados ou representados pela psicanálise (Blatner, 2012). Ademais, enfatizando os conceitos freudianos, ideias como neurose ou trauma de guerra, passaram a ser empregados para a compreensão e tratamento do “choque de guerra”, após a primeira Guerra, o que fez com que a Psicanálise ganhasse ainda mais relevo no tratamento psicoterapêutico. Dessa forma, médicos passaram também a se aproximar da Psicologia, embora os escritos psicanalíticos de Freud da década de 1890, não tenham recebido atenção considerável nos círculos científicos americanos até meados da primeira década do século XX (Jaques, 2012).

A Psicologia estadunidense remonta sua origem histórica na psicologia experimental, sendo posteriormente desenvolvida, em sentido prático, como Psicologia aplicada. Assim, James McKeen Cattell (1860–1944), por exemplo, inspirado no trabalho de Francis Galton (1822–1911), desenvolveu testes, criando medidas de várias habilidades sensoriais e motoras. Essas medidas, apesar de sem valor preditivo, levaram a criação de outras medidas de funcionamento intelectual. Ainda, foi com o trabalho de Alfred Binet (1857–1911), que se passou a medir a inteligência, avaliando as habilidades associadas ao sucesso acadêmico. Tais

medidas de inteligência passaram por modificações até serem utilizadas na avaliação de militares e recrutas durante a Primeira Guerra Mundial, tornando-se populares.

A abordagem Behaviorista de John B. Watson (1878–1958), psicologia propriamente estadunidense, buscou repensar a Psicologia, a partir do ramo experimental, cujo objetivo teórico era a previsão e controle de comportamentos, uma vez que entendia não serem científicos os estudos que vinham sendo realizados pela Psicologia até então, como o uso da consciência e a da introspecção. Deste modo, o Behaviorismo passou a ocupar espaço na academia, mas demorou para que a terapia comportamental tomasse evidência, visto que era incongruente com o *Zeitgeist* da época, que privilegiava o processo terapêutico longo, dedicado à descoberta de material inconsciente. Dessa forma, os psicólogos acadêmicos não se aproximavam de aplicações clínicas psicanalíticas, tendo em vista que se compreendia que a prática psicológica minava o *status* da Psicologia enquanto uma disciplina científica (Gomes, Holanda, & Gauer, 2004; Cautin, 2011).

No campo da intervenção, a teoria traço e fator alinhava-se aos princípios da psicometria e do positivismo, privilegiando a adaptação e o ajustamento, uma vez que buscava reconhecer das habilidades e competências de cada indivíduo para o mundo do trabalho. Essa teoria era empregada principalmente na orientação escolar e profissional, e, portanto, se distinguia do campo da Psicoterapia, por seu caráter mais mecanicista (Scheffer, 1980; Schmidt, 2012 conforme citado por Scorsolini-Comin, 2014). No entanto, o psicólogo Carl R. Rogers (1902-1987) aproximou os dois campos: da prática do aconselhamento psicológico à psicoterapia, uma vez que suas contribuições tornaram o aconselhamento um processo menos mecânico e diretivo, sendo a primeira manifestação de aconselhamento psicológico, como Psicologia aplicada à clínica em uma relação de ajuda.

Cabe ressaltar que o período pós-guerra refletiu na medicina uma mudança paradigmática quando o materialismo positivista prevaleceu, e nesse sentido, todas as doenças,

mentais e físicas, buscavam se desvencilhar de uma origem metafísica. Com isso, aquelas doenças que não tinham sua origem desvencilhada eram reconhecidas como sintomas psicológicos e comportamentais, mas mesmo assim, a terapêutica psicológica como meio de aliviar esses sintomas era relativamente impopular entre os médicos, tendo em vista que técnicas eram implementadas de acordo com teorias próprias, às vezes desconexas. Essa nova situação oferece um contexto importante para compreender o desenvolvimento subsequente da prática psicológica atualmente (Cautin, 2011).

Ainda que os psiquiatras fossem a principal fonte da Psicoterapia, isto é, se utilizavam dessa como técnica auxiliar e, portanto, dominantes no oferecimento do diagnóstico e tratamento da psicopatologia, crescia também o número de psicólogos que estava assumindo essa responsabilidade. Assim, a Psicologia aplicada expandiu bastante durante as primeiras décadas do século XX e muitos membros da APA se dedicavam a ambientes aplicados. Durante as décadas de 1920 e 1930, os psicólogos que antes da Primeira Guerra Mundial estavam mais presentes em hospitais psiquiátricos, instituições de assistência social e escolas, e se dedicavam à pesquisa, avaliação e orientação, passaram a expandir os limites do campo, o que veio a fomentar tensões entre a Psicologia e a Psiquiatria. Como descreveu Rogers:

Pelo facto de o país estar consciente desta situação é que se ouve falar, cada vez mais, e por todo o lado, sobre serviços de *counselling* [aconselhamento] para militares. [...] Resumindo, organizações locais, estatais e nacionais, agências governativas e agências privadas, profissionais de educação, serviço social, psicologia e de outros campos todos estão interessados na área do *counselling* (Rogers, 1946/2000, p. 09).

No pós-guerra, ademais, à medida que a industrialização se acentuava, a especialidade de orientação vocacional também crescia, e com ela a Psicologia clínica. No final do século XIX psicólogos buscavam maneiras de aplicar a ciência psicológica aos problemas que as pessoas vivenciavam, como em dificuldades de aprendizagem ou doenças mentais (*Society of*

Counseling Psychology, 2016; Castelo-Branco & Cirino, 2016a). O caminho para que os psicólogos garantissem identidade e *status* profissional como “clínicos” veio definitivamente com os impulsos da segunda Guerra Mundial, bem como observou Rogers que, frente esta situação, passou a ter “uma necessidade urgente de formação breve e intensiva de *counsellors* que lidem com problemas vocacionais, pessoais e educativos dos nossos milhões de homens e mulheres no exército. Assim, a própria *American Psychological Association* (APA) – que anteriormente não se propunha a reivindicar pautas aos psicólogos aplicados, visto que seus estatutos estavam direcionados para a promoção da psicologia enquanto uma ciência acadêmica –, em 1946 criou a Divisão de Aconselhamento e Orientação, a partir dos esforços de John G. Darley, diretor do *Counseling and Testing Bureau at the University* da Universidade de Minnesota e que impulsionou o avanço da Psicologia como ciência, prática terapêutica e meio de promover o bem-estar humano (Whiteley, 1984).

Esse novo impulso da Psicologia teve contribuições científicas sobre a Psicoterapia e o Aconselhamento realizadas por Carl Rogers que desenvolveu pesquisas experimentais e empíricas sobre os processos de mudança de personalidade na clínica psicológica, a fim de validar sua proposta de Psicoterapia para a APA (Castelo-Branco & Cirino, 2017a, 2017b). Com o desenvolvimento dessas pesquisas e seus resultados foi possível os psicólogos reivindicar e obter o ofício da Psicoterapia como Psicologia Clínica. Rogers (1942/2005) mostrou que uma relação de aconselhamento psicológico bem facilitada produz resultados semelhantes à Psicoterapia, assim o psicólogo poderia trabalhar com essa área. Como ressaltou Whiteley:

(...) o aparecimento do livro de Rogers [*Counseling and Psychotherapy*, 1942] com sua suposição explícita de que alguém poderia realizar psicoterapia sem um diploma de médico (ou qualquer diploma, para esse assunto) quase da noite para o dia expandiu o

foco da psicologia do aconselhamento ao incluir aconselhamento pessoal e atividades psicoterapêuticas (Whiteley, 1984, p. 04).

Dessa forma, o campo da Psicoterapia não precisaria estar restrito à medicina, isto é, médicos com formação analítica (Castelo-Branco, Vieira, Cirino, & Moreira, 2016). Para tanto, Rogers (1942/2005) procedeu munido do método pragmático-funcionalista na Psicologia aplicada, fazendo com que a Psicologia saísse exclusivamente dos laboratórios e dos seus métodos experimentais e alcançasse o campo da Psicologia clínica e do Aconselhamento psicológico, conduzindo assim, ao estabelecimento da própria Psicoterapia. Nesse sentido, como ressaltam Castelo-Branco e Cirino (2016a), o aconselhamento proposto por Rogers foi um “desdobramento aplicado do Funcionalismo estadunidense” (p.16) tendo em vista que enfatiza aspectos práticos da experiência consciente, entendendo que a mente teria um papel importante para a adaptação, produzindo efeitos práticos no ambiente, e, por fim, diagnosticando em termos de desadaptações ou desajustamentos.

Embora ainda existissem pressões externas como da Psiquiatria, resistia a crescente reivindicação dos psicólogos sobre a utilização da Psicoterapia, forçando o campo da Psicologia clínica ser cada vez mais reconhecido. Por fim, a Psicologia clínica obteve respeito pelos serviços prestados a quase 16 milhões de veteranos dispensados da Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário, o psiquiatra que era a autoridade, teve de ceder devido à demanda aguda por tratamento psicológico, até então sem precedentes. Nesse sentido, profissionais de saúde mental foram treinados para assumir funções além de suas responsabilidades habituais, o que acelerou o desenvolvimento e a profissionalização da Psicologia clínica, fazendo com que: "a orientação da psicologia americana mudasse de uma ciência acadêmica baseada em laboratório para uma profissão baseada na ciência" (Pickren, 2003, p. 760, conforme citado por Cautin, 2011).

É notório ressaltar ainda que, mesmo tendo agora a atuação clínica, o psicólogo não podia fazer diagnósticos clínicos¹⁰ em Psicopatologia, pois era uma prática exclusiva do médico e, no caso específico aqui, da psiquiatria. O desenvolvimento da Psicologia aplicada tinha agora a função e um instrumento para diagnosticar, tornando seu campo de atuação mais amplo, porém isso não foi bem recebido pelos psiquiatras que tentavam restringir o domínio do psicólogo clínico (Cautin, 2011). Ainda, cabe acrescentar a faculdade e autarquia do psicodiagnóstico amparado pelos estudos de processos básicos, psicometria e avaliação psicológica com o objetivo de diagnosticar bons e maus funcionamentos em termos de (des)ajustamento. Por isso, distinguia-se os campos da Psicologia Clínica do campo da Psicoterapia (Benjamin, 2005)¹¹.

Em “Sobre a Análise Leiga” (1926), Freud defendia o direito dos não-médicos ou “leigos” de exercerem a Psicanálise e buscava defender este saber de ser apropriado estritamente pela profissão médica¹². O propósito de Freud era de enfatizar uma qualificação específica para se tornar psicanalista, sendo a pessoa formada em medicina ou não. Com isso, ressalta que a formação se constitui pelo tripé da análise pessoal, estudo teórico e supervisão clínica. Tem-se que a palavra “leigo” usada por Freud faz referência não ao contrário em relação ao que não é leigo, mas no sentido de uma liberdade com que “funcionam as lógicas do inconsciente” (Salles & Coimbra, 2006, p. 19).

De toda forma, além do suporte dado por Freud aos psicanalistas leigos, a esfera do trabalho do psicólogo estava aumentando, principalmente, pela aplicação de testes psicológicos e pelas instituições que ofereciam a possibilidade ampliação das atividades dos psicólogos, para além de sua função primária. Como exemplo desses profissionais treinados em psicologia

¹⁰ Contudo, era possível exercer psicodiagnósticos a partir dos resultados de testes psicológicos sobre certos funcionamentos de processos psicológicos básicos. O diagnóstico médico em psicopatologia, de onde emerge as psicopatologias psicanalíticas e fenomenológicas, são diferentes dos psicodiagnósticos clínicos em psicologia.

¹¹ Retirado de: <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.143758>

¹² Para tanto, defendeu o analista leigo Theodor Reik (1888 – 1969), membro da Sociedade Psicanalista de Viena, acusado por um paciente de “charlatanismo” e “uso abusivo da profissão médica”.

aplicada, tem-se o psicólogo e pioneiro na psicologia clínica americana Carl R. Rogers que se voltou para a orientação psicológica infantil, com base no aconselhamento psicológico traço e fator, iniciando seu trabalho em 1930 no *Rochester Child Guidance Center*. Mesmo assim, esses programas de treinamento em psicologia clínica eram ainda fragmentados, informais e sem parâmetros para organização, refletindo a natureza embrionária da área¹³ (Cautin, 2011; Castelo-Branco & Cirino, 2016a).

Nesse breve histórico, recuperou-se momentos decisivos da Psicoterapia moderna, sendo eles: a) da “Terapia” estando essa ligada a diferentes formatos de tratamento; b) da “Psicoterapia”, por vezes também entendida como sugestão; c) da “Psicanálise”, proposta por Freud em que o objeto de trabalho é a clínica do inconsciente pela fala, dentre outras técnicas que vieram a surgir nesse movimento, e, por fim, d) da “Psicologia Clínica”, a partir do aconselhamento, sendo essa promovida pela psicologia acadêmico-científica, que buscava se estabelecer enquanto ciência baseando-se nos resultados de experimentos laboratoriais¹⁴ e delineamentos quase-experimentais aplicados à psicoterapia, em que a experimentação servia como garantia de cientificidade, sendo esse um fator para a legitimação, porém oriunda de algumas práticas profissionais dos psicólogos.

Assim, passe-se, ao segundo capítulo, no qual se buscou dar foco ao surgimento e os primeiros desenvolvimentos da “Psicoterapia humanista, fenomenológica e existencial, desatacando-se a concretização do movimento chamado pelos estadunidenses de “Terceira força”, além do contexto sociopolítico e cultural sensível à recepção da Psicologia Humanista

¹³ Ainda hoje existe o esforço para fazer da psicoterapia uma prática exclusiva do psicólogo ainda vem sendo realizado. Colocar a psicoterapia como uma prática privativa de Psicólogos, compreende que seja uma prática desenvolvida, estudada e aplicada, sendo um procedimento baseado em evidências científicas. Nesse sentido, no Brasil, foi realizada a sugestão nº 40 de 2019 (SUG 40/2019), para que vire um projeto de lei, visando que se inclua a psicoterapia como prática privativa dos psicólogos na Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1962.

¹⁴ Wilhelm Wundt (1832-1920), geralmente, é considerado na historiografia da psicologia o fundador da psicologia científica moderna, uma vez que criou o Laboratório de Psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1879, substituindo a introspecção especulativa pela introspecção científica, utilizado para estudar o conteúdo da experiência imediata.

CAPÍTULO II

DA PSICOTERAPIA HUMANÍSTICA À FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

A partir do período de inauguração da Psicoterapia moderna e, posteriormente, com a consolidação da Psicologia clínica, teve-se então uma significativa expansão desses campos dentre os psicólogos. Um outro ramo importante surgiu nos EUA, a partir da crítica explicitada pelo psicólogo americano Abraham Maslow, acerca do método experimental aplicado à ciência psicológica, seus desdobramentos e também sobre a teoria da personalidade, construída a partir de pessoas neuróticas e entendidas como não saudáveis (Maslow, 1962/1970)

Com essa crítica inicial de Maslow e de outros psicólogos e intelectuais (principalmente dos intelectuais europeus), começou a emergir um movimento que reuniu esses psicólogos e outros intelectuais em torno da ideia e crítica que o método científico das ciências naturais deixava escapar a especificidade da pessoa humana, ainda, focado apenas na doença (Gomes, Holanda, & Gauer, 2004). Desses vetos, muitos psicólogos começaram associar suas práticas clínicas e psicoterapêuticas a concepção de uma “psicologia humanística”.

Desses debates e novas ideias, em 1962, aconteceu o primeiro Encontro Nacional da “Associação Americana de Psicologia Humanista”, que estava estabelecida como tal desde 1961. Nesse ano foi lançado o primeiro número na “Revista de Psicologia Humanista”, e em 1961¹⁵ foi considerado o ano em que a Psicologia Humanista nasceu oficialmente. Maslow foi um grande expoente do grupo, por apresentar trabalhos como uma nova forma de se fazer Psicologia, e ser o principal responsável da chamada “Psicologia Humanista”. O grupo era amplo e composto de psicólogos, filósofos, escritores, pessoas ligadas à ideia humanística ou a uma proposta de “Psicologia Humanista”, tendo representantes engajados como: Gordon Allport (1897-1967), Carl R. Rogers (1902-1987), Fritz Perls (1893-1970), Gardner Murphy

¹⁵ Esta datação histórica difere daquela de 1962, que, embora errônea, é tradicionalmente dada por historiadores (Besora, 1986).

(1895- 1979), Henry Murray (1893-1988), Hadley Cantril (1906-1969), dentre tantos outros (Besora, 1986; Goto, 2020).

Pode-se dizer que na década de 1960 foi se concretizando o movimento da “terceira força” ou “terceira via”, que indicava um novo campo, principalmente frente aquele dos dois movimentos dominantes: o Behaviorismo e a Psicanálise. Floyd Matson, ao assumir a presidência da APA (1969-1970), afirmou em sua conferência de posse que a Psicologia Humanista, ou seja: “Esta nova Psicologia, a terceira revolução, representa uma reação contra o Behaviorismo e a Psicanálise ortodoxa; por esse motivo é que a Psicologia Humanista foi denominada a ‘Terceira Força’ (...), porém, “a Psicologia Humanista não constitui um corpo único de teoria, mas uma concepção ou convergência de numerosas diretrizes e escolas de pensamento” (Matson, 1969/1971, p. 74-75).

O contexto sociopolítico e cultural que estava em meio ao crescimento econômico e dificuldades sociais do pós-guerra foi particularmente sensível ao desenvolvimento e à recepção do movimento Psicologia Humanista, apresentando abertura à esperança e ao otimismo, estando relacionados a uma mudança nas atitudes políticas e sociais, após duas guerras mundiais (Besora, 1986; Gomes et al., 2004; Castelo-Branco e Cirino, 2017a, 2017b). Nesse contexto, instalou-se como um movimento de “contracultura” que se manifestou ainda na década de 1950, mas atingiu seu ápice em 1960 nos Estados Unidos. Esse período, que foi reforçado pela Guerra do Vietnã, atraiu adeptos de muitas diretrizes teóricas para a consolidação ampla da “Psicologia Humanista”, como Erich Fromm, Paul Goodman, dentre outros. Muitos que não se identificavam nem com o behaviorismo mecanicista (psicologia e pedagogia), nem com a Psicanálise tradicional freudiana (psiquiatria), e buscavam por uma psicologia que tivesse como centro a pessoa humana, a consideração da liberdade e da dignidade humana (Besora, 1986; Gomes et al., 2004; Castelo-Branco e Cirino, 2017a, 2017b). Como afirmou Matson, a “Psicologia Humanista não é apenas o estudo do ‘ser humano’; é um compromisso com o dever

humano” (Matson, 1969/1975, p. 70). De certa forma, o espírito daquele tempo pedia algo além das teorias psicológicas prevaletentes, que pareciam insuficientes para abordar o ser humano. “O denominador comum nessas várias linhas de teoria e terapia foi”, continua Matson, “o *respeito pela pessoa* – o reconhecimento do outro não como um caso, ou um objeto, ou um campo de forças, ou feixe de instintos, mas como *ela mesma*” (Matson, 1969/1975, p. 76, grifos do autor). Assim, a terceira revolução surgiu também pela necessidade uma ampliação daquilo que a Psicologia norte-americana vinha se ocupando, como a experimentação e o comportamento.

Ainda, no período entre as duas guerras mundiais, diferentes intelectuais americanos tiveram interesse pela recém-chegada filosofia “Fenomenologia”, passando a se interessar como recurso teórico e metodológico em suas investigações psicopatológicas e práticas psicoterápicas, por compreenderem a subjetividade e a existência humana como decisivas na constituição psicológica e psicopatológica do ser humano. Em realidade, de acordo com Besora (1986, p.14): “o primeiro contato da psicologia americana com o método fenomenológico é por meio da [Psicologia da] Gestalt” sendo que essas, como colocou Maslow (1957), “ainda não foram totalmente integradas à psicologia”¹⁶.

Uma das principais pontes entre a Fenomenologia filosófica e os EUA foram as obras da Psicologia da Gestalt publicadas em solo americano, por Kurt Koffka (1886-1941), tais como: *Growth of the Mind*¹⁷, um artigo publicado no *Psychological Bulletin* em 1912, *Princípios de Psicologia da Gestalt*, de 1935, *Dynamics in Psychology*, em 1940, e *Productive Thinking*, publicado postumamente em 1945. Também como a chegada de intelectuais que possuíam certos conhecimentos da Fenomenologia e que se estabeleciam no país, uma vez que que o nazismo avançava na Europa. Dentre os mais próximos, se destacavam Aron Gurwitsch

¹⁶ En realidad el primer contacto de la psicología americana con el método fenomenológico se hace a través de la Gestalt, cuyas lecciones, dice Maslow (1957), "todavía no han sido plenamente integradas en la psicología" (Besora, 1986, p. 14).

¹⁷Com a ajuda de Robert Morris Ogden (1877–1959).

(1901-1973), filósofo e psicologista, discípulo de Karl Stumpf (1848-1936) e Edmund Husserl (1859-1938); e Kurt Goldstein (1878-1965), neurologista alemão reconhecido por seus estudos com soldados acometidos por lesões cerebrais, gerando seu livro *O Organismo: Uma abordagem holística da biologia derivada de dados patológicos em humanos* (1934), dentre outros (Besora, 1986).

Além da Fenomenologia filosófica, outra ênfase que teve destaque na Psicologia Humanista devido a sua preocupação com ser humano real, engajado no mundo, resultou da aproximação das correntes filosóficas como a Filosofia existencial e o Existencialismo. Conforme Bühler (1975), a Psicologia após um longo período de orientação materialista, encontrou no pensamento existencial e humanista a sua expressão mais vigorosa, tornando-se assim, Psicologia humanista e existencial. Paul Tillich (1886-1965) é considerado um grande introdutor do existencialismo nos EUA, porém o psicanalista de orientação rankiana e adleriana Rollo May (1909 – 1994) tornou-se uma figura também importante do existencialismo estadunidense, principalmente em relação à Psicoterapia, pelo lançamento da obra *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology*, organizada em 1958 com Ernest Angel e Henri Ellenberger, com tradução de textos de diversos daseinanalistas¹⁸ europeus, como L. Binswanger, M. Boss, Minkowski, por exemplo.

Além do periódico *Journal of Humanistic Psychology* (1961), que não necessariamente se prendia e restringia aos aportes fenomenológicos e existenciais e outros existentes, foi criada também em 1961, a *Review of Existential Psychology and Psychiatry*¹⁹, cujo objetivo era explicitar a dimensão existencial para a Psicologia Humanista, sendo essa uma abordagem existencial e fenomenológica que buscava a compreensão da experiência humana, com foco

¹⁸ Análise do Ser-aí (Da-Sein) – apareceram pela primeira vez na obra de Heidegger - Ser e Tempo (1927). Segundo a Associação Internacional de *Daseinsanalyse*: “procura o sentido da existência de cada ser humano em sua experiência pessoal [...] baseado na compreensão de como o fenômeno da existência humana se mostra a si em sua aceitação do que é *como é*”.

¹⁹ A journal of interest: Review of Existential Psychology and Psychiatry (1986). Theoretical & Philosophical Psychology, 6(2), 138–139. <https://doi.org/10.1037/h0091425>

principal na atividade psicoterapêutica, a fim de manter a ideia proclamada por Rollo May, por exemplo. Como a consolidação desse movimento humanístico, agora também fenomenológico e existencial, oficializou-se uma ramificação da Psicologia Humanista, quer seja a Psicologia Humanista-Existencial, como uma a divisão da APA: a divisão 32. A Psicologia Humanista, apesar de ter surgido a partir de diferentes mãos, teve como principais precursores Abraham Maslow, Carl Rogers e Rollo May.

Em 1951, Maslow fundou a departamento de psicologia de *Brandeis University* com uma forte orientação humanista, mesmo antes que o movimento fosse assim nomeado, pensando em questões para além da patologia, ou aquilo que faltava ao ser humano. Sua curiosidade quase pessoal se estabelecia em questões como a autorrealização. Já Rogers, por meio da abordagem centrada na pessoa, buscou maneiras de facilitar a autorrealização de seus clientes, e uma vida funcional. May era o construtor de uma ponte entre a psicanálise interpessoal e o existencialismo e a fenomenologia europeus, através de trabalhos que englobavam cultura, arte, existencialismo e psicoterapia. Após a Segunda Guerra Mundial, na psicologia, os modelos de ajustamento foram desafiados por visões de crescimento e o movimento do potencial humano (Aanstoos, Serlin, & Greening, 2000). Nesse sentido, a Psicologia Humanista, como descrito na divisão 32 da APA, onde está alocada a Sociedade de Psicologia Humanista, objetiva:

ser fiel a toda gama da experiência humana (...) Suas bases incluem o Humanismo filosófico, o Existencialismo e a Fenomenologia. Na ciência e profissão da Psicologia, a Psicologia Humanista busca desenvolver métodos rigorosos e sistemáticos para estudar os seres humanos e para curar o caráter fragmentário da Psicologia contemporânea, através de uma abordagem cada vez mais compreensiva e integradora (Society for Humanistic Psychology, 2016, conforme citado Branco & Silva, 2017, p.192).

Na sequência, buscou-se apresentar a presença da Fenomenologia filosófica e do Existencialismo na Psicologia Humanista, evidenciando o contexto social vigente, assim como a visão de mundo.

2.1. A presença da Fenomenologia filosófica e do Existencialismo na Psicologia Humanista

Uma questão importante a se destacar está relacionada com a chegada e a circulação do pensamento filosófico fenomenológico e existencialista europeu nos EUA. Pode-se afirmar que estava distante de seu sentido original, tanto pelas traduções acontecem tardiamente e por ainda serem precárias, feitas de obras em alemão para o inglês, mas também pela forma de apropriação pelos psicólogos americanos, que careciam de um passado filosófico (Besora, 1986; Gomes et al., 2004; Castelo-Branco e Cirino, 2017a, 2017b). O próprio Maslow descreve a relação da filosofia fenomenológica dentre os psicólogos dizendo que a “Fenomenologia tem uma certa história no pensamento psicológico americano, mas, no todo, penso, tem enfraquecido” (Maslow, 1961/1975, p. 62). Na continuidade, o psicólogo humanista afirma hipoteticamente que isso se deve as “demonstrações torturantemente cuidadosas e laboriosas” dos fenomenólogos europeus (Maslow, 1961/1975, p. 62).

Ainda, também no primeiro capítulo de *Existence: A new dimension in psychiatry and psychology* (1958), May identifica ressalvas, isto é, as resistências da Psicologia americana à Fenomenologia e ao Existencialismo, dentre essas tem-se: 1) a ideia de que a análise existencial fosse uma intrusão da filosofia na psiquiatria, entendendo que a filosofia não seria uma ciência tradicional. Tal ideia remete ao final do século XIX, quando a Psicologia se separou da metafísica, da Filosofia; 2) a tendência técnica e pragmática, sendo essa uma tradição que se encaixou no behaviorismo; e, 3) as dificuldades devidas ao seu linguajar e à complexidade de seu pensamento, uma vez que “usam termos psicológicos com sentidos ontológicos” (p.32).

Ademais, conforme Goto (2022), Almeida (2022) e Medeiros (2019), destaca-se que os psicólogos humanistas, influenciados principalmente pelo Existencialismo, se remetiam a Fenomenologia filosófica, porém não diretamente pela sua origem com Edmund Husserl, apesar de ser essa que ofereceu uma ferramenta para unir a fenda entre o sujeito-objeto, mas pela vertente daseinanalítica e heideggeriana, sendo esse último considerado o fundador do pensamento existencial (May, 1958).

Em relação ao Existencialismo, encontra-se alguns depoimentos que também ilustram certas dificuldades de aproximação e entendimento dos psicólogos com a filosofia europeia. Afirmou Maslow (1961/1976), em uma convenção de 1959 sobre Psicologia Existencial na APA que: “Há muita coisa nos escritos existencialistas que acho extremamente difícil, ou mesmo impossível compreender e não tenho feito muito esforço para consegui-lo” (p.57). E, reconhecendo sua importância e as diversas contribuições da filosofia existencialista europeia para os psicólogos, sugere uma interpretação pautada na “visão de ser humano”, ou seja, uma espécie de antropologia filosófica, assim se consolidaria o que para ele traduziria como “o que existe nele [existencialismo] para mim como psicólogo” (Maslow, 1961/1976, p. 57).

Nesse sentido, entende-se que certos elementos tidos como semelhantes entre a Psicologia humanista, Fenomenologia e o Existencialismo estão mais para uma convergência de certas ideias centrais e gerais, ideias produto do *Zeitgeist* daquela época, que propriamente o resultado da influência filosófica direta da Fenomenologia e o Existencialismo (Filosofia existencial) (Gomes et al., 2004; DeCastro & Gomes, 2011; Goto, 2015). Assim, pode-se entender, a partir dos depoimentos desses psicólogos, que a aproximação das duas áreas – filosofia e psicologia – se deu de forma superficial e também *a posteriori*, uma vez que se buscava fundamentar antropológico-filosoficamente essa nova Psicologia humanista. Bühler (1971/1975) analisa a questão psicoterapia e comenta que:

A psicoterapia, como recurso moderno de crescimento pessoal tem tido um tremendo progresso e expansão. Hoje em dia, os terapeutas e seus pacientes sabem que as pessoas necessitam de assistência para se dirigirem no sentido de metas sadias e apropriadas na vida. Assim, não estamos trabalhando apenas com a neurose, mas também, ainda mais, com o problema do significado e propósito da vida. *Necessitamos de uma nova imagem do homem* (p. 44, grifo nosso)

Ainda, May (1976) explica que a chegada da Fenomenologia na Psicologia humanista, por meio do Existencialismo, aconteceu, a princípio, através de ressalvas no âmbito estadunidense, e que a apropriação da Psicologia humanista se deu mais pelas vias filosóficas existenciais do que fenomenológicas, tendo em vista que as ressalvas ao método fenomenológico, na realidade, foram um recorte realizado pelos psicólogos humanistas existenciais, que enfatizavam a experiência imediata, preocupados com a prática da psicoterapia, e que psicólogos estadunidenses como Rogers:

(...) devem achar estes termos incompatíveis, porque eles soam muito gerais, muito filosóficos e muito improváveis. Rogers continua a assinalar, entretanto, que não teve dificuldade em aplicar os princípios existenciais em terapia às hipóteses empiricamente constatáveis (May, 1976, p. 18).

A primeira influência das filosofias existenciais e, conseqüentemente, da Fenomenologia se deu na Psicopatologia. Antes mesmo da Fenomenologia surgir, a divisão entre a psicologia normal e anormal em duas faculdades acadêmicas, o que era uma fonte de desconforto e dúvidas. Apesar da psicanálise freudiana ter ajudado a quebrar algumas barreiras, a fenomenologia certamente acelerou essa tendência, reduzindo tal polaridade e trazendo à tona as raízes comuns. Ademais, a maioria dos psicopatologistas fenomenológicos que se aproximaram do campo da psicologia fenomenológica sentiram que precisavam construir sua própria psicologia (Spiegelberg, 1982).

Assim, a fenomenologia foi introduzida tanto no campo da psicologia quanto na psiquiatria, apresentando novos fundamentos que apenas uma nova psicologia poderia fornecer. Tem-se que a origem e o papel da fenomenologia na psicopatologia e na psiquiatria esteve associado ao desenvolvimento do conceito de doença mental, e com a necessidade de investigação científica com relação a distinção e classificação dos fenômenos. Foi Emil Krapelin (1865-1927) quem primeiro realizou esse trabalho de forma sistemática e crítica, com uma perspectiva fundamentalmente somática, pois considerava ser a única abordagem com precedência e absoluta. Mesmo sem a intenção, visto que estava focando nas características objetivas das várias síndromes, Krapelin fez discussões psicológicas bem-sucedidas, utilizando material de casos, e se concentrou em padrões maiores de comportamento perturbado. Krapelin foi, então, o fundador da psiquiatria clínica com base biológica empírica, propondo uma sistematização nova da nosologia psiquiátrica, visto que agrupou suas observações em síndromes, para então chegar a conformar entidades diagnósticas definidas, superando o caos classificatório da psiquiatria (Spiegelberg, 1982).

No entanto, Jaspers, assim como outros psiquiatras, sentia a necessidade de superar o quadro de referência psicológico clássico, herdado do século XVIII, não sendo esse mais adequado para a exploração de muitas condições psicopatológicas (May, 1958). Jaspers também fazia uma crítica do modelo apresentado por Krapelin, tendo em vista que apenas os transtornos que permitiam explicação eram pensados, mas não aqueles que poderiam ser compreendidos: “faltava a fenomenologia ao panorama diagnóstico da nosografia de Kraepelin” (Urquiaga, 2014, p.321). Husserl também advertiu contra a superestimação da ciência empírica, em *Investigações lógicas* (1900-1901), sendo essa a obra considerada a fundadora da Fenomenologia (Spiegelberg, 1982). Assim, como Husserl e seus alunos buscavam descrições minuciosas dos estados de consciência em suas formas mais puras, suas pesquisas chamaram atenção de psicopatologistas que estavam buscando novos métodos (May,

1958). Nesse sentido, encontraram uma nova abordagem, que permitiu compreender a experiência subjetiva do paciente de forma mais completa. Ainda segundo May (1985) vários psiquiatras começaram a trabalhar com o método fenomenológico, e também com a filosofia existencialista. Enfatiza-se, assim, que a análise existencial passa a integrar a fenomenologia.

O primeiro grande marco para uma psicopatologia fenomenológica em contato com a filosofia fenomenológica aconteceu com a publicação da obra de Jaspers: *Psicopatologia Geral: um guia para estudantes, médicos e psicólogos* (1913) que tinha como objetivo fornecer uma síntese do que acontecia no campo, a partir de uma reorganização metodológica. Dentro dessa nova patologia, Jaspers também separou o estudo dos fenômenos subjetivos vivenciados pelos pacientes do estudo de outros dados psicológicos, incluindo referências aos escritos de fenomenólogos filosóficos (Spiegelberg, 1982). Nesse ponto, o que se pode ressaltar, é que com o que foi proposto por Jaspers, sendo seus objetos a vivência e os modos de vivência, pôde-se superar a psicopatologia kraepeliniana “excessivamente objetiva” (Urquiaga, 2014, p.322), oferecendo a importante flexibilidade e o diagnóstico a partir da forma, e não com o conteúdo. Assim, a fenomenologia descritiva foi a primeira aplicação da fenomenologia às pesquisas psiquiátricas, sendo essa uma descrição cuidadosa e o mais próximo possível da experiência subjetiva de pacientes mentalmente doentes.

Ademais, vale também ressaltar que essas psicopatologias eram oriundas de um movimento e que não surgiram de um líder, desenvolvendo-se espontaneamente em diferentes partes da Europa. Pode-se identificar como uma primeira fase “fenomenológica”, composta por: Eugene Minkowsky, Erwin Strauss, V. E. von Gebattel; uma segunda fase, a existencial, com: Ludwig Binswanger, A. Storch, M. Boss, G Bally e Roland Kuhn, J.H. Van Den Berg, F. J. Buytendijk; e, por fim, uma terceira fase, ou fase contemporânea, que aconteceu logo após a Primeira Guerra Mundial, cujo filósofos como M. Heidegger, K. Jaspers e outros, foram decisivos para se pensar a “Psicoterapia Existencial” (May, 1958).

Ademais, sobre a questão da fundamentação antropológico-filosófica da Psicologia, a proximidade do movimento humanístico estadunidense das vertentes filosóficas citadas e outras como marxismo, neokantismo e hermenêutica, pode ser identificada ainda na ATA na fundação da Associação Humanística, onde se encontram os membros intelectuais ligados a diferentes áreas e abordagens diversas, que pode ser caracterizada pelos escritos de Goldstein, Fromm, Horney, Rogers, Maslow, Allport, Angyal, Buhler, Moustakas etc., bem como por certos aspectos dos escritos de C. Jung, A. Adler, dos psicólogos e psicanalistas do ego e dos psicólogos existenciais e fenomenológicos (*Progress Report*, citado por Sutich, 1976, fls. 484). Como pode-se observar na definição de Psicologia Humanista redigida na ata de fundação:

A Psicologia Humanista pode ser definida como o terceiro ramo principal do campo geral da Psicologia (as duas já existentes são a psicanalítica e a behaviorista) e, como tal, preocupa-se principalmente com as capacidades e potencialidades humanas que não têm lugar sistemático, nem no positivismo, ou teoria behaviorista ou na teoria psicanalítica clássica(...). Essa abordagem também pode ser caracterizada pelos escritos de Goldstein, Fromm, Horney, Rogers, Maslow, Allport, Angyal, Bühler, Moustakas, etc., bem como por certos aspectos dos escritos de Jung, Adler e do ego psicanalítico, psicólogos existenciais e fenomenológicos (Sutich, 1976, fls. 475).

Então, entende-se que a Psicologia humanística foi definida como um terceiro principal ramo do campo geral da Psicologia (os dois já existentes sendo o psicanalítico e o comportamental) e, como tal, está principalmente preocupado com aquelas capacidades e potencialidades humanas que não têm lugar sistemático, seja na teoria positivista ou comportamental ou na teoria psicanalítica ortodoxa, como por exemplo, amor, criatividade, self, crescimento, organismo, necessidade de gratificação básica, autoatualização, valores superiores, ser e tornar-se, espontaneidade, brincadeira, humor, afeto, naturalidade,

cordialidade, ego transcendência, objetividade, autonomia, responsabilidade, saúde psicológica e conceitos relacionados (Society for Humanistic Psychology, 2022).

Ademais, a “Terceira Força” na Psicologia não se constituiu a partir de uma abordagem única, sendo uma corrente teórica, e aplicada da Psicologia (Krüger, 2014 Gomes et al., 2004), representando uma constelação de "psicologias humanistas"²⁰. A abordagem humanística baseia-se na filosofia fenomenológica existencial, e com relação à pesquisa, essa se baseia em métodos qualitativos descritivos, complementando métodos quantitativos e possibilitando a ampliação das bases da Psicologia enquanto uma ciência dos seres humanos. Por fim, têm como objetivo: “sanar o caráter fragmentário da psicologia contemporânea por meio de uma abordagem cada vez mais abrangente e integrativa” (Society for Humanistic Psychology, 2022, § 2).

Destarte, apesar da existência de certas convergências de ideias e desenvolvimentos teóricos similares, como se destacaram o depoimento de Maslow e Rogers, por exemplo, revela-se então, que a apropriação ocorreu tanto no sentido de dar suporte teórico-antropológico e epistemológico a Psicologia humanista, como para acelerar seu surgimento, ampliação e disseminação dessas psicologias com bases seguras. Essas demandas levaram a uma convergência de interesses, promovendo uma apropriação dessas filosofias como *weltanschauung*²¹ e não como uma apropriação filosófica de fato, pois tínhamos filosofias diversas e incompatíveis (Besora, 1986). Ainda, Besora insiste que foi dentro da cultura, tradição, crises e referências ideológicas estadunidenses que surgiu o movimento da Psicologia humanista:

²⁰ “Hoje, a gama de terapias humanísticas se expandiu para incluir não apenas abordagens centradas na pessoa, existenciais e gestálticas, mas também abordagens construtivistas e narrativas, focadas na emoção, na criação de significado, orientadas ao foco, sistêmicas e transpessoais” (Society for Humanistic Psychology, 2022, § 5).

²¹ O termo *Weltanschauung* significa um conjunto ordenado de valores, crenças, impressões, sentimentos e concepções de natureza intuitiva, anteriores à reflexão, a respeito da época ou do mundo em que se vive.

Matson (1981) encontra a matriz cultural do movimento humanista na dialética específica do realismo e do idealismo, que na América nasceu, curiosamente, de um mesmo núcleo comum: o pragmatismo, com seu correlato psicológico: o funcionalismo. Embora possa parecer que o pragmatismo favoreceria a tendência behaviorista, por causa da ênfase colocada na ação, a mentalidade americana enfatizava mais a ação humana no meio ambiente, que do meio na ação. A escola funcionalista personificava a convicção do homem como ator e seus processos mentais como agentes instrumentais que o ajudam a se enfrentar com o mundo²² (Besora, 1986, p. 16).

Com base no trecho retirado de Besora (1986), tem-se que a mentalidade estadunidense acompanhava uma visão pragmática, trazendo o mito da meritocracia, igualdade de oportunidades, liberdade, potencialidade, adaptabilidade, fazendo com que houvesse uma apropriação funcionalista e pragmatista da Fenomenologia e do Existencialismo pela Psicologia Humanista (May, 1980; Gomes, et al., 2004; Castelo-Branco & Cirino, 2017a, 2017b).

Nesse sentido, com relação a uma aproximação entre as abordagens da Terceira Força e a fenomenologia, essa aconteceu de maneira bastante tênue, onde os teóricos das abordagens humanistas “(...) compuseram suas teorias muito mais alicerçadas em sua própria elaboração de suas demandas profissionais e intelectuais do que baseados ou fundamentados pela filosofia husserliana” (Almeida, 2022, p.86), uma vez que tiveram pouco contato com a obra husserliana, como é abordado no estudo de Almeida (2022).

Ainda, May (1980) concebe que psicólogo William James foi “o maior e mais típico psicólogo e filósofo americano” (p.05), tornando-se um expoente da Fenomenologia

²² Matson (1981) encuentra la matriz cultural del movimiento humanista en la dialéctica específica realismo e idealismo, que en América nació, curiosamente, del mismo tronco común: el pragmatismo, con su correlato psicológico el funcionalismo. Aunque pudiera parecer que el pragmatismo había de favorecer la tendencia conductista, a causa del énfasis que se ponía en la acción, la mentalidad americana acentuaba más bien la acción humana sobre el medio, que no la del medio sobre la acción. La escuela funcionalista personificaba la convicción del hombre como actor y sus procesos mentales como agentes instrumentales que le ayudan a enfrentarse con el mundo (Besora, 1986, p. 16).

Existencial, uma vez que relaciona princípios fundamentais da psicoterapia existencial e traços subjacentes no caráter e no pensamento estadunidense. Dentre esses traços, elenca-se: a rejeição da separação entre sujeito-objeto. James também compartilhava com o filósofo existencialista Søren Kierkegaard (1813-1855) a ideia de que *se conhece fazendo*, e nesse sentido, ambos compartilhavam “o imediatismo apaixonado da experiência” (p.07), a importância da vontade, a decisão e o compromisso, como condições prévias para a descoberta da verdade.

Além disso, assim como Kierkegaard, James fazia uma crítica ao racionalismo, e entendia que ciência era feita para o homem, e não o homem para a ciência. No entanto, não era anticientífico, e buscava uma imagem de homem mais ampla e, dessa forma, foi conduzido diretamente ao centro da Fenomenologia (May, 1980). Por fim, aproxima May, Friedrich Nietzsche (1844-1900) de James, mostrando certas similaridades, como sendo a verdade “a maneira pela qual um grupo biológico se realiza” (May, 1980, p.07).

2.2. A Fenomenologia como uma “visão de mundo” nas Psicologia humanistas e existenciais

Até aqui demarcou-se que a aproximação com a Fenomenologia pelos psicólogos humanistas e existenciais ocorreu muito mais por uma proximidade antropológico-filosófica, estabelecendo-se muito mais como “visão de mundo e de ser humano”, que propriamente como “ciência rigorosa de fenômenos” ou com o recurso metodológico-fenomenológico, tal como definiu E. Husserl (1913/2006). Essa questão pode ser identificada nos depoimentos citados por Maslow ou mesmo Rogers, como também nos aportes teórico-metodológicos concebidos por alguns outros psicólogos humanistas e existenciais. Com isso posto, vale perguntar: no que consiste a Fenomenologia?

A Fenomenologia é uma filosofia fundada no início século XX por Edmund Husserl a partir da publicação da obra *Investigações Lógicas*, em que refuta radicalmente o psicologismo.

Seu projeto está no retorno a subjetividade transcendental, e ao *a priori* da correlação, buscando recuperar metodologicamente a origem das vivências, transcendendo a concepção objetivista da realidade subjetiva, e evitando a ruptura entre sujeito e objeto (Goto, 2015; Goto, Holanda & Costa, 2018). De acordo com Goto (2015), já pela etimologia da palavra fenomenologia pode-se compreender seus objetivos principais, sendo assim a junção de *phainomai* e *logos*, do grego, significando fenômeno, aquilo que se mostra, e *logos* o dizer racional, sendo assim, a descrição daquilo que aparece. Também pode ser compreendida como método, cujo objetivo reside em revelar a subjetividade e suas estruturas fundantes, adotando-se a máxima “voltar às coisas mesmas”. Para tanto, deve-se pôr de lado julgamentos, fazendo-se o uso da *epoché*, a fim de se abster de uma atitude natural, suspendendo os conhecimentos prévios, e buscando apreender sua essência (Goto, 2015).

Husserl (1913/2016) considera duas reduções fundamentais, que tentam reconduzir às coisas mesmas, sendo a “redução eidética”, ou seja, uma redução às essências, apresentando-se como uma ciência de essências e não de fatos, tendo por objetivo explicar como a consciência capta os fenômenos e como eles se constituem nas pessoas, através de uma visão direta das coisas, onde se recolhe delas a composição eidética, via intuição/percepção; e a “redução transcendental ou fenomenológica”, que se refere à estrutura da subjetividade, chegando a identificar o eu puro como centro constitucional, e a reflexão sobre o que se apreende do fenômeno, tal qual seu sentido. Desse modo, o filósofo buscava uma fundamentação das ciências, e para tanto, a fenomenologia, diferente de uma doutrina filosófica, ou uma abordagem fenomenológica, precisou se constituir como fundamento e método, como possibilidade de recuperação do mundo das experiências originárias (Goto, 2015).

Rollo May um dos principais divulgadores da Psicologia humanista-existencial ressalta que foi pela Fenomenologia que se deu o primeiro estágio nesse movimento psicoterapêutico existencial, entendida como o “esforço para considerar o fenômeno como é dado”, buscando

aclarar a mente das suposições”, a fim de ver o paciente assim como ele é (May, 1980, p.24). No entanto, o psicólogo humanista existencial fez críticas importantes sobre como se estava lendo a Fenomenologia, e dentre essas destaca a possibilidade, por exemplo, de resgatar a experiência sem conceituação. May coloca, na verdade, o objetivo seria tornar esses constructos suficientemente flexíveis, para que se possa ouvir na linguagem que o paciente traz (May, 1980). Ainda, considerou existir em James uma “fenomenologia” do mundo experimentado, indicando, na sequência, o motivo dos psicólogos psicoterapeutas estarem tão interessado na temática existencial. Isso levou a constituir um movimento que buscava se tornar mais empírico que as ciências tradicionais, e entendia que era na experiência imediata o meio pelo qual são dadas as informações para a pesquisa que faziam atrelada à psicoterapia (May, 1980).

Em meio às décadas de 1920 e 1930 na Alemanha e outros países europeus, o pensamento existencial aproximou-se da Fenomenologia, compondo uma visão diferenciada, mas não distanciada da Fenomenologia husserliana. Dentre essas novas visões destaca-se a apresentada por Martin Heidegger, explorando a questão do ser, em sua obra “Ser e Tempo”, de 1927. Diferentemente dos autores existencialistas franceses, a preocupação de Heidegger estava na questão do Ser, e não na questão a existência humana, marcando um momento da relação entre Fenomenologia e Existencialismo. Com seu isolamento devido à ascensão do nazismo e sua posição em relação ao mesmo, o filósofo trabalhou com sua versão de uma fenomenologia hermenêutica. Alguns pesquisadores e psicanalistas levam tais reflexões para outros campos, como o da Psiquiatria e da Psicologia “gerando novas possibilidades de apreensão da fenomenologia existencial como exemplo, os autores: Eugéne Minkowski, Ludwig Binswanger e Medard Boss” (Ewald, Ariane, 2008, p.160).

Já o termo “Existencialismo”, apreendido pela mídia no final dos anos de 1940, foi utilizado para designar certos “aspectos sociais da vida francesa na qual intelectuais estavam entrelaçados, especialmente Jean- Paul Sartre” (p.154). Mas, de fato, foi o filósofo dinamarquês

Søren A. Kierkegaard que recebeu o marco do primeiro momento da história do Existencialismo, fazendo críticas ao pensamento hegeliano, na época dominante na Filosofia, e se colocando contra o domínio totalitário da Razão. Nesse sentido, o que aproxima autores tão diferentes, tão individualizados nas suas concepções filosóficas, é a concepção de uma filosofia existencialista que se realize “como análise da existência, desde que por ‘existência’ se entenda o modo de ser do homem no mundo” (p.156). Assim, entende-se a raiz da palavra Existencialismo que envolve a centralização na pessoa existente, em emergente evolução, significando literalmente “surgir, salientar-se” (May, 1980, p. 14), “impor-se”, “emergir”, e que o ser humano não pode ser definido a partir de substâncias estáticas, padrões, mas como um ser em constante formação, existente (May, 1988). Ademais, o termo existencialista também demarca uma atitude para com a terapia, mas não um sistema de terapia, nem um conjunto de técnicas, “mas um interesse pela compreensão da estrutura do ser humano, e sua experiência que deve sustentar todas as técnicas” (May, 1980, p.18).

Em seu texto *A fenomenologia e seu significado de visão de mundo (Die weltanschauliche Bedeutung der Phänomenologie)*, Edith Stein expõe como a Fenomenologia seria capaz de influenciar e produzir uma outra “visão de mundo”, para os fenomenólogos e outras pessoas que entrassem em contato com essa, uma vez que a corrente filosófica defendida por alguém terá sempre significado para sua visão de mundo e formará seu posicionamento frente a esse. Assim, a partir de Stein, a visão de mundo estaria ligada “a possibilidade de construção de uma visão geral sobre tudo o que há” (Stein, 2019, p.67).

Ainda a filosofia crítica examina os pressupostos de cada ciência, estabelecendo-os sobre base sólida, mas com isso, essa filosofia secularizada, não poderia fornecer uma visão de mundo. Contudo, essa tendência não implicaria que para a fenomenologia estava impedida tal possibilidade. Stein também separa a Fenomenologia em suas três formas, isto é: a) fenomenologia transcendental de Husserl, b) ontologia real de Max Scheler, e c) ontologia

fundamental de Heidegger; e como essas contribuíram para a edificação de uma imagem de mundo. Destaca-se aqui suas considerações sobre a fenomenologia de Husserl, sendo por meio dele que a fenomenologia chegou a uma imagem “suficientemente completa do mundo” (p.69), uma vez que o filósofo não distinguia da filosofia em geral a fenomenologia, pois essa permite abordar as questões filosóficas também. Nesse sentido, para Stein, a Fenomenologia se orienta pelas “coisas mesmas”, e por isso, à mudança que ela trouxe deu-se o nome de virada objetiva; erguendo-se enquanto uma ciência de essências, contrapondo-se ao “casual em que usualmente permanece presa a experiência e a ciência experimental” (p. 79) para, então, levar a uma postura de “conhecimento simples, obediente às coisas e, por isso mesmo, humilde, a uma libertação de preconceitos, e a uma disposição imparcial para acolher intuições” (p.80).

Por fim, mesmo existindo as dificuldades com a leitura dessas filosofias apontadas por May (1980), alguns psicoterapeutas ainda recorreram em buscar uma fundamentação na Fenomenologia e no Existencialismo, caracterizando, assim, suas abordagens como fenomenológica-existencial, tais como o psicanalista alemão Fritz Perls e sua Gestalt-Terapia; enquanto outros não vão adotar essas filosofias como base teórica, mas pensaram em aplicar as ideias compatíveis a visão de mundo dessas filosofias às hipóteses empiricamente constatáveis, como por exemplo Carl Rogers.

2.3. A “fenomenologia-existencial” da Gestalt-Terapia: proximidades e distancias

No Brasil, a Gestalt-Terapia foi bem recebida tendo em vista sua identificação com a resistência ao regime militar, e ao menos até o final dos anos 1970, o principal o aspecto dessa abordagem residia na questão experiencial, refletindo a influência de Perls, principalmente na costa oeste dos EUA, local onde muitos psicólogos brasileiros se formaram. Nesse sentido, chegou ao Brasil enquanto uma prática vivencial, isto é, em seus aspectos mais técnicos e pragmáticos. No segundo momento, surge uma preocupação com sua fundamentação, e alguns

psicólogos se organizaram para oferecer alicerces teórico-científico-filosóficos para a construção dessa abordagem. Nesse ponto, acontece a atribuição da Fenomenologia, e seus conceitos, como uma das bases teóricas e práticas, principalmente, como aprimoramento da “atitude” terapêutica, “postura” e método adotado pelo Gestalt-terapeuta na prática clínica, sem muitas vezes aparecer uma clareza com relação a qual Fenomenologia se tratava, conforme evidenciado pela pesquisa realizada por Almeida (2022).

É coerente afirmar que na primeira década do surgimento da Gestalt-terapia que essa abordagem estava ainda longe de ser caracterizada como abordagem fenomenológico-existencial, mas voltada a aspectos pragmáticos e experienciais, tal como foi recebida em solo brasileiro. No entanto, mesmo antes de sua chegada ao Brasil, a Gestalt-terapia tinha sido aproximada da Fenomenologia de forma indireta, fazendo menções a obra de Husserl. De acordo com o principal biógrafo de Paul Goodman (1911-1972), Stoehr (1997), conforme citado por Almeida, (2022), mesmo Goodman apontando que havia certa afinidade entre a Gestalt-Terapia e a obra husserliana, e que esse acrescentou à nova abordagem tendências existencialistas, fenomenológicas e pragmatistas, não deixou explícitas tais apreensões e articulações (Almeida, 2022). Ademais, mesmo que a pesquisadora Almeida (2022) tenha evidenciado algumas tendências [fenomenológicas-humanistas-existenciais] presentes na obra *Gestalt-Terapia* (1951), mesmo assim “não se explicitam teórica e epistemologicamente tais bases e como isso foi articulado terapeuticamente” (p.57). Também, a própria estrutura do livro anteriormente citado, dividido em dois volumes – sendo que o primeiro pensado de forma prática, com relação aos exercícios da “terapia da concentração”, e o segundo com uma parte teórica escrita por Goodman – de acordo com a mesma autora, pode refletir “as duas colaborações por meio das quais a Gestalt-terapia irá se consolidar” (Almeida, 2022, p.59), sendo uma vertente voltada ao pragmatismo (influência da psicanálise reichiana) e outra à técnica e aos fundamentos.

Na formulação inicial da Gestalt-terapia, Perls buscava fundamentá-la, e nesse ponto, encontrou sua associação com Goodman, e em seguida com a Fenomenologia, porém a partir de uma lógica diferente daquela proposta originalmente por Husserl. Isso a Fenomenologia recém chegada ao EUA era concebida pelos psicólogos a partir de diferentes concepções, uma vez que as filosofias existenciais e as filosofias fenomenológicas, na época da publicação do livro *Gestalt-terapia*, estavam sendo recebidas “quase sempre por um viés psicológico, o que muitas vezes acabou por retirar seu sentido filosófico originário” (Almeida, 2022, p. 63), chegando já “psicologizada”, e produzindo um entendimento de caráter “superficial” levando ao entendimento de algumas ideias. Ademais, como já apresentado, a Fenomenologia chegou aos EUA por vias indiretas e imprecisas (tanto pela dificuldade da leitura em alemão, quanto pela tradução tardia e precária da obra husserliana).

Por fim, apesar de talvez Fritz Perls e Laura Perls conhecerem o pensamento husserliano, tem-se que, na pesquisa revisitada, a aproximação entre a Fenomenologia e a Gestalt-terapia foi evidenciada como escassa e indireta, além de não terem sido encontrados “registros consistentes que demonstrem que eles tenham tido uma apropriação filosófico-fenomenológica de fato, do método fenomenológico” (Almeida, 2022, p.85).

Ao chegar em solo brasileiro, logo se nota um movimento de fundamentação dessa abordagem, momento que acontece a primeira consolidação da ideia de que a Fenomenologia comporia o solo epistemológico-metódico gestáltico, mesmo que antes já tenham aparecido citações dispersas sobre a Fenomenologia e Gestalt-terapia. Assim, sendo toda psicologia contextual, as teorias e concepções passaram de um local a outro, indo além visão original, sendo acolhidas dentro de um novo contexto que altera seu sentido inicial (Castelo-Branco, Rota Júnior, Miranda & Cirino, 2016), e dessa forma, a Gestalt-terapia no Brasil passou a ter aproximações com o humanismo, existencialismo e fenomenologia, como se pode notar com o livro de Ponciano Ribeiro: *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* (1985).

Tem-se que no Brasil foi Thérèse Amelie Tellegen (1927 – 1988) quem publicou o primeiro artigo apresentando a abordagem da Gestalt. Tal publicação se deu no *Boletim de Psicologia de São Paulo*, em 1972, intitulado *Elementos de Psicoterapia Gestáltica*. Nele, a autora apresenta elementos presentes na GT como *awareness*; a busca pelo “como” e não no “porque”, além de fazer com a responsabilidade pelos atos e sentimentos sejam assumidos pelos participantes do grupo, além de descobrirem os seus próprios recursos (Tellegen, 1972, conforme citada por Almeida, 2022, p.75). A autora ainda enfatiza “a postura fenomenológica da abordagem gestáltica” ligada à Psicologia da Gestalt, “cuja linha-mestras e inscreve na fenomenologia husserliana (Tellegen, 1984, p. 40 conforme citada por Almeida, 2021, p.36).

Desta forma, pode-se entender que tais esses elementos forneceram indícios para se considerar que a perspectiva apresentada no Brasil era semelhante àquela divulgada por Fritz Perls, isto é, “uma versão pragmática e experiencial” (p.76), evidenciando-se uma associação entre a fenomenologia e a GT, sem, no entanto, sinalizar de forma explícita a Fenomenologia, afirmando apenas que essa e filosofia existencial seriam “uma das principais influências que teria sofrido Perls na elaboração da Gestalt-terapia” associando a “postura fenomenológica” presente na abordagem gestáltica à Psicologia da Gestalt que, por sua vez, está ligada à teoria husserliana” (Almeida, 2022, p.83).

2.4. A psicologia humanista de Carl Rogers: proximidades e distâncias

Nesse momento, enfoca-se na abordagem de Carl Rogers, uma vez que tal abordagem é representativa da Psicologia humanista, por trazer certas tensões existentes entre as filosofias do Pragmatismo e da Fenomenologia. As aproximações da psicologia de Rogers com a Fenomenologia, em especial, foram desenvolvidas por alguns colaboradores do psicólogo estadunidense, como o filósofo austríaco que se interessou pela psicoterapia centrada no cliente Eugene Gendlin (1926-2007) que, “influenciado pelos aportes fenomenológicos de Edmund

Husserl, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty”, (...) entendeu a experienciação como um processo contínuo de conhecimento interno que produz sentidos” (Castelo-Branco & Cirino, 2022, p. 04), estabelecendo assim uma relação da prática da ACP com a Fenomenologia. Todavia essa aproximação teve um maior desenvolvimento no contexto brasileiro, marcando diferenças da psicologia rogeriana estadunidense, se configurando pelo termo “fenomenológico”, pareado à Psicologia Humanista, e ao termo existencial.

Como se sabe, o *Zeitgeist* funcionalista-pragmatista da época influenciou o movimento humanista americano, porque o que se via era um caminho de uma reconstrução, de empreendimentos, de grandes esforços, criatividade e ação, não sobrando espaço para questões como o determinismo e o fatalismo do comportamentalismo. Segundo Castelo-Branco e Cirino (2016a) no final do século XIX e início do XX os ideais funcionalistas se propagaram em diferentes universidades nos EUA, em decorrência da crescente urbanização e todas as novas questões que essa trazia consigo, buscando examinar e ajustar os indivíduos ao contexto social. As universidades de Chicago e Columbia foram as que desenvolveram em suas pesquisas o *zeitgeist* funcionalista, relacionando ao campo da educação, da clínica e em contextos industriais e empresariais, uma vez que “a Psicologia deveria prover fundamentos para a Educação e para o desenvolvimento humano” (p.15).

Logo, na sequência, tem-se o Pragmatismo, corrente essa que entende que a validade de uma doutrina é determinada pela aplicação prática desses conceitos, enfatizando sua eficácia, pensando em especial às suas causas, condições e resultados. Nesse sentido, “a verdade é entendida como um conhecimento que é parte de uma interação com o meio, validada pela experiência e que possibilita uma construção reflexiva além do habitual” (Castelo-Branco & Cirino, 2016a, p.19). Autores que evidenciaram bastante essa Visão de Mundo (*Weltanschauung*) em suas pesquisas são os representantes da corrente pragmatista, como: John

Dewey (1859- 1952) e William James (1842-1910). Ambos se interessavam pelo caráter volitivo e intencional da ação, assim como a experiência imediata, e como resume Paul Tillich:

Como o filósofo americano William James (...) os filósofos existenciais estão rejeitando a conclusão do pensamento “racionalista” que equipara a realidade com o objeto de pensamento, com relações ou “essências”, em favor da realidade como o homem a experimenta imediatamente no seu viver real. Eles, conseqüentemente, tomam seu lugar entre todos aqueles que têm considerado a imediata experiência do homem como mais completamente reveladora da natureza e características da realidade, do que a experiência cognitiva do homem (Tillich, 1944, conforme citado por May, 1980, p.10):

Ainda, de acordo com Feijoo (2013), William James foi uma pragmatista que negou “a verdade representacional e defendeu a ideia de que a verdade se encontra intimamente relacionada às ações humanas, sendo o verdadeiro aquilo que é útil, e facilita a vida cotidiana” (p.843). Tal pragmatismo está alinhado com a proposta de James e de Wundt em estabelecer o *status* de ciência natural e autônoma da Psicologia, buscando um viés científico, por fim, recebeu a denominação de Psicologia científica. Essa, diferentemente da Psicologia que até então consistia no “estudo da alma” e como uma disciplina da Filosofia, se afastou do caminho metafísico e da Psicologia clássica, uma vez que busca construir um projeto de epistemologia unitária, científica, ao tratar o psiquismo como fenômeno natural e buscar, pela sua natureza, isto é, a sua causalidade (Abib, 2009; Feijoo, 2013).

No entanto, enquanto Wundt estava interessado em uma ciência natural e experimental, buscando as leis da causalidade presentes no psíquico, James, ampliou a ideia de ciência psicológica ao tratar o psiquismo na perspectiva de sua função, propondo, assim, uma ciência natural que estudasse os fatos mentais em relação ao ambiente físico. Nesse sentido, o experimentalismo de James se converteu em uma psicologia funcionalista-pragmatista, apesar de não ter sido precursor de nenhuma escola de Psicologia. Sendo assim, as suas contribuições

e muitas de suas ideias são citadas na tentativa de fundamentar aos trabalhos de psicólogos humanistas e existenciais, dentre eles Maslow, Rogers, May e Viktor Frankl (Feijoo, 2013).

Ainda, Feijoo (2013) aponta a existência de elementos comuns entre o trabalho realizado por James e as filosofias fenomenológicas e existenciais, mesmo que essas tentem se afastar do aspecto psicológico da consciência, ou seja, da dimensão empírica dessa, reservada a psicologia científica, empírica ou experimental. Essa influência se torna ainda mais evidente quando se volta às “funções adaptativas da emoção, da percepção, enfim, da consciência” (p.842). Tais elementos comuns se fundam, principalmente, quando Wundt e James colocam os fundamentos da Psicologia moderna como base de uma “teoria do sujeito concebido como devir, e não como ser” (Abib, 2009).

Apesar dessas semelhanças e de existir uma certa influência de James na fundação da Fenomenologia, mais especificamente nas *Investigações Lógicas* (1900-1901) de Husserl, principalmente no que tange a questão do fluxo da consciência e, de James ter certa importância para a circulação da Fenomenologia na América, motivada por uma apreciação da reputação crescente de Husserl (Herzog, 1995), ainda existem diferenças significativas entre Husserl e James na questão da consciência. Ainda, apesar de existirem algumas passagens de James na obra de Husserl, essas não apresentam nada de novo em aspecto importante. Husserl comenta que:

James não moderniza, como seria dito de Cornelius, a filosofia de Hume. E o pouco que as geniais observações de James, no âmbito da psicologia descritiva das vivências de representação, forçam em direção ao psicologismo, vê-se a partir do presente escrito [Investigações Lógicas]. Pois os avanços que devo, na análise descritiva, a este notável pensador apenas favoreceram o meu desprendimento em relação ao ponto de vista psicologista (Husserl, 1900-1901/2012, p. 173).

Em contrapartida há poucos comentários do americano James sobre Husserl, talvez isso se deva ao parecer que deu a uma proposta de tradução das *Investigações Lógicas* para o inglês que causou alguma ofensa a Husserl. Sobre essa questão reconta Herzog (1995) sobre a afirmação de Walter B. Pitkin – tradutor em questão –, do trabalho de James em convencer a editora de Mifflin a ficar contra Husserl e com isso obstruiu a possível publicação nos EUA da tradução da obra das *Investigações Lógicas*. Todavia, analisa Herzog que:

É verdade que James se distanciou da lógica contemporânea da Europa Continental. Mas é claro que ele não tinha visto nem uma cópia do segundo volume das “Investigações Lógicas”, nem a tradução de Pitkin dos “Prolegômenos”. Além disso, não havia livros de Husserl na biblioteca pessoal de James (Herzog, 1995, p. 32)²³.

Sobre a questão da consciência exposta de James, Husserl não compartilhará de pressupostos funcionalistas, entendendo a consciência como intencionalidade e o mundo e o homem como cooriginários. No entanto, James, diferentemente manteve a ideia que a consciência tem função adaptativa, visando a uma causalidade, e assim, a ação do homem posiciona o mundo, com ênfase na experiência concreta (Herzog, 1995). Então, bem diferente de Husserl, pois para o fenomenólogo o fenômeno se mostra à consciência, e não empiricamente, exaurindo a relação de causalidade (Feijoo, 2013). Como observa bem, Herzog (1995) James não concebeu um conceito de intencionalidade, conforme a precisão fenomenológica, ainda, manteve em uma posição crítica do conceito de intencionalidade, como no texto *On the Function of Cognition* (1884), que evidencia a mesma posição usual de intencionalidade de Franz Brentano.

Em um sentido histórico, Feijoo (2013) também mostra os apontamentos de Kinouchi (2007), e Rossi (2008) sobre ter sido James quem uniu o pragmatismo ao humanismo, uma vez

²³ It is true that James distanced himself from contemporary Continental European logic. But it is clear that he had not seen either a copy of the second volume of the Logical Investigations, or Pitkin’s translation of the Prolegomena. Moreover, there were no books by Husserl in James’s personal library.

que enfatizou conceitos como: ação, vontade, crença, privilegiando o sentimento, troca e energia. Assim, uma possível intervenção psicológica proposta por James seria aquela que “conduziria ao bem-estar, à adaptação e à superação” (Feijoo, 2013, p. 850). Corroborando com isso, tem-se a pesquisa de Castelo-Branco e Cirino (2016a) em que relacionam as influências históricas entre psicólogos humanistas ao Funcionalismo e o Pragmatismo estadunidense, entre 1920-1950.

Sobre as obras de Rogers, Castelo-Branco e Cirino (2016a) mostram que Rogers menciona essas influências e cita autores como John Dewey (1859-1952), Kurt Goldstein (1878-1965) e Leta Stetter Hollingworth (1886-1939). John Dewey foi também um pragmatista, que entrelaçou duas modalidades pragmatistas em uma perspectiva antropológica: tanto o pragmatismo de Charles Sanders Peirce (1839- 1914) que se voltava a esse como caráter normativo (levando à prática racional, sendo as crenças regras da ação), enquanto William James, entendia o método pragmático visando às consequências práticas, e seu caráter utilitarista (Feijoo, 2013). Assim, temos que Dewey fundou uma perspectiva pragmatista com inspiração funcionalista, pois para ele, era necessário que modelos filosóficos não ficassem restritos a abstrações, mas que fossem para a prática, úteis à resolução de problemas (Castelo-Branco & Cirino, 2016a).

Nesse sentido, como apresentam os autores já citados, apesar de não ser possível enquadrar Rogers exclusivamente como um representante das correntes pragmatistas e funcionalistas, visto que não ele deu continuidade a essas correntes (Castelo-Branco & Cirino, 2016a), pode-se ressaltar a influência dessas duas sobre sua teoria do desenvolvimento, que se estendeu para conceitos importantes de sua obra, tais como: a noção de consideração positiva incondicional, a concepção de crescimento orgânico, a tendência à autorrealização, a incongruência, e a consciência como autorreguladora. Esses são os principais conceitos que se refletiram no desenvolvimento do “aconselhamento psicológico” e que se pode perceber a

influência do funcionalismo, principalmente, ao enfatizar a dinâmica de ajustamento e adaptação. São conceitos que estão no centro da intervenção clínica em aconselhamento psicológico, uma vez que se busca identificar a tensão sofrida pelo indivíduo de modo trabalhar os seus processos de adaptação e ajustamento, entendendo a consciência e seus processos como um modo do organismo de se adaptar às demandas do ambiente (modificando o ambiente ou alterando o próprio comportamento). Em síntese, sem relação com a ideia de consciência da Fenomenologia.

Com relação a Psicoterapia, Castelo-Branco e Cirino (2016a; 2016b) colocam que igualmente à concepção pragmática de Dewey, Rogers atribuiu à psicoterapia centrada na pessoa uma forma de reordenar e reconstruir a realidade, centrada nas experiências do indivíduo, mesmo divergindo da noção sobre liberdade. Enquanto em Dewey identifica o crescimento como externo ao indivíduo, pois leva em conta as forças naturais e da sociedade, podendo ser moldado pela Educação; Rogers entende o crescimento não pode ser moldado “por fora”, o que gerou críticas ao autor. Dessa forma, fica clara uma diferença entre as concepções psicológicas que se voltam a um caráter da adaptação, conduzindo ao bem-estar e a superação, bem diferente daquelas de perspectiva existencial, uma vez que essa última clínica “não levaria a nenhuma positividade, pois ao contrário, abre espaço ou ao menos não impede tal abertura, para que o negativo se anuncie como tal para que transformações possíveis se apresentem como tais” (Feijoo, 2013, p.850).

Em suas pesquisas de caráter historiográfico, Castelo-Branco e Cirino (2017b) colocam que Rogers mencionou conceitualmente pouquíssimas vezes filósofos como: Paul Tillich (1886-1965), Simone de Beauvoir (1908-1986), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Martin Heidegger (1889-1976). De fato, Rogers citou apenas Heidegger, e mesmo assim, como destacam os autores, de forma bastante superficial. Com relação a Tillich, o próprio Rogers menciona em uma entrevista, que não estudou a sua Filosofia; que a descrição da obra de

Beauvoir foi retirada de uma resenha de jornal, e a menção a M. Ponty aconteceu a partir de um *apud*, e nem mesmo no índice final se encontra seu nome. Assim, somente Heidegger foi meramente citado, e mesmo assim, Rogers não se aprofunda no aporte fenomenológico, mas tão somente é realizando um recorte. Igualmente, o próprio Carl Rogers citou que no desenvolvimento de sua abordagem, desconhecia as bases filosóficas e metodológicas da filosofia fenomenológica e existencialista e comenta que:

Na verdade, não recebi grande influência da filosofia existencial. Descobri-a quando já tinha formulado meus próprios pontos de vista e descobri que havia grandes coincidências. Acho que os autores que mais me impactaram foram Kierkegaard e Martin Buber (...) Nem Heidegger nem Sartre, por outro lado, jamais influenciaram minha pesquisa²⁴ (Rogers conforme citado por Besora, 1986, p.13).

Ainda, para Rogers a “Fenomenologia” era entendida como “um paradigma de Ciência que deveria auxiliar pesquisas empíricas sobre a personalidade [...] sem se remeter a nenhuma Filosofia fenomenológica em específico” (Castelo-Branco & Cirino, 2017b, p.50). Dessa feita, pode-se verificar que Rogers não fora influenciado nem pela Fenomenologia de Husserl, nem pelos fenomenólogos e, ainda, nem pela Fenomenologia existencial de Heidegger e, por consequência, não se pode afirmar que houve uma influência fenomenológica e existencial à psicoterapia ou à educação rogeriana.

Todavia, de acordo com os autores Castelo-Branco & Cirino (2017a), existem motivos para a ascensão do movimento brasileiro de “Abordagem Centrada na Pessoa” caminhar para uma orientação fenomenológico-existencial, porém em um período que compreende os anos de 1990 em diante, ou seja, sem a presença de Rogers. Os motivos para isso são: a) traduções das obras rogerianas estarem dispersas entre diferentes editoras, dificultando o acesso integral ao

²⁴ "En realidad no he recibido una gran influencia de la filosofía existencial. La descubrí cuando ya había formulado mis propios puntos de vista y encontré que existían grandes coincidencias. Pienso que los autores que causaron mayor impacto en mí fueron Kierkegaard y Martin Buber ... Ni Heidegger, ni Sartre, en cambio, influyeron nunca en mi investigación"(Besora, 1986, p.13).

trabalho realizado por Rogers em seu desenvolvimento cronológico, o que pode ter sobreposto a filosofia fenomenológico-existencial como fundamentação de sua teoria, sendo essa uma maneira encontrada por autores brasileiros para se aprofundarem na orientação fenomenológico-existencial e as implicarem à ACP; e pela b) teoria rogeriana ser entendida erroneamente como “destituída ou desinvestida de um adensamento teórico, sendo reduzida ao exercício de três atitudes” (Castelo-Branco & Cirino, 2017a, p.09), visto que seus principais livros que apresentam sistematizações teóricas e clínicas²⁵ ainda não estavam sendo editados; assim como suas entrevistas²⁶, que portam aspectos biográficos, contextuais e históricos, fazendo com que seus acessos estejam restritos; e c) por fim, algumas obras que estão além das contribuições no âmbito da clínica²⁷ e de dois livros ainda não traduzidos no Brasil, que trazem o “seu plano metodológico de pesquisas experimentais e empíricas sobre os processos de mudança de personalidade na clínica, *Psychotherapy and personality change* (1954) e *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics* (1967) (Castelo-Branco & Cirino, 2017a, p.9).

Apesar de poucas influências recebidas da Fenomenologia e da Filosofia existencial em Rogers, ligadas ao *Zeitgeist*, passaram a ter papel fundamental no que se denomina hoje de vertentes “pós-rogerianas contemporâneas”, pois “assumiram uma direção fenomenológico-existencial e ganharam vida própria”, mesmo que partindo do pensamento rogeriano (Moreira, 2010, p.10). Uma possível influência, então, segundo essa vertente, é retomada pela aproximação de Rogers com a Fenomenologia, a de alguns de seus alunos mais tardiamente, como o citado Gendlin (Castelo-Branco, 2020). Todavia, cabe advertir que o próprio Rogers “não empregou uma metodologia empírica fenomenológica, nem elaborou uma filosofia

²⁵ *Terapia centrada no cliente* (1951), *Psicoterapia e relações humanas* – Volume 1 (1959) e Volume 2 (1962).

²⁶ “Entrevistas concedidas a Willard Frick, *Psicologia Humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers* (1971), Richard Evans, *Carl Rogers: o homem e suas ideias* (1975), e David Russell, *Carl Rogers: the quiet revolutionary: an oral history* (2002)” (Castelo-Branco e Cirino, 2017a, p.9)

²⁷ Livros educacionais de Rogers, como *Liberdade de aprender* (1973) e *Liberdade de aprender em nossa década* (1985).

fenomenológica” (Branco, 2020, p. 1096), mesmo que, a influência de Rogers tenha grande importância para a elaboração do “método fenomenológico empírico” pelos americanos, para as pesquisas qualitativas e empíricas em Psicologia.

Outro ponto a se destacar, segundo o mesmo Branco (2020), é que articulação entre o pensamento de Rogers a Fenomenologia, constituindo assim uma “Psicologia Humanista-Fenomenológica”, é um traço essencialmente brasileiro, tendo em vista os motivos já citados. E, do mesmo modo que na Gestalt-terapia, tem-se as traduções tardias das obras de Husserl no Brasil, e o acesso apenas a parte de sua obra, com um excerto de suas “Investigações Lógicas”. Ainda, conforme analisa o psicólogo americano DeRobertis:

O avanço da fenomenologia na psicologia vincula alguns [psicólogos] à concepção equivocada de que a fenomenologia se refere meramente ao tipo de psicologia humanista como a de Carl Rogers ou a de Abraham Maslow. Essa concepção é também um erro. Embora o método fenomenológico seja usado na psicologia, a fenomenologia não é meramente uma psicologia. Além disso, as psicologias humanistas, influenciadas frequentemente pelo pensamento existencial e fenomenológico, não empregam o método fenomenológico fundado por Husserl (DeRobertis, 1996, p. 39)

Mesmo assim, na tentativa de cuidar dessas lacunas, alguns psicólogos brasileiros, como por exemplo os psicólogos Yolanda C. Forghieri, Mauro M. Amatuzzi e Virginia Moreira, que buscaram articular o pensamento de Rogers aos conceitos fenomenológicos de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty (Castelo-Branco & Cirino, 2017a; Holanda, 2016). Nessas tentativas, encontra-se ainda uma Fenomenologia que pode ser considerada a partir de uma “identificação simples, [com as vertentes existencialista] sem que os conceitos mais relevantes fossem conhecidos de modo mais aprofundado”, fazendo com que muitas e diversas interpretações surgissem (Holanda, 2016, p.392).

Atualmente, algumas “apropriações”²⁸ de conceitos da Fenomenologia filosófica na psicologia humanista de Rogers têm sido reexaminadas em parte, por pesquisas anteriores, que explicitam como exemplo dessas apropriações conceitos de *epoché*, atitude natural, visão e compressão de mundo e empatia (DeCastro & Gomes, 2011; Goto, 2015; Goto & Feijoo, 2017; Medeiros, 2019; Orengo, Holanda & Goto, 2020a; Orengo, Holanda & Goto, 2020b; Almeida, 2022). E, apesar de se tentar evidenciar algumas significativas distancias entre a ACP e as abordagens psicológicas estadunidenses de influência da filosofia fenomenológica e existencial (como a Gestalt-terapia) no Brasil, essa associação se mantém até os dias de hoje; e os aportes teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo aparecem como “denominador comum que suscita a comunhão das distintas abordagens consideradas humanistas” (Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020, p.02). Ainda, apesar de terem sido reconhecidas como uma base de fundamentação para as abordagens da Psicologia – como as psicologias humanistas, fenomenológicas e existenciais – percebeu-se aqui como essas correntes filosóficas foram sendo apropriadas de formas às vezes equivocadas, gerando confusões conceituais ainda presentes entres os psicólogos brasileiros (Krüger, 2014; Goto, 2015; Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020).

Desde os anos de 1970, tem-se em solo brasileiro, as Psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais se ampliando em psicologias clínicas fenomenológicas humanista e existencial, mesmo que conservando as suas obscuras fundamentações e aplicações filosóficas. Em pesquisas recentes (Orengo, Holanda & Goto, 2020a; Orengo, Holanda & Goto, 2020b; Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020) foi possível identificar que os psicólogos brasileiros, ligados a essas abordagens, associam diretamente, por exemplo, a Psicologia

²⁸ Alguns autores não entendem que existam apropriações/reformulações da Fenomenologia de Husserl, mas influências desse filósofo para outros autores que inspirados em seus trabalhos passaram a desenvolver metodologias e teorias próprias. Nessa pesquisa, aderiu-se ao termo “apropriação” não por defender somente uma Fenomenologia, isto é, a elaborada por Husserl, mas por entender que parte dessas “influências” muitas vezes dão a entender que são desdobramentos da Fenomenologia husserliana, quando na verdade, partem de outra concepção de Fenomenologia.

fenomenológica elaborada por Husserl à Psicologia humanista e à Psicologia existencial, além de se apropriar de conceitos específicos (*Epoché*, método fenomenológico, redução fenomenológica, etc.) da Fenomenologia filosófica como fazeres de práticas psicoterapêuticas ou da Psicologia clínica (Orengo, Holanda & Goto, 2020a), sendo também bastante comum a associação entre “as perspectivas humanistas, fenomenológicas e existenciais de Psicologia com as perspectivas fenomenológicas e existenciais da Filosofia” (Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020)

Tem-se que, na tentativa de se compreender como as Psicoterapias fenomenológicas (Humanistas Fenomenológicas Existenciais) têm lidado com o método fenomenológico na prática psicoterápica, destacando duas abordagens aqui, Fritz Perls e Carl Rogers, explicitou alguns estudos que listam uma série de confusões e contradições histórico-epistemológicas. Ainda assim, a análise dessas abordagens e conforme estudos relatados, evidenciam sem dúvidas a existência de confusões e dúvidas sobre a chamada “clínica ou psicoterapia fenomenológica”, levando a pensar sobre como são, de fato, essas práticas clínicas psicológicas, realizadas por essas psicoterapias ditas fenomenológicas e existenciais e como empregam o método fenomenológico.

Por fim, nota-se que a questão do método fenomenológico ainda não foi versada, mas a visão de mundo oriunda do método (fenomenologia pura) e seus achados (filosofia fenomenológica). Esses subtópicos humanistas não acenam para um método ou uma filosofia fenomenológica, mas para aproximações de visões de mundo por parte dos humanistas (matriciais e nacionais)., e dessa forma, há uma indicação de que essas vertentes são fenomenológicas por uma questão de atitude (que na realidade está mais voltada para uma visão de mundo. No capítulo seguinte, segue com objetivo de identificar como as “psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais” têm concebido o método fenomenológico e utilizado na prática psicoterápica, uma vez que não tem sido suficiente recorrer a constituição

teórico-histórica, identificando e delimitando as fontes filosóficas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais, porque ali se encontram apenas sínteses abrangentes e interpretações vagas, senão confusas de seus próprios fundadores (Goto, 2022).

CAPÍTULO III

A PSICOTERAPIA HUMANISTA FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL: REVISÃO SISTEMÁTICA QUALITATIVA DA LITERATURA

3.1. Introdução

O termo “psicoterapia” ainda é de difícil definição devido sua complexidade e pluralidade teórica, amplitude histórica, correndo o risco de se tornar uma mera simplificação, reduzindo-a a algum de seus componentes; além, claro, dos diferentes critérios e metodologias que dificultam a sua definição (Ellenberger, 1976; Feixas & Miró, 1993; Dunker, 2011). Na primeira metade do século XX, o modelo psicanalítico dominou o panorama da Psicoterapia, tornando-se assim o ponto de referência principal para o desenvolvimento das psicoterapias subsequentes – as psicoterapias modernas –, de novas abordagens e de outras visões de homem.

Nessa mesma época, estava em pleno desenvolvimento a Psicologia experimental que, ao se espalhar nos EUA, possibilitou o surgimento da Psicologia comportamental, sendo psicologias que surgiram fundamentadas epistemológico-teoricamente fora do campo da prática psicoterapêutica, tendo suas raízes na Física e Fisiologia e não na prática médica propriamente dita. Ao mesmo tempo, como observou Laín-Entralgo (1964), um movimento discreto começou a surgir na medicina do século XIX, no interior dos consultórios médicos, cujos pacientes procuravam obter, não apenas um diagnóstico fisiológico, mas uma espécie de escuta, a partir de uma compreensão biográfica. Assim, tem-se o auge desse movimento a retomada da prática da psicoterapia, tendo o exemplo paradigmático a Psicanálise de S. Freud.

Diferentemente das psicologias experimentais e comportamentais aplicadas, como também da Psicanálise, apareceu o movimento da Terceira Força, ou seja, a Psicologia Humanista que, diferentemente das psicologias científicas e da prática psicanalítica, se desenvolveu, principalmente, como uma psicologia aplicada, chegando a se constituir uma prática psicoterápica. Muitas dessas psicologias humanistas tiveram sua aparição devido a

críticas ao modelo hegemônico da ciência natural e da clínica médica, justificando assim suas abordagens psicoterápicas e construindo seus embasamentos teóricos, principalmente a partir da filosofia da Fenomenologia e do movimento Existencialista.

É sabido que um dos principais críticos da Psicologia científica foi, de fato, o fundador da Fenomenologia: o matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938) que, no desenvolvimento de sua filosofia fenomenológica, evidenciou problemas na constituição epistemológica do psicologismo e da psicologia científica como psicologia fundamental. As suas críticas giram em torno da predominância do naturalismo sobre o psiquismo, a subjetividade, além da incorporação direta dos modelos normativos da ciência natural, tais como a observação, quantificação, experimentação (Giorgi & Sousa, 2010; Goto, 2015) que desconsideram os sentidos da subjetividade ao considerar apenas o objetivismo e naturalismo (Husserl, 1954/2012).

A Fenomenologia para Husserl consiste em uma filosofia cujo projeto radical de edificação de uma ciência rigorosa, retomando à subjetividade transcendental e ao mundo-da-vida (*a priori da correlação*), e, por assim dizer, recuperar epistêmico e metodologicamente a investigação filosófica. Nesse empenho, diz Husserl que, “todo aquele que almeja seriamente se tornar um filósofo deve ‘uma vez na vida’ voltar-se sobre si mesmo e buscar em si próprio a subversão de todas as ciências que até ali lhe eram válidas, e a sua reconstrução” (Husserl, 1929/2019, p. 32). Para essa empreitada, Husserl elaborou o método fenomenológico que tem como princípio fundamental reconduzir à atenção às “coisas mesmas” (*Sachen*) que, a partir de procedimentos específicos como a *Epoché*, tem-se a recondução direta ao fenômeno, ou seja, a tudo que aparece imediatamente à consciência intencional (Husserl, 1913/2006; Goto, 2015; Goto, Holanda, & Costa, 2018).

Nesse sentido, “voltar às coisas mesmas” consiste em retomar ao mundo anterior às teorizações, recuperando o mundo das vivências originárias, pré-científicas. Para tanto, Husserl

evidencia nesse caminho analítico os conceitos de atitude natural, atitude fenomenológica, redução eidética, redução fenomenológica, e com isso, o propósito é o de começar pelo originariamente dado, como fundamento de todo o conhecimento, o “princípio dos princípios”. Afirmar Husserl que: “Basta, todavia, de teorias disparatadas” (Husserl, 1913/2006, p. 69); é preciso recomeçar, a partir do método fenomenológico, pois dessa maneira pode-se recuperar “toda a intuição doadora originária” que é “uma fonte de legitimação do conhecimento”, porque “tudo que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (...) deve ser simplesmente tomado tal como ele se dá (...)” (Husserl, 1913/2006, p. 69).

Dessa forma, Husserl propõe a reformulação não só da Filosofia, mas também da Psicologia científica, porque essa “não chega a ter consciência de aqui haver um grande defeito no seu procedimento, tanto menos quanto está certo que ela zela contra todos os métodos de auto-observação, e que se esforça energicamente por vencer, pelo método experimental, os defeitos deste mesmo método” (Husserl, 1911/1965, p. 21). Resulta então que a Psicologia científica confunde o que é o psíquico, ao considerar a experiência empírico-natural como fonte de conhecimento, mas “a experiência não pode ensinar no mesmo sentido que se aplica ao físico. Pois o psíquico não é aparência empírica; é ‘vivência’, averiguada na reflexão, autoevidente, num fluxo absoluto (...)” (Husserl, 1911/1965, p. 33).

Então, Husserl, buscando obter o conhecimento de estruturas universais do conhecimento, para erguer uma epistemologia que fundamentasse a todas as ciências, recorreu a ultrapassar os “mal entendidos naturalistas”, por meio da clarificação radical das vivências da consciência, chegando assim a uma “fenomenologia pura”; uma fenomenologia que “tem exclusividade que ver, em uma generalidade pura de essência, com as vivências captáveis e analisáveis na intuição”, e não mais apenas “com as vivências empiricamente apercebidas, enquanto fatos reais, enquanto vivências de homens ou de animais que vivem no mundo que aparece, no mundo que é posto como fato de experiência” (Husserl, 1900-01/2007, p. 26).

A partir desse novo impulso filosófico de Husserl, foi se formando a “escola fenomenológica” composta por vários estudiosos, destacando-se entre eles não só os filósofos, mas psiquiatras e psicólogos que, com o método fenomenológico passaram a descrever o fenômeno psicopatológico como forma de compreender a vivência psicopatológica e suas condições de possibilidade. No campo da Psiquiatria o pioneiro que recorreu à Fenomenologia no intuito de analisar a vivência psicopatológica foi o psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969), cuja obra intitulada *Psicopatologia Geral* (1913/2000), publicada no início dos anos de 1900, deu início a essa fundamentação fenomenológica psicopatológica. Nessa obra Jaspers descreveu como os fenômenos psíquicos psicopatológicos se apresentam à experiência consciente, utilizando como método o método fenomenológico proposto por Husserl e o método compreensivo de W. Dilthey, construindo então uma proposta fenomenológica-compreensiva descritiva, voltada a ser uma nosologia.

O primeiro passo para a apreensão científica do psíquico é”, afirma Jaspers (1911/1979p. 39-40), “separar, delimitar, distinguir e descrever determinados fenômenos vividos (...). A representação das vivências e dos estados psíquicos, a sua delimitação e estabelecimento, de sorte a poder-se entender os conceitos, sempre da mesma maneira, é tarefa da Fenomenologia (Jaspers, 1911/1979, p. 39-40).

Na mesma direção analítica na Psicopatologia tem-se o psiquiatra e psicanalista suíço Ludwig Binswanger (1881-1966) que com sua prática psicanalítica e inspirado pela fenomenologia husserliana e heideggeriana elaborou o trabalho *Sobre a Psicoterapia* (1935/2009) “no intuito de dar uma outra fundamentação teórica, (...) à psicoterapia psicanalítica, via as análises intencionais da consciência e do método fenomenológico” (Medeiros, 2019, p.88), fundamentando a Psicoterapia a partir de uma antropologia fenomenológica. Apesar de Binswanger discutir os diversos elementos presentes de como se pode agir na Psicoterapia, de acordo com a autora citada, de fato, ele não apresentou diretamente

uma proposta prática e estruturada de uma “psicoterapia fenomenológica” propriamente dita, mesmo depois com sua adesão uma análise existencial de influência heideggeriana. Mas conciliando a prática psicanalítica com uma fundamentação fenomenológica, Binswanger chama a atenção dos médicos psicoterapeutas que:

Em vez da inspiração vinda da situação médica global e da comunicação puramente pessoal e, em vez de sua transposição instantânea em uma intervenção que funda uma forma funcional “normal”, uma situação médica nova e uma nova comunicação, entra, aqui, em jogo, o trabalho paciente, comum, sistemático, para uma reconstituição das experiências vividas e uma reconstrução refletida da história interior da vida, trabalho absolutamente criativo para os dois parceiros, trabalho feito pela reunião dos atos de experiências, compreensão e interpretação que, um primeiro momento, formando em uns com os outros um tecido frouxo, aparecem pouco a pouco como cada vez mais forte e sistematicamente ligados e estruturados, de modo que, em vez da intervenção intuitiva, o tema, nesta hora, torna-se determinante (Binswanger, 2001, p. 152).

Assim, destacou-se com os médicos psiquiatras Jaspers e Binswanger o início da influência da Fenomenologia filosófica na fundamentação na clínica psiquiátrica/psicanalítica, denominada como “psicopatologia fenomenológica”. O início da psicopatologia fenomenológica abriu a possibilidades importante de construção de conceitos, a partir da descrição de como fenômenos psíquicos que se apresentam à experiência consciente. E, como sugeriu Bello (2015) uma fundamentação filosófica acerca de conceitos básicos pode auxiliar as ciências humanas, principalmente, a Psicologia que pode se beneficiar de fundamentação teórica e epistemológica sobre o específico do psíquico humano.

Ainda, inspirados nesse percurso psicopatológico-fenomenológico (Besora, 1986; Krüger, 2014; Goto, 2015), os aportes teóricos da Fenomenologia serviram como base teórico-metodológica para a fundamentação de algumas das abordagens das Psicologias humanistas,

que passaram a ser identificadas como “fenomenológicas” e outras como “existenciais”. É sabido comumente todo esse percurso histórico pelos psicólogos ligados a essas psicologias humanistas, fenomenológicas e existenciais. Contudo, salientam Goto, (2015), Orengo, Holanda e Goto (2020a, 2020b), que apesar de históricas, a relação entre a Fenomenologia e a Psicologia humanista ainda é pouco compreendida em termos epistemológicos e clínicos, uma vez que em suas teorias, essas filosofias parecem ter sido apropriadas de forma superficial, não como método ou fundamentação fenomenológica, mas como “visão de mundo e de ser humano”, promovendo certas confusões e equívocos conceituais presentes até hoje entres os psicólogos, como mostram os estudos (Orengo, Holanda & Goto 2020a, 2020b).

Quando se aborda a denominada “clínica psicológica fenomenológica” nessas abordagens tem-se normalmente a intenção de tratá-la como uma clínica psicológica ou uma psicoterapia com práticas estabelecidas de uma abordagem específica, incluindo teoria e prática. Contudo, o que se encontra é uma denominação geral que inclui diversas práticas psicoterapêuticas, baseadas e diversas fundamentações teóricas, diferentes entre si, sendo umas mais próximas à Fenomenologia e Existencialismo, e outras mais distantes por utilizarem outros métodos, inclusive os naturalistas e empíricos.

Não obstante, apesar desse entendimento não ser uma preocupação evidenciada pelos adeptos, quer-se aqui compreender com mais precisão acerca da fundamentação teórico-filosófica dessas psicoterapias que se denominam de fenomenológica e existencial, tendo em vista que ainda são muitas as dificuldades quando se trata de circunscrever e definir o que se entende por “Psicologia fenomenológica e existencial”. E, ainda maiores são as dificuldades quando se pensa sobre a viabilidade de suas derivações, como a “psicoterapia fenomenológica” (Orengo, Holanda & Goto, 2020a, 2020b).

Não tem sido suficiente recorrer a constituição teórico-histórica, identificando e delimitando as fontes filosóficas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais,

porque ali se encontram apenas sínteses abrangentes e interpretações vagas, senão confusas de seus próprios fundadores (Goto, 2022). Entende-se, então, que o importante é compreender, de fato, como essas filosofias, em especial a Fenomenologia, foram apropriadas, compreendidas e passaram a circular até o presente momento. Por isso, objetivou-se nessa parte, identificar como as “psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais” têm concebido com o método fenomenológico e utilizado na prática psicoterápica, ou seja, como método terapêutico, com o intuito de averiguar as modalidades e tendências. Para isso, mais que uma investigação histórico-epistemológica, recorreu-se a revisão de artigos de pesquisa e práticas, esperando encontrar os esclarecimentos sobre a concepção e a prática do método fenomenológico no campo psicoterapêutico, a fim de identificar proximidades ou distanciamentos teórico-metodológicos com o método fenomenológico elaborado por E. Husserl, pelo seu pioneirismo e a extensão de sua influência metodológica em praticamente todas as (contra)referências diretas ou indiretas ao tema.

Apesar da Fenomenologia ter se desenvolvido por muitos filósofos e intelectuais, uns seguindo diretamente as propostas elaboradas por Husserl, outros se distanciando dessas propostas, manteve aqui o entendimento de Spiegelberg (1982) da Fenomenologia como um “movimento” filosófico, por possuir um dinamismo, um fluxo que compreende diversas correntes paralelas, mas que estão relacionadas, e, por ter “um ponto de partida comum, mas não precisam ter um destino comum definido e previsível”, sendo “compatível com o caráter de um movimento que seus componentes ramificam em diferentes direções” (Spiegelberg, 1982, p. 02).

3.2. Método

A revisão sistemática qualitativa da literatura (RSQL) foi adotada como método, que engloba, de modo geral, os seguintes passos metodológicos: a delimitação da questão a ser

pesquisada, escolha das fontes de dados e a eleição das palavras-chave, sendo depois realizada a busca e o armazenamento dos resultados, passando pela seleção de artigos por meio do resumo (de acordo com critérios de inclusão e exclusão). Em seguida, realizada a extração dos dados desses artigos selecionados e, por fim, os dados encontrados foram sintetizados e interpretados (Akobeng, 2005). Tal método foi proposto uma vez que há o compromisso em responder a uma pergunta específica, além de buscar a superação de vieses por meio de um método rigoroso de busca e seleção de pesquisas (Rother, 2007; Batista & Kumada, 2021).

3.2.1. Procedimentos

Inicialmente, delimitou-se a seguinte questão de pesquisa: como as Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais brasileiras têm lidado com o método fenomenológico em psicoterapia? Em seguida, para busca e seleção dos estudos, conduziu-se uma revisão sistemática nas bases de dados eletrônicas do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). O levantamento foi realizado entre os dias doze (12) de dezembro de 2021 e trinta (30) de junho de 2022, sendo esse o período de coleta e tabulação dos dados. A base SciELO foi utilizada por ser considerada como o maior provedor de periódicos indexados de acesso aberto do mundo (Packer, Cop, Luccisano, Ramalho & Spinak, 2014 citado por Castelo-Branco & Cirino, 2017). Ademais, a PePSIC também foi escolhida tanto por utilizar do mesmo sistema e método de busca da SciELO, quanto por ser uma fonte ligada à Biblioteca Virtual em Saúde que divulga apenas periódicos e artigos em Psicologia. Já a LILACS foi escolhida por ser uma base de dados especializada na área da saúde, com literatura científica e técnica com acesso livre e gratuito. Assim, essas três bibliotecas atendem às necessidades de nossa pesquisa, pois se encontrou amplitude e representatividade na circulação de artigos científicos relacionados à Psicologia no Brasil.

A busca nas bases foi realizada utilizando a *string* (método AND fenomenológico) AND (psicoterapia OR clínica), com os índices selecionados: título, resumo, assunto e descritor de assunto. A seleção inicial resultou em 106 referências potencialmente relevantes, conforme indicado na Figura 1. Os artigos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) versar sobre algum tema ou pesquisa de orientação fenomenológica na psicoterapia ou abordar o método fenomenológico em sua pesquisa teórica e/ou na psicoterapia; b) ser um artigo completo de natureza teórica ou empírica; c) idioma em língua portuguesa; d) estar indexado em periódicos da área da Psicologia.

Nessa busca, foram encontrados 106 artigos, sendo quatro na base SciELO, 48 artigos na PePSIC e 55 na LILACS. Os artigos foram analisados de acordo com os seguintes critérios de exclusão: a) publicações feitas em periódicos estrangeiros foram excluídas, visto que se busca a produção brasileira; b) artigos publicados antes de 2011 não foram incluídos, visto que se busca pela produção de 10 anos na área, também se excluiu aqueles produzidos a partir de 2022, pois muitos ainda estão organizando os volumes do ano corrente, não possibilitando uma visão geral do que foi produzido durante o ano. Assim, a delimitação temporal da coleta foi estabelecida de 2011 até 2021.

Foram excluídos artigos duplicados (N = 24), isto é, aqueles repetidos dentro da mesma base de dados e repetidos (N = 25), ou seja, aqueles que apareceram mais de uma vez em diferentes bases de dados, além de uma dissertação, uma tese, quatro artigos indexados em revistas de enfermagem, sendo dois deles artigos de reflexão; além disso, cinco artigos foram descartados, pois não estava dentro do intervalo de tempo selecionado.

Em seguida, foram extraídos os dados desses artigos em uma planilha de acordo com ano de publicação, título do estudo, nome dos autores e coautores, filiação dos autores, periódico de publicação e tipo de estudo (teórico ou empírico). Na figura 1, apresenta-se o

fluxograma que descreve o plano de seleção de artigos que resultou na amostra bibliográfica final (Akobeng, 2005).

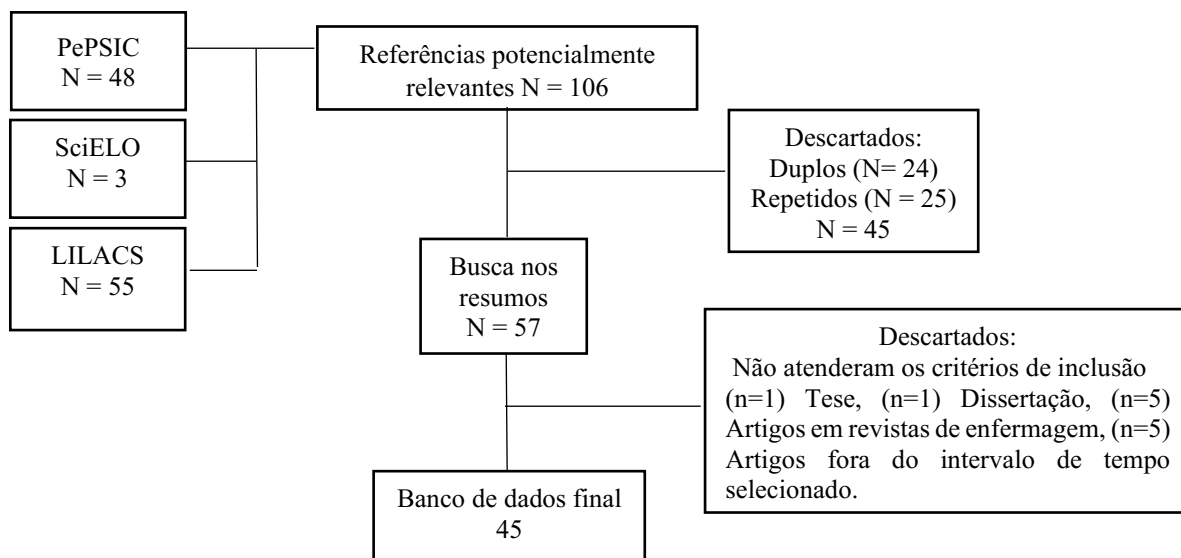


Figura 1. Estratégia de Busca

O banco final de artigos (N = 45) serviu como fonte para análise sobre como as Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais têm lidado com o método fenomenológico na psicoterapia no cenário brasileiro. Sobre a organização das principais características das referências selecionadas, em um primeiro momento, os artigos foram categorizados segundo a distribuição: temporal (Tabela 1); de desempenho dos periódicos brasileiros (Tabela 2); ranque dos psicólogos com maior índice de produção (Tabela 3); filiações institucionais dos autores e coautores (Tabela 4). Em um segundo momento, realizou-se uma análise qualitativa aprofundada, em que a avaliação das referências envolveu a identificação das seguintes dimensões de análise: (I) desenho metodológico empregado; (II) análise de dados; (III) descrição do método fenomenológico; (IV) método fenomenológico no fazer terapêutico.

3.3. Resultados e Discussão

Os resultados foram organizados conforme as descrições dos dados, dispostos em seguida na Tabela 1, relacionados à distribuição de artigos sobre o método fenomenológico nas práticas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais no Brasil, publicados no ano de 2011 até 2021, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição temporal de publicações

Ano	Frequência	%
2011	3	6,66
2012	3	6,66
2013	7	15,55
2014	4	8,88
2015	1	2,22
2016	4	8,88
2017	2	4,44
2018	5	11,11
2019	5	11,11
2020	9	20
2021	2	4,44
Total	45	100,0

Nota-se que o ano de 2020 reúne o maior número de publicações (N = 9; 20,0%), correspondendo ao ano mais produtivo. Ao se ponderar sobre os possíveis motivos dessa alta produtividade, identifica-se que a *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia* publicou um *Dossiê*, intitulado: *Psicologia e Fenomenologia*. Enquanto que a *Revista da Abordagem Gestáltica* apresentou uma edição especial, visto uma grande produção do ano de 2020, apresentando em seu editorial temáticas sobre os sentidos da psicoterapia e supervisão em clínica fenomenológica, dentre outros. E, no ano de 2015, no entanto, apresentou apenas uma publicação. Parece-nos que essa temática se destaca apenas em volumes organizados e não de maneira espontânea, indicando assim um assunto de não muito interesse ou com poucas problematizações.

Outra constatação significativa, refere-se ao desempenho dos periódicos brasileiros na publicação de artigos sobre a Psicoterapia e método fenomenológico, cuja aplicação do método fenomenológico está significativamente relacionada exclusivamente às pesquisas qualitativas em Psicologia, conforme aponta-se na Tabela 2.

Tabela 2. Desempenho dos periódicos brasileiros

Periódico	Frequência	%
Revista Abordagem Gestáltica	20	44,44
Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ	6	13,33
Psicologia <i>Ciência</i> e Profissão	4	8,88
Revista IGT na Rede	4	8,88
Psicologia em Estudo UEM	2	4,44
Psicologia & Sociedade	1	2,22
Psicologia Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde PUC-SP)	1	2,22
Revista PSICO	1	2,22
Revista Psicologia e Saúde (PSSA)	1	2,22
Arquivos Brasileiros de Psicologia	1	2,22
Revista de Psicologia Clínica-PUC-RJ	1	2,22
Psicologia Argumento	1	2,22
Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH)	1	2,22
Revista NUFEN	1	2,22
Total	45	100%

De acordo com a Tabela 2, a *Revista da Abordagem Gestáltica* concentra quase a metade do total de publicações, com 20 artigos publicados (44,44%). Em segundo lugar está a *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ* que possui uma porcentagem quase quatro vezes inferior como segunda colocada (13,33%). Como é sabido, a *Revista da Abordagem Gestáltica*²⁹ tem orientação editorial focada na publicação de artigos de orientação humanística, fenomenológica e existencial no campo da Psicologia, o que pode demonstrar a preferência dos autores pela publicação nessa revista, fazendo com que a visibilidade ao público de outras abordagens psicológicas seja afetada. Enquanto nas revistas *Estudos e Pesquisas em Psicologia e Rede do Instituto e Gestalt-Terapia* (IGT na Rede) possuem a mesma quantidade de artigos publicados, ao mesmo tempo que não se restringem a publicações que se relacionam ao âmbito

²⁹ Link do site da Revista: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rag/about>

da Fenomenologia, tendo foco em artigos inéditos da área da Psicologia. A primeira revista do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) conta com os trabalhos desenvolvidos por autores como Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, que também coordena o projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE)³⁰; e a Revista IGT na Rede do Instituto e Gestalt- Terapia e Atendimento Familiar trata de temas, em especial, voltados ao referencial Gestáltico, lidando com diferentes expressões filosóficas, teóricas e práticas da Gestalt-Terapia³¹.

Com relação a todos os autores (N=92) nessas publicações nos periódicos analisados, tem-se um ranque dos sete autores com maior índice de produções, entre parênteses as datas das publicações, na Tabela 3.

Tabela 3: Ranque dos psicólogos com maior índice de produção

Autor	Frequência (Anos das publicações)
Georges Daniel Janja Bloc Boris	4 (2013; 2013; 2014; 2020)
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	3 (2013; 2018; 2018)
Adriano Furtado Holanda	3 (2011; 2020; 2020)
Joanneliese de Lucas Freitas	3 (2016; 2018; 2021)
Virginia Moreira	2 (2014; 2015)
Evelyn Denisse Felix de Oliveira	2 (2014; 2019)
Celana Cardoso Andrade	2 (2011;2018)

O ranque apresenta sete autores com maior incidência de publicação, sendo que os demais autores (N = 85; 92,3%) produziram 1 artigo cada. De acordo com a Tabela 3, *Georges Daniel Janja Bloc Boris* (UNIFOR) se destaca com maior número de publicações. Isso provavelmente se deve devido o autor ter desenvolvido seu trabalho direcionando à temática de grupo, além de ser um dos tradutores da obra de Fritz Perls (1893-1970) no Brasil, com *Ego*,

³⁰ Link do site do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE): <https://www.lafepeuerjpelavida.wordpress.com/>

³¹ Link do site da Revista IGT na Rede do Instituto e Gestalt- Terapia e Atendimento Familiar: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/about>

fome e agressão (1942) (Castelo-Branco & Farias, 2020a). Além disso, nos últimos anos, o autor tem se dedicado “a explorar a literatura fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, buscando estabelecer articulações teóricas, metodológicas e clínicas de suas concepções com temas existenciais, voltados à produção de textos e pesquisas nos campos da clínica fenomenológico-existencial e das relações de gênero”³².

Na sequência, em segundo lugar, tem-se *Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo* (UFRJ) que é uma das representantes da Psicologia Existencial e *Daseinsanalyse* no Brasil, e está à frente de vários movimentos institucionais (Instituto De Psicologia Fenomenológico-Existencial Do Rio De Janeiro – IFEN, e Congressos de Psicologia Existencial), trabalhando com temáticas da Psicologia clínica, como o luto, suicídio, etc. Em terceiro, *Adriano Furtado Holanda* (UFPR), editor chefe da *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica*, coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno), e que em seus estudos e orientações tem aplicado o método fenomenológico-empírico para compreender vários tipos de experiências, como em determinados fenômenos empíricos e fenômenos presentes no campo da Psicoterapia, voltando-se para um campo mais tradicional e da Psicologia Aplicada, como da saúde (Holanda, 1997). Ressalta-se que Holanda teve sua formação com os introdutores desse viés fenomenológico nas abordagens como na Gestalt Terapia, com Jorge Ponciano Ribeiro e na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) com Mauro AmatuZZi. Seguindo, aparece a *Joanneliese de Lucas Freitas* (UFPR) que tem trabalhado nominalmente com a “Psicologia fenomenológica” e se dedicado ao estudo da “Fenomenologia crítica”, apresentando articulações aplicada aos temas clínicos. como o luto e suicídio (Freitas, 2013), porém não tem destacado aspectos metodológicos de uma psicoterapia fenomenológica. Apesar de *Virginia Moreira* (UNIFOR) aparecer em quinta posição nas publicações, de acordo com DeCastro e Gomes (2011, conforme citado por Castelo-Branco & Cirino, 2017) “Moreira ainda é apontada

³² Retirado do currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0059246441200692>

como pesquisadora de destaque na produção de artigos que fazem uso do método fenomenológico empírico” (p. 05). Ademais, a autora é coordenadora do “Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista Fenomenológica” (APHETO) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Ainda, *Evelyn Denisse Felix de Oliveira* (UCDB)³³ tem sua produção de estudos voltados para as áreas de Gestalt-terapia, Gestalt-terapia com crianças, Ludoterapia, Psicoterapia, Psicoterapia de Grupos, Psicologia do desenvolvimento e avaliação psicológica. E, por fim, *Celana Cardoso Andrade*³⁴: editora associada da Revista da Abordagem Gestáltica; Membro fundadora da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG), e tem experiência na área Clínica e na Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino Psicoterápicos.

Assim, de acordo com Castelo-Branco e Farias (2020), esses autores podem ser vistos como figuras de produção, pois expandem e renovam o campo da ACP e da GT, não apenas o tema da Fenomenologia na Psicoterapia que tentam explicitar.

Foi realizado também um levantamento de universidades a que se filiam os 92 autores dos 45 artigos, realizando-se uma investigação sobre a filiação institucional de cada autor e dos coautores dos artigos, apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Filiações institucionais dos autores e coautores

Instituição	Frequência	%
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	15	16,30
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	14	15,21
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)	4	4,34
Universidade Federal do Pará (UFPA)	4	4,34
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	4	4,34
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	3	3,26
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	3	3,26
Universidade de Rio Verde (UniRV)	3	3,26
Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira-PE (IMIP)	3	3,26
Universidade Federal de Goiás (UFG)	3	3,26
Universidade de São Paulo (USP-SP)	3	3,26
Instituições que publicaram 1 ou 2 artigos	33	35,86
Total	92	100%

³³ Retirado do currículo Lattes da autora: <http://lattes.cnpq.br/4089586146922161>

³⁴ Retirado do currículo Lattes da autora: <http://lattes.cnpq.br/0854003365172460>

Optou-se pelo registro em tabela de todas as instituições que publicaram três ou mais artigos sobre a Psicoterapia e método fenomenológico, cuja aplicação do método está relacionada com pesquisas qualitativas em Psicologia, a fim de mostrar suas frequências e porcentagens. A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) apresentou o maior número de autores filiados, seguida por Universidade Federal do Paraná (UFPR), resultando que essas duas Universidades representam 32,58% da produção nacional, sendo confirmada pela análise de autores.

A UNIFOR, como verificada em outra revisão sistemática, foi indicada como instituição protagonista em outras produções humanistas, com a maior produtividade nacional de artigos sobre a Psicologia Humanista de Rogers (Branco & Cirino, 2017). Ainda, justifica-se isso pela UNIFOR tem uma linha de pesquisa no mestrado e doutorado, que incorpora psicopatologia e psicoterapia humanista e fenomenológica, por influência de professores como *Virginia Moreira* e por *Georges Boris*. Ambos coordenam um grupo de pesquisas, intitulado APHETO³⁵, que desenvolveu uma variante do método fenomenológico empírico de Amedeo Giorgi com base em Merleau-Ponty (1908-1961), intitulado “método fenomenológico crítico”, sendo esse bastante empregado em pesquisas clínicas, na perspectiva qualitativa. O “método fenomenológico crítico” aproxima a Etnografia com a Fenomenologia, a partir do conceito de *Lebenswelt* (mundo vivido), contribuindo para a discussão metodológica de estudos de casos (Moreira & Cavalcante-Junior, 2008).

A Universidade Federal do Paraná (UFPR), como já citada anteriormente, é a segunda colocada nesse *ranking*, e tem representantes importantes nessas produções nacionais, como *Adriano Furtado Holanda* e *Joanneliese de Lucas Freitas*, fundadores e principais

³⁵Link do site do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO): <https://www.apheto.net/>

pesquisadores do “Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade” (LabFeno)³⁶, que se estuda a Psicopatologia Fenomenológica, estudos empíricos em psicoterapia existencial, dentre outros temas clínicos em geral, como promoção de saúde³⁷.

Com isso, destaca-se que essas instituições lançam tendências de estudos fenomenológico-empíricos, e que seus autores podem ser vistos como expoentes dessa produção, trazendo outras perspectivas daquela original dos estadunidenses, voltando-se para a filosofia de Merleau-Ponty, por exemplo.

Adentra-se agora no segundo momento da análise dos resultados, ou seja, sobre o teor dessas publicações. Assim, após a leitura quantitativa dos artigos selecionados, passou-se para uma leitura aprofundada, qualitativa, acerca do conteúdo de cada artigo, onde foram obtidos alguns trechos importantes, armazenados com intuito de organizar informações para responder à questão norteadora, correspondendo às seguintes dimensões de análise: (I) desenho metodológico empregado, (II) análise de dados, (III) conceituação do método fenomenológico, (IV) método fenomenológico como recurso terapêutico.

(I) Quanto aos resultados relativos à primeira dimensão de análise, em relação ao desenho metodológico, notou-se a hegemonia de artigos de vertente fenomenológico empírica (n = 29; 64,44%) em relação aos artigos de vertente teórica (n = 16; 35,55%). Os artigos de maior incidência são pesquisas empíricas realizadas tanto no campo da psicoterapia, que analisam temas específicos presentes na clínica psicológica. Assim, foram identificados 29 estudos de abordagem qualitativa que usam o “método fenomenológico” como instrumentos de coleta de dados, principalmente nas entrevistas semidirigidas/semiestruturadas, denominadas como: entrevistas fenomenológicas; entrevista não-diretiva-ativa; entrevista-aberta; entrevista narrativa; entrevista fenomenológica aberta, perguntas norteadoras (pergunta/ questão disparadora; questão norteadora; pergunta que mobiliza a experiência), e questionários

³⁷ Link do site do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno): <http://labfeno.com.br/>

sociodemográficos. É interessante observar que de partida não existe um consenso na nomenclatura e no entendimento no desenho metodológico, o que de início mostra uma certa divergência interpretativa sobre o método fenomenológico que, como se sabe, tem um desenho metodológico bem definido e rigoroso. “A fenomenologia recém-surgida”, afirma Husserl, “(...) não tem apenas que desenvolver o método de obter novas espécies de coisas para novas espécies de conhecimento, ela tem de proporcionar a mais perfeita clareza sobre o sentido e a validade desse método, que a capacite a rechaçar todas as objeções sérias” (Husserl, 1913/2006, p. 144)

Outro ponto de destaque é que essas pesquisas empíricas são pesquisas que recorrem ao método fenomenológico-empírico, desenvolvido pelo psicólogo americano Amedeo Giorgi (Goto & Feijóo, 2016; Goto, 2022), mas com modificações introduzidas. Nesse sentido, esse destaque confirma-se com a assertiva colocada por Amatuzzi (2009) que a abordagem qualitativa de enfoque fenomenológico-empírico é muito utilizada nas linhas de pesquisa humanistas e existenciais. Observa-se também que as pesquisas qualitativas, basicamente, buscam compreender certos fenômenos nos termos dos significados (hermenêuticos) das experiências atribuídos pelos participantes, visando dar voz e ressaltar seus pontos de vista. Por fim, como ressaltam DeCastro e Gomes (2011), o caráter empírico da pesquisa fenomenológica se apresenta quando da utilização dos dados advindos de entrevistas, observações, etc., se orientando à descoberta de significados dados pelos participantes da pesquisa a sua experiência.

Destaca-se aqui que em nenhum artigo recorreu-se diretamente ao método fenomenológico proposto por Husserl. Diferentemente, o que se evidenciou foram as referências metodológicas de autores que propõem interpretações e modificações do método fenomenológico original, adaptados às pesquisas empíricas. O que expressa uma adesão ao movimento de Psicologia Humanista, em suas filiações científicas e empíricas de estudos compreensivos sobre a experiência. Ainda, é importante ressaltar que Fenomenologia

privilegia, conforme afirma Husserl, de modo único, “a esfera eidética da própria consciência fenomenologicamente purificada” (Husserl, 1913/2006, p. 136) e isso significa que a análise fenomenológica está em uma “orientação eidética”, cuja relação com o real, como todo mundo físico e psíquico, é posta fora de circuito.

Dentre os outros dezesseis (16) estudos teóricos de caráter qualitativo e fenomenológico encontrados, onze (11) eram estudos teóricos de caráter qualitativo, de revisão narrativa, e seguiam um caminho teórico proposto por seu(s) autor(es) acerca da teoria fenomenológica, ora voltando-se para a clínica/psicoterapia, ora para a discussão do método fenomenológico como método de pesquisa empírica. Então, algumas pesquisas seguiram caminhos diferentes, como: um (01) artigo que trata de uma revisão integrativa da literatura, e discute a utilização do desenho na prática clínica em Gestalt-terapia; um (01) trata de uma pesquisa bibliográfica documental; um (01) estudo de caso a partir de uma pesquisa documental *ex post facto* descritiva, com a demonstração de desenhos livres de uma criança; uma (01) pesquisa bibliográfica que discute acerca da conjugalidade vista a partir de pressupostos teóricos norteadores da Gestalt e , uma (01) revisão integrativa que discute quais fatores influenciam as relações amorosas a partir da confluência como um mecanismo de defesa sob a perspectiva da Gestalt-terapia. Ainda, oito artigos (08) apontam possibilidades de um diálogo entre a Gestalt-Terapia e seus pressupostos/conceitos e outras temáticas, como: um (01) sobre o Psicodrama, dois (02) artigos discutem acerca do desenho na prática clínica, um (01) sobre os Grupos vivenciais, um (01) da importância da interpretação do “método fenomenológico” de Köhler para Gestalt, um (01) sobre Transgeneridade, um (01) acerca da conjugalidade, e, por fim, um (01) sobre o mecanismo de defesa sob a perspectiva da Gestalt-terapia. Reconhece-se, assim, que as pesquisas em Gestalt-Terapia vêm trabalhando com temáticas envolvidas na psicoterapia/clínica psicológica, buscando fundamentar suas práticas por meio da aplicação de

conceitos, como: *awareness*, aqui-agora, contato e funções de contato e sua relação com a Fenomenologia em um sentido muito amplo.

Dentre os dezesseis (16) trabalhos anteriormente citados, oito (08) versavam acerca de temáticas bastante distintas, mas estavam todos focados em esclarecer o pensamento fenomenológico e/ou existencial e/ou sobre como conceber e atuar na prática clínica psicológica como possibilidade de atuação clínica do psicólogo, refletindo sobre seus limites e possibilidades. Como conceitos e formas de atuação mais explorados, aparecem a importância da suspensão de *a priori*, por parte do psicólogo, além de uma postura ética e atenta ao paciente e o significado do que é expressado.

Em síntese, os artigos teóricos estavam divididos entre aqueles que se voltavam à Gestalt-Terapia, e a outros com cunho mais existencial-fenomenológicos, evidenciando uma tendência dentre os autores brasileiros de aderirem ao que foi justamente ressaltado pelos estadunidenses, isto é, as bases filosóficas da Fenomenologia e do Existencialismo, recorrendo as fontes originárias (como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, entre outros). Isso evidencia outra manifestação humanista, local e brasileira, que é diferente justamente por acentuar os aspectos filosóficos da Fenomenologia e do Existencialismo, e por outro lado, tende a integrar tais filosofias aos afluentes empíricos da Psicologia Humanista. Logo, as produções nacionais parecem integrar as tradições europeias e americanas de Fenomenologia (filosófica na Europa e empírica dos EUA) (Castelo-Branco, 2020).

(II) Quanto a segunda dimensão (análise de dados), ou seja, como o “método fenomenológico” foi apresentado e concebido como pressuposto filosófico da psicoterapia e norteador de um pensamento metódico na coleta e análise dos dados; dentre o total de estudos empíricos e teóricos, tem-se que onze (11) utilizaram a metodologia proposta por Amedeo Giorgi (2008) e Giorgi e Sousa (2010), apresentando os quatro³⁸ passos dessa análise. Desses

³⁸ Trecho para exemplo: “1) transcrição literal das falas e uma leitura inicial geral; 2) leitura repetida do material de fala e discriminação das unidades de significado que constituem o fenômeno; 3) conversão das unidades de

artigos, apenas três (03) não citam outros instrumentos. Em outros oito (08) estudos há uma associação com outros métodos qualitativos (fenomenológicos e não fenomenológicos/objetivos – como por exemplo, o questionário sociodemográfico), com diferentes autores como referência (Amatuzzi, 2001; Gomes, 1997; Martins & Bicudo, 2005; Forghieri 1993; Merleau-Ponty 1964/2009; DeCastro & Gomes, 2011; Andrade & Holanda, 2010).

Obteve-se destaque o método fenomenológico tal como elaborado por Amatuzzi (1996, 2010) em cinco (05) pesquisas, mesmo que nessas também foram acrescentados outros instrumentos para coleta de dados como: (01) entrevista não diretiva de Mucchielli (1991); (01) entrevista preliminar, entrevista fenomenológica com pergunta que mobilizasse a experiência (Raneiri & Barreira, 2010); (01) uma entrevista estruturada para obtenção de dados sociodemográficos e uso da versão de sentido que tem sua base na fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty e em Martin Buber; (01) um fez uso de entrevistas não diretiva ativa com pergunta disparadora, e por fim, (01) um uso da versão de sentido e apresentação de análise fenomenológica em quatro passos (não se nomeou o método utilizado).

Dentre o total de artigos selecionados, vinte e quatro (24) utilizaram o método fenomenológico existencial-hermenêutico para a análise, a partir de diferentes autores, sendo que desses, quinze (15) não apresentavam instrumentos para a coleta de dados. Autores como Heidegger, Merleau-Ponty (1964/2009), Forghieri (1993), Moreira (2009), Van Manen (2018), Feijoo e Mattar (2014) foram citados. Nessa mesma perspectiva fenomenológica-hermenêutica, mas em um viés empírico, foram identificados nove (09) estudos que apresentavam instrumentos para a coleta de dados, aliando o método fenomenológico de diferentes autores a entrevistas e dinâmicas de grupo para coleta de dados. Quanto as demais pesquisas, cada uma se amparou por métodos fenomenológicos de análise diferentes, como: a) Método

significado para a linguagem científica e aprofundamento teórico; 4) e por fim, síntese das unidades de significado em um texto coeso que apresente aos leitores a compreensão da experiência estudada” (Therense, 2019, p.17).

fenomenológico de Sanders, b) análise fenomenológica interpretativa de Breakwell, Hammond, Fife-Schaw e Smith (2010), c) Método fenomenológico proposto por Clark Moustakas (1994), d) Método fenomenológico de Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), e) Método fenomenológico de orientação semiótica. Esses, de forma geral, evidenciam uma estrutura semelhante entre si, uma vez que dividem o método fenomenológico em quatro partes/fases.

Quanto aos métodos fenomenológicos de análise diferentes, esses podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5: Métodos de análise específicos propostos

Métodos	Trecho retirado do artigo	Recurso de coleta de dados
Método fenomenológico de Sanders	“[...]a estrutura fenomenológica da pesquisa pode ser compreendida a partir de três eixos: 1) determinação de limites sobre “o que” (assuntos que não buscam quantificação) e “quem” (pessoas que possam oferecer informações sobre o fenômeno estudado) é investigado; 2) a coleta de dados (a partir de entrevistas com participantes, gravadas e transcritas); e 3) a análise fenomenológica dos dados (Moreira, 2002, p. 121)” (Nascimento, & Vale, 2013, p.160).	Redução Fenomenológica (Forghieri, 2004) e Roteiro de entrevistas com três perguntas objetivas.
Análise fenomenológica interpretativa de Breakwell, Hammond, Fife-Schaw e Smith (2010).	“O acesso do pesquisador à experiência vivida é possível por meio de uma dupla hermenêutica, ao se posicionar com empatia e criticidade frente ao fenômeno estudado. [...] o pesquisador desvencilha-se de seu campo de visão particular e compreende o campo fenomenológico na percepção do outro, nos limites de um distanciamento mínimo do pesquisador, para que os dados recebam um tratamento científico” (Morais, Silva, Medeiros & Vieira, 2013, p. 12).	Não consta.
Método fenomenológico proposto por Clark Moustakas (1994).	“A entrevista transcrita foi lida várias vezes, exercitando a <i>epoché</i> , procedimento fenomenológico em que no processo da análise, a pesquisadora suspendeu conceitos prévios. A análise dos depoimentos e a derivação das unidades de significado foram feitas a partir da leitura das entrevistas e o agrupamento dos temas individuais. Posteriormente, foram agrupados em um arquivo todos os temas que se repetiram, compondo assim os principais temas de todos os entrevistados. Os temas mais presentes foram organizados [...] em unidades de significado” (Fukumitsu & Kovács, 2016, p.6)	Entrevista aberta com questão disparadora.
Método fenomenológico de Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007).	“Fase 1 – transcrição integral das entrevistas; fase 2 – construção de unidades de significados; fase 3 – reorganização das entrevistas de acordo com as unidades; fase 4 – conversão das falas literais para uma linguagem padronizada; fase 5 – construção de uma estrutura textual para cada entrevistado” (Vasconcelos & Aléssio, 2019, p.5).	Entrevistas qualitativas narrativa e semiestruturada.

Método fenomenológico de orientação semiótica	“O método fenomenológico-semiótico pauta-se em uma tríade reflexiva, que permite análises progressivas e sistemáticas. Partindo desta perspectiva, a análise dos dados seguiu as etapas da flexibilidade fenomenológica, que perpassa pela descrição, redução e interpretação (Gomes, 1997; Gomes, 1998; Gomes, 2007; Lanigan, 1997’ (Motta, Assis, & Satelis, 2020, p.384)	Entrevista fenomenológica aberta, individual com Pergunta disparo
---	---	---

Pode-se, então, considerar que o método de análise mais utilizado nas pesquisas identificadas, como nos resultados anteriores, foi o “método fenomenológico-empírico” proposto por Amedeo Giorgi (1997/2008) e Giorgi e Sousa (2010). O método proposto por Giorgi buscava fomentar uma psicologia de inspiração fenomenológica husserliana, considerando um fazer científico a partir da descrição qualitativa dos fenômenos estudados, mas focando na experiência (Amatuzzi, 2009; Goto, 2022). No entanto, uma recente revisão integrativa da literatura (Moreira & Souza, 2016) deparou-se com uma escassez de produções publicadas em periódicos científicos acerca do método fenomenológico empírico proposto por Amedeo Giorgi, o que pode evidenciar um aumento de publicações com esse método desde 2016. O segundo método mais proposto são os de perspectiva “fenomenológico-hermenêutico-existenciais” que se basearam em diferentes filósofos existenciais e intérpretes. De forma geral, os métodos de análise apresentados na Tabela 5 evidenciam uma estrutura semelhante entre si, uma vez que dividem o método fenomenológico em partes/fases.

É possível perceber as diferentes formas que o método fenomenológico, expresso como fenomenológico empírico, vem sendo apresentado nas pesquisas qualitativas em Psicologia, porém não se identificou a presença e a discussão do método fenomenológico diretamente de Husserl. Não obstante, apesar de existirem, atualmente, mais de um método utilizado em Psicologia e Psicopatologia, “no geral, a literatura específica desta área se refere ao método no singular” (Moreira, 2004, p.447). Aqui a autora citada entende que se nomeia como método fenomenológico, mesmo sofrendo variações, e isso vai de acordo com o pensamento filosófico que o sustenta. No mais, ainda é interessante ressaltar a crítica apontada por May (1976, p.27)

de “um perigo de ecletismo feroz nessas abordagens fenomenológicas e existenciais da terapia, quando elas são usadas sem o rigoroso estudo clínico e o pensamento que precedem qualquer especialidade”.

É mister destacar que os autores encontrados, geralmente, não recorrem diretamente ao método fenomenológico de Husserl, podendo gerar suspeitas sobre o conhecimento e a propriedade que esses autores têm de fato do método, pela aproximação ser sempre indireta. No mais, também não partem e nem apresentam uma discussão da relação da Fenomenologia com a Psicologia, deixando assim obscuros os caminhos possíveis para sua aplicabilidade no campo da Psicoterapia.

Sobre o método fenomenológico-empírico de Giorgi, tendo em vista que foi o mais citado, cabe salientar que conforme os estudos de Melo (2016), Feijóo e Goto (2016), Goto, Costa & Schievano (2019) e Goto (2022), trata-se de um método empírico-hermenêutico, diferente daquele sugerido pelo Husserl em sua fenomenologia psicológica. O método fenomenológico-empírico é hermenêutico porque recolhe e analisa as experiências pelos seus significados experienciais, sendo o próprio pesquisador quem os associa aos objetivos, conforme narrativa recolhida dos colaboradores, estabelece as discussões dos sujeitos e a perspectiva de análise. Nesse sentido, apesar do pesquisador romper relativamente com a atitude natural, na etapa final de categorização e discussão com base na área de conhecimento do pesquisador, este ainda atribui significado ao que foi relatado pelos sujeitos, fazendo com que a redução seja parcial (Melo, 2016).

Ainda, sobre a questão das “reduções fenomenológicas”, condição imprescindível do método fenomenológico de Husserl, Feijóo e Goto (2016); Goto, Costa e Schievano (2019) e Goto (2022), argumentam que o método de Giorgi realiza uma redução incompleta, isto é, uma operacionalização adaptada do método fenomenológico ao empírico, uma vez que não chega, de fato, à estrutura essencial de uma vivência psicológica, objetivo de uma investigação na

Psicologia fenomenológica. Assim, o método de Giorgi atinge até o significado de uma experiência vivida, um objetivo e conteúdo que pode perpassar qualquer área das ciências humanas e não exclusivo da Psicologia. Sobre essa questão, tanto Husserl (1913/2006), quanto Edith Stein (1922/2005), advertiram que a Psicologia é uma ciência que fica na intersecção entre as ciências naturais e as ciências do espírito (humanas), justamente pelo seu objeto de investigação ser a vida psíquica, que não é apenas constituída pela causalidade (orientação naturalista) como as ciências naturais e nem apenas pela motivação (orientação personalista) como as ciências humanas (espírito), mas sofre a interferência de ambas.

Em relação à terceira unidade (III), a descrição do método fenomenológico, após a leitura atenta a cada descrição sobre o método fenomenológico nos artigos, notou-se que parte significativa dos artigos selecionados descreveu superficialmente ou apenas citou de forma geral o método fenomenológico tal como Husserl concebeu, sendo muitas vezes, como citado, apresentadas (re)leituras dessa proposta de Husserl à luz do referencial fenomenológico-hermenêutico e existencial, a fim de adaptar/modificar certos elementos para, então, servir de método à pesquisa empírica do tipo qualitativa em Psicologia. Outrossim, tem-se que essa outra versão do “método fenomenológico” foi descrito por diferentes autores, tendo em vista manter o pensamento filosófico-fenomenológico diverso também, para sustentar epistemologicamente a pesquisa qualitativa em Psicologia. Nesse empreendimento destaca-se o psicólogo AmatuZZi (1996, 2008, 2010), o autor mais citado, apresentando sua proposta de análise fenomenológica de forma acessível e didática para o leitor, sendo por isso, talvez, bastante citado. Somam-se ainda, artigos que explicitam certa relação da Gestalt-terapia com a Fenomenologia como base de seus conceitos, porém muito mais como “visão de mundo” que como fundamentação epistemológica e metodológica. Ou seja, a visão de mundo provoca uma vivência ou ciência pré-reflexiva em seus valores, e estes podem ser acessados e interpretados, quando o filósofo ou o epistemólogo assume tal tarefa.

De forma geral, nos artigos identificados, essas propostas diversas de descrições do método fenomenológico adaptadas e modificadas, uma vez que não recorrem de fato à proposta exposta por Husserl diretamente, podem ser divididas em três categorias, como: I) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica o método fenomenológico apresentado por Husserl, como por exemplo: Amedeo Giorgi, e Daniel Sousa II) autores brasileiros que seguem a sua maneira os autores-intérpretes (I) do método de Husserl, como por exemplo: Mauro M. AmatuZZi, William B. Gomes, Adriano Furtado Holanda, Celina Andrade, Thiago Gomes de Castro, Cristiano Barreira e, por fim III) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica a fenomenologia hermenêutica-existencial, como: Max van Manem, Clark Moustakas, Glynis M. Breakwell, Sean Hammond, Chris Fife-Schaw, Jonathan A. Smith e no âmbito brasileiro, Yolanda C. Forghieri, Virginia Moreira, Ana Maria Feijoo, Cristiane Mattar, Zeidi Araujo Trindade e Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento. Apesar dessa dimensão não estar alinhada com o objetivo principal dessa pesquisa, ao se fazer a busca de dados na tentativa de encontrar como os psicólogos compreender o “método fenomenológico” na Psicoterapia, foram encontrados apenas o método fenomenológico como método de pesquisa em objetos de conteúdos psicoterapêuticos. Desse modo, nota-se como aplicação do método fenomenológico na clínica continua uma tarefa impossível ou inacabada (May, 1977). Assim, pela senda da pesquisa fenomenológica empírica sobre fenômenos clínicos, os psicólogos vêm contornando ou tangenciando essa empreitada.

Em relação ao objetivo pesquisado, não foi identificado uma conceituação ou mesmo uma explicação, apresentação da aplicação do método fenomenológico no campo da Psicoterapia; nem nas versões originais de outras propostas, como das fenomenologias hermenêuticas. Diferentemente, sublinha-se mais uma vez, que somente foi encontrada propostas metodológicas com modificações para o empírico. Inclusive essa é uma característica marcante nas pesquisas brasileiras, o que já se tinha notado em um estudo anterior (Orengo,

Holanda & Goto, 2020a, 2020b) em que o método fenomenológico possui várias adaptações no Brasil. Contudo, cabe ressaltar que para Husserl, ao analisar a questão do método fundamental na Psicologia, afirmou que “para alcançar o tema puro e próprio da ‘psicologia descritiva’ requerida é necessário um método exercido de modo inteiramente consciente que – neste contexto, como método da psicologia – denomino *redução fenomenológico-psicológico*”, ou seja, somente “via do método característico da *Epoché* podemos alcançá-lo puramente” (Husserl, 1954/2012, p. 191). A redução fenomenológico-psicológico, como insistiu Husserl, não foi citada e nem concebida nas propostas encontradas.

Por fim, em relação a quarta (IV) dimensão de análise que diz respeito ao método fenomenológico no fazer terapêutico. Em uma leitura apurada, foi possível identificar nesses artigos que a maior parte dos autores trabalharam com ideias e conceitos “fenomenológicos” atribuídos diretamente à prática psicoterapêutica, porém sem discutir suas demarcações e fundamentos de princípios. No mais, como já abordado, o método fenomenológico foi concebido e aplicado em pesquisas empíricas, com adaptações e modificações, cujos temas estão ligados à Psicoterapia. Por fim, para uma melhor compreensão dessas ideias e conceitos, foram selecionados alguns trechos apresentados na Tabela 7.

Tabela 7: Apresentação do método fenomenológico no fazer terapêutico

Ideia de método fenomenológico na terapia	Exemplo extraído do texto
Aventa-se a necessidade do psicoterapeuta de realizar a suspensão fenomenológica	“[...] a necessidade do psicoterapeuta de realizar a suspensão fenomenológica; o preparo técnico refinado; a relevância do trabalho de psicoterapia pessoal do gestalt-terapeuta; [...] “colocar entre parênteses” como fundamental para a comunicação na terapia. Ao passo que a inclusão é compreendida como “uma atitude permissiva, na qual o terapeuta entende e aceita a outra pessoa, sem julgar a atitude ou o comportamento do outro, de forma positiva ou negativa” (Yontef, 1988, p. 252)” (Nascimento & Vale, 2013, p.1).
A postura empática e crítica da pesquisadora.	" [...] a postura empática e crítica da pesquisadora, que buscou relacionar com clareza os dados aos conceitos da Gestalt-terapia." (Morais, Silva, Medeiros & Vieira, 2013, p.6).
Colocar ideias e pré-conceitos entre parênteses.	“[...]diante de um relato, coloquem-se ideias e pré-conceitos entre parênteses, ou seja, suspendem-se os pré-julgamentos para que o fenômeno em si, enquanto natureza pré-reflexiva, possa ser dado, ou seja, faz-se a chamada redução fenomenológica (Amatuzzi, 1995; Ribeiro, 2011). Por isso, pode-se dizer que a Gestalt-terapia é fenomenológica, já que esta busca awareness através da awareness” (Menezes, Ovelar, Oliveira, 2014, p. 267).

O pesquisador e sua escuta.	“[...] desenvolver o dom da escuta” (Oliveira & Pinheiro, 2014, p.189). “Trabalho de extrema delicadeza e grande amplitude- capacidade de crescer e humanizar-se” (p.190).
O acolhimento, escuta e a importância da suspensão seus aprioris possibilitando a escuta	O trabalho do psicólogo deve ser o de facilitar o processo do cliente, e não somente assumir uma postura de detentor do saber, como aquele que dá respostas prontas e convoca o sujeito a tomar atitudes embasadas em condutas de julgamento moral, sem uma perspectiva crítica própria. temos que encará-lo como alguém que traz consigo a diferença, considerada um fim em si mesmo (Lévinas, 1961/1988) [...] colocando em suspenso seus aprioris e questões próprias para tornar possível uma escuta especializada, considerando os sentimentos, sensações, pensamentos, atitudes daquele que sofre” (Carvalho, Alves, Passos, Lopes, Gomes, Holanda, & Moreira, 2015, pp.6-7). “Antes de qualquer coisa, precisamos nos colocar ante o fenômeno de modo sereno (Heidegger, 1959) ou, como assinala Kierkegaard, (1859/1986) na adição. Essa postura ante o fenômeno consiste em poder dar um passo” [...] Para dar o passo atrás ou reduzir fenomenologicamente o fenômeno, temos que, primeiramente, refletir acerca das determinações do mundo em que nos encontramos. [...]Reduzir o fato tomado, na maioria das vezes empiricamente, a uma visada fenomenológica. Isso significa poder entender que tudo que vemos e interpretamos acontece como intencionalidade, logo, não partimos da ideia de que é o sujeito o detentor da verdade sobre as coisas – a verdade aparece sempre na experiência, na qual homem e mundo são cooriginários” (Feijoo, 2018, pp.175-176).
A postura fenomenológica apropriada, e o modo fenomenológico de atendimento.	(Heidegger, 1959) ou, como assinala Kierkegaard, (1859/1986) na adição. Essa postura ante o fenômeno consiste em poder dar um passo” [...] Para dar o passo atrás ou reduzir fenomenologicamente o fenômeno, temos que, primeiramente, refletir acerca das determinações do mundo em que nos encontramos. [...]Reduzir o fato tomado, na maioria das vezes empiricamente, a uma visada fenomenológica. Isso significa poder entender que tudo que vemos e interpretamos acontece como intencionalidade, logo, não partimos da ideia de que é o sujeito o detentor da verdade sobre as coisas – a verdade aparece sempre na experiência, na qual homem e mundo são cooriginários” (Feijoo, 2018, pp.175-176).
A relação terapêutica	“Na literatura clássica, o trabalho do psicólogo orientado pela perspectiva fenomenológico-existencial está alicerçado na relação paciente-terapeuta. No que concerne à Ludoterapia essa relação se materializa mais nos atos do que no diálogo propriamente dito. [...] acontece na experiência da aceitação, da permissividade, da compreensão do sofrimento e na livre vivência de sentimentos” (Therense, 2019, pp.20- 21).
Sobre a atitude fenomenológica do psicólogo, e método descritivo utilizado na clínica.	“A atitude fenomenológica é reconhecer e colocar entre parênteses (colocar de lado) ideias preconcebidas sobre o que é relevante” (Felix de Oliveira & Grubits, 2019, p.1045). “Fazer questionamentos ao cliente sobre sua produção é um passo importante do método fenomenológico, que mesmo sendo descritivo, não exclui a utilização de perguntas e propostas que facilitem o acesso a novos significados [...] Com base no método fenomenológico, o Gestalt-terapeuta não se utiliza de hipóteses, ele auxilia o cliente a encontrar o sentido do vivido, [...]A interpretação ocorre após uma exaustiva sequência de observação, descrição, redução fenomenológica e checagem, pois quem atribui o significado à experiência é o cliente” (p.1046).
Fenomenologia como metodologia de acesso às vivências, e a <i>epoché</i> (função básica na psicoterapia)	“[...]enquanto psicoterapia fenomenológica, a Gestalt-terapia utiliza da <i>epoché</i> como metodologia de acesso às vivências do cliente. Portanto, a utilização deste recurso possibilita a instrumentalização para o manejo da situação clínica” (Motta, Assis & Satelis, 2020, p. 386). “A utilização da <i>epoché</i> é uma função básica na prática do psicoterapeuta de orientação gestáltica, fundamentando-se como premissa essencial no atendimento clínico” (p.386).
O esforço da parentetização/ suspensão numa relação horizontal.	“O mais acertado, segundo Amatuzzi (2009, p.95), seria falar de “redução a: redução ao que imediatamente se apresenta. [...] Após o esforço da parentetização, ensaia-se uma saída da suspensão junto à possibilidade de identificar um sentido mais próximo ao eidético no encontro, o qual carrega um significado proeminente (Rocha, 2015). Porém, por se tratar de um processo permanente e horizontal, em que o método é sempre colocado em perspectiva, aquilo que parecia dado e interpretado, volta a ser parentetizado, em um movimento contínuo de significação no encontro terapêutico (Moreira, 2013).” (Túbero & Rocha, 2020, p. 371).

Nessa dimensão de análise, identificou-se trechos acerca do “método fenomenológico” no fazer terapêutico, sendo encontrados conceitos e ideias, como: *Epoché*, atitude natural, redução fenomenológica e suspensão fenomenológica, citados então como recursos metódicos na prática psicoterapêutica. Assim, encontrou-se quatorze (14) estudos que tiveram como objetivo a proposta de mostrar uma intervenção psicoterapêutica/ou de refletir sobre essa prática mediante o método fenomenológico.

Em síntese identificaram-se: um (01) apresentou “uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação como uma das qualidades principais da utilização da gestalt-terapia em grupos vivenciais” (Boris, 2013, p.1124); um (01) buscou refletir sobre a ética envolvida na prática psicoterapêutica sob o enfoque gestáltico, apresentando condições para isso: “a necessidade do psicoterapeuta de realizar a suspensão fenomenológica; o preparo técnico refinado; a relevância do trabalho de psicoterapia pessoal do gestalt-terapeuta; e a ética pessoal enquanto premissa para uma ética profissional” (Nascimento & Souza, 2013, p160); um (01) discutia também sobre a ética, mas do ponto de vista de uma atuação do pesquisador envolvendo o tema da religiosidade, a partir de “uma lente fenomenológica” (Baungart, 2013, p.35); um (01) dissertava sobre a ética do cuidado e o encontro no contexto de uma clínica-escola, enfocando que [o paciente] “traz consigo a diferença, considerada um fim em si mesmo [...] colocando em suspenso seus *a priori* e questões próprias para tornar possível uma escuta especializada, considerando os sentimentos, sensações, pensamentos, atitudes daquele que sofre” (Carvalho, Alves, Passos, Lopes, Holanda, & Moreira, 2015, p.8).

Um (01) artigo refletiu sobre como o método de investigação fenomenológico proposto por Martin Heidegger (1889-1976) “consolida-se como um fundamento importante para as práticas clínicas na abordagem fenomenológica existencial e mesmo para outras práticas clínicas exercidas pela psicologia” (Colpo, 2013, p.102); um (01) outro que buscou discutir, por meio de uma prática grupal, como os pressupostos/conceitos e técnicas da Gestalt-terapia

podem ser pensados para a Orientação Profissional clínica, apontando que diante de um relato: “coloquem-se ideias e pré-conceitos entre parênteses, [...] para que o fenômeno em si, enquanto natureza pré-reflexiva, possa ser dado, ou seja, faz-se a chamada redução fenomenológica (Amatuzzi, 1995; Ribeiro, 2011, conforme Menezes, Ovelar & Oliveira, 2014, p. 267).

Outro (01) que apresentou o “psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial como possibilidade de ação clínica do psicólogo” (Evangelista, 2016, p. 219); um (01) que refletiu sobre as contribuições de um caso clínico para a compreensão e intervenção na clínica infantil na perspectiva da Gestalt-terapia (Pajaro & Andrade, 2018); um (01) que teve por objetivo criar um núcleo de atendimento clínico, para que estudantes e profissionais de psicologia se apropriassem de uma “postura fenomenológica” diante de questões (Feijoo, 2018);

Também um(01) artigo refletiu acerca da ideia da consideração positiva incondicional como *epoché*, evidenciando ser conflitante “misturar a Fenomenologia de Husserl com a Psicologia Humanista de Rogers” apesar de ser possível entender tal movimento ao se fazer uma visada histórica (Castelo-Branco, 2020, p.1104); um (01) trabalhou com o método regressivo sartriano, evidenciando que o filósofo se apropria da ideia de consciência intencional, e pensa em uma clínica que considera a concretude da existência (Souza, 2020); um (01) que refletiu acerca das Contribuições da fenomenologia husserliana para a Psicologia Clínica, expondo que a fenomenologia “permite a atitude de inclinação do profissional psicólogo rumo à clarificação dos fundamentos de suas práticas” (Oliveira & Borba, 2019, p. 168); um (01) buscou entender como o conceito de tendência atualizante se manifesta na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas (Telles, Boris & Moreira, 2014); e, por último, um (01) buscou analisar os relatos descritivos produzidos para a supervisão de estágio, com o intuito específico de dar visibilidade ao processo de formação do(a) futuro terapeuta, e para tanto, deu visibilidade ao processo clínico, às intervenções terapêuticas gestadas no

encontro entre psicoterapeuta-paciente-descrição de sentidos-supervisão, e seu impacto na formação clínica (Túbero & Rocha, 2020).

Em todos os artigos analisados, tem-se assim, a apresentação do “método fenomenológico” como guia/técnica para a prática do psicólogo, que em seu trabalho deve estar alerta para a “suspensão” de seus preconceitos, a fim de que realize intervenções direcionadas ao seu paciente, sem perdê-lo de vista, levando em consideração a ética pessoal e profissional. No entanto, para um melhor entendimento de como são as apropriações e aplicações do método fenomenológico na Psicoterapia realizadas por esses autores, é mister, antes de tudo, retomar própria concepção de método fenomenológico concebido pelo próprio E. Husserl em sua *Fenomenologia e Psicologia fenomenológica*.

O método fenomenológico consiste na aceção de Husserl, e, segundo um dos seus objetivos, em um recurso metódico para promover uma mudança de orientação/atitude (*Einstellung*) e, assim, alcançar um outro conhecimento dos fenômenos. As ciências convencionais, assim como a própria Filosofia, estão voltadas para a manifestação das coisas (fenômenos) – tal como a Psicologia se volta aos fenômenos psíquicos –, mas sempre a partir de significações ingênuas e naturais, como afirma Husserl (1913/2006), estabelecendo-se, por assim dizer, em uma orientação/atitude natural (*natürliche Einstellung*). A tese de orientação natural é a tese do homem de vida natural, ou seja, o conhecimento que se tem do mundo cuja extensão do espaço-tempo é infinda; uma consciência de mundo, coisas e seres que estão “à disposição”. Em síntese, a tese natural é para Husserl aquela orientação que “encontro constantemente à disposição, como estando frente a frente comigo, uma efetividade espaço-temporal da qual eu mesmo faço parte, assim como todos os outros homens que nela se encontram e que de igual maneira todos estão a ela referidos” (Husserl, 1913/2006, p. 77). Isso inclui não apenas a experiência cotidiana, mas sobretudo, toda a “teoria” (ciências de orientação

natural) resultante, uma vez que possuem uma espécie de preconcebimento (natural) e passam a configurar como fatos do mundo circundante.

Conforme a análise de Husserl, a tese da orientação natural e suas teorias (ciências de orientação natural) subsequentes que formam os fatos (como entendido pelos positivistas), devem ser rigorosamente afastadas, por não possuírem validade. “Em vez de permanecer nessa orientação”, propõe Husserl, “queremos modificá-la radicalmente” (Husserl, 1913/2006, p. 78). Assim, entra em cena a proposta do método fenomenológico, cujo intuito é modificar de determinada maneira o sentido de fenômeno, ou seja, modificar de maneira radical a tese natural que se situa o conhecimento dos fenômenos, para que se possa adentrar na esfera fenomenológica, elevando “reflexivamente à consciência científica” a uma orientação/atitude fenomenológica (*phänomenologische Einstellung*). Para esse empreendimento Husserl utiliza o artifício da “epoché”, que consiste em, ao invés de permanecer nessa orientação, modificá-la radicalmente, porém sem abrir mão da tese que se efetua, mas “colocar entre parênteses” a tese natural, deixando-a “fora de ação”, de “circuito”, neutralizando assim suas convicções.

A *epoché* fenomenológica é, para Husserl, uma *epoché* universal, ou seja, um método de “parentetização” que possibilita não a exclusão da tese natural, mas sua neutralização, porque coloca fora de ação todo esse mundo natural que está aí à dispor e todas as ciências que se referem a esse mundo natural. Com a *epoché* pode-se recomeçar a análise, livre dos atuais hábitos do pensar, restituindo a plena liberdade de pensamento, uma vez que a tese natural e as teorias que se referem a ela deixam de agir sobre os juízos “Se assim procedo, conclui Husserl, como é minha plena liberdade, então não *nego* este ‘mundo’, como se fosse um sofista, *não duvido de sua existência*, como se fosse cético, mas efetuo a *εποχή* ‘fenomenológica’, que me impede totalmente de fazer *qualquer juízo sobre a existência espaço-temporal* (Husserl, 1913/2006, p. 81, grifo do autor). Em síntese, tem-se que o método apresentado por Husserl é um método radical, analítico-reflexivo e que exige a modificação da significação natural dos

fenômenos, a fim de sair da esfera natural. E, especificamente, com a *epoché* fenomenológica, pode-se sair da confusão causada pela polissemia do entendimento do “fenômeno”, porque:

aparência [fenômeno] não é só a vivência em que consiste o aparecer do objeto (por exemplo, a vivência perceptiva concreta, em que o próprio objeto está supostamente presente), mas também o objeto aparente enquanto tal. [...] A aparição [fenômeno] da coisa (a vivência) não é a coisa que aparece (o que está presumivelmente se nos ‘depara’ na sua ipseidade em carne e osso). Vivemos as aparições [fenômenos] como pertencente à tessitura da consciência, as coisas aparecem-nos como ‘pertencentes ao mundo fenomênico’. As próprias aparições [fenômenos] não aparecem, são vividas (Husserl, 1900-01/2007, p. 381, *grifos nosso*).

Diante disso, o que então resulta a *epoché* na Psicologia? Deve-se antes de tudo, esclarecer que Husserl faz uma distinção entre a relação da Psicologia com a ciência natural, ou com qualquer ciência positiva em geral. Isso porque, como explica o filósofo, não é possível estabelecer o “psíquico” no mundo material, espaço-temporal, como sua única fonte de realidade, porque o que o “ser psíquico ‘é’, a experiência não o pode ensinar no mesmo sentido que se aplica ao físico. Pois o psíquico não é aparência empírica; é ‘vivência’, averiguada na reflexão, auto evidente [...]” (Husserl, 1911/1965, p. 33). Por isso, cabe ao psicólogo buscar, mediante a *epoché* psicológica o puramente psíquico, modificando assim a sua permanência na tese natural, libertando-o para conhecer justamente o psíquico subjetivo. Com isso, como propõe Husserl, se estabelece uma outra psicologia, ou seja, uma “Psicologia pura/fenomenológica” que possibilita uma via de conhecimento direto, um autoconhecimento da vida psíquica que inclui o conhecimento do homem como autêntico de seu ser e da vida psíquica, para conseqüentemente, conhecer o mundo (Husserl, 1954/2012).

Todavia, essa “Psicologia pura/fenomenológica” também se diferencia da Fenomenologia, não em método, mas sim em propósito, porque ao psicólogo, como afirma

Husserl, cabe o conhecimento da interioridade psíquica e não o transcendental e, por assim dizer, interessa-lhe “o homem e as comunidade humanas que ocorrem no mundo”, a vida psíquica e suas propriedades somente naquilo que ocorre realmente no mundo. Ainda, adverte Husserl na continuidade que, bastaria ao psicólogo o primeiro estágio da *epoché*, porque ele não poderia deixar os humanos e suas referências a suas realidades (real), ao mesmo tempo, que “o psicólogo não pode tornar válido aquilo que eles tomam por real” (Husserl, 1954/2012, p. 212).

Apesar de serem destacados apenas esses quatorze (14) estudos que tiveram como objetivo a proposta ou reflexão da prática psicoterapêutica mediante o “método fenomenológico”, em todos os artigos encontra-se certas menções a essa prática (ao fazer, e como fazer), mesmo que muito breves ou sutis, diretas ou indiretas. Com base nesses resultados tem-se que o método fenomenológico aplicado à prática psicoterapêutica por esses autores, algumas até mais críticas e aprofundadas, se sintetiza no entendimento de ser um método terapêutico que possibilita um outro “posicionamento”, “postura” e “atitude” diante do paciente. Como também, como mencionam autores de ordem mais existencialistas, que o método fenomenológico possibilita uma leitura clínica voltada à concretude da existência (singularidade). Então, o termo “método fenomenológico”, ao invés de ser explorado conforme descreveu e detalhou Husserl (1913/2006), ganha a forma de um adjetivo, concebendo-o como uma postura (profissional), uma atitude de compreensão tomada pelo psicólogo, evidenciando, assim seu modo de intervenção. Assim, tem-se que o estudo de Zahavi (2019) argumenta bem com essa questão, pois coloca que mesmo com toda a influência da fenomenologia sobre as ciências, ainda é possível notar que “raramente é encontrada referência e utilização da *epoché* e da redução, muito menos algum compromisso com o projeto transcendental de Husserl” (Zahavi, 2019, p.339).

Ademais, nota-se que, em praticamente todos os artigos, o método fenomenológico é confundido com uma teoria psicoterapêutica como fenomenológico-existencial ou como alguma técnica/concepção da Gestalt-terapia. Ainda, nos artigos encontrados, percebe-se claramente uma falta de distinção entre especificidades e objetivos do método, pois os autores tratam como sinônimos as ideias de *epoché*, redução, redução fenomenológica, com um significado geral de atitude, postura de encontrar o cliente/paciente sem preconceitos.

Como explorado anteriormente, para Husserl (1913/2006) a *epoché* fenomenológica não consiste em uma postura/atitude da pessoa (profissional), mas uma forma artificial, metódica, de promover a mudança de orientação naquilo que se investiga, pois é um método analítico-descritivo, que neutraliza a tese natural e suas teorias, mediante a análise “descompromissada”, ou seja, sem compromissos naturais ou teóricos. No entanto, para isso, exige-se um exercício analítico descritivo-reflexivo que vai “parentetizando” cada afirmação e juízo que está em jogo. Então, se se cogitar o estabelecimento de tal atividade do método descritivo-reflexivo fenomenológico no processo terapêutico, não se pode mais garantir mais uma relação terapêutica – aquela caracterizada por ser uma relação de escuta e interesse –, porque o psicólogo estaria se focando, única e exclusivamente, na análise descritiva das vivências psíquicas, dado o propósito da *epoché*.

Destarte, pensando em uma aplicação do método fenomenológico durante o processo psicoterapêutico, uma vez que esse método é, por excelência, descritivo e reflexivo, exigindo uma rigorosidade analítica, como mostra a elaboração husserliana, ter-se-ia uma neutralização do terapeuta como “terapeuta”, pelo simples fato de não se poder manter a qualidade de terapeuta “ouvinte” atento e interessado. Isso porque a orientação/atitude fenomenológica, composta pela *epoché* e seguida pelas reduções (eidética e fenomenológica/transcendental), diz respeito a uma autorreflexão criteriosa (Husserl, 1913/2006), não se estabelecendo na realidade empírica.

De fato, o método fenomenológico apresentado originalmente por Husserl tem influenciado e inspirado a criação de “métodos clínicos”, o que repercutiu em diferentes formatos de aplicação e entendimento. Contudo, percebe-se nos artigos encontrados que a referência ao método fenomenológico, particularmente de Husserl, se mostra superficial, com confusões conceituais, contrassensos e com argumentos insustentáveis, principalmente, ao mostrar a aplicabilidade do método como recurso e atitude do psicólogo na Psicoterapia, demonstrando a assimilação e disseminação de uma visão de mundo em uma comunidade pré-reflexiva sobre seus fundamentos. Ainda, toda afirmação e explicitação da atitude clínica como fenomenológica, a partir do método fenomenológico (*epoché*), parece ignorar que com esse recurso, além da “colocação entre parênteses” da tese natural e suas teorias, cabe ainda a verificação de todo juízo estabelecido em busca de sua possível validade. “Quer dizer: somente na consciência modificante que tira o juízo de circuito, logo, justamente não da maneira em que é a proposição na ciência, uma proposição que tem pretensão à validade, e cuja validade em reconhecimento e utilização” (Husserl, 1913/2006, p. 81). Em outras palavras, a consciência modificante somente pode neutralizar a tese natural e suas teorias, ou seja, levar a cabo a *epoché*, a partir da identificação e verificação de cada juízo, valor, etc., exercitando assim a “colocação entre parênteses”. Somente dessa maneira, como insiste Husserl (1913/2006; 1954/2012) psicólogo pode se tornar um “observador desinteressado” na análise das vivências psíquicas e encontrar as experiências, de fato, desobstruídas, tomadas sem nenhuma teoria e não possuindo nenhum valor.

O método fenomenológico é um método epistemológico, reflexivo, que promove outra maneira, radical, de se investigar os fenômenos. “A Fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica” (Husserl, 1907/2000, p.46). Nesse sentido, torna-se importante evidenciar que a relação com o método fenomenológico no campo da Psicoterapia talvez deva ser de implicação e não de aplicação, ou seja, no sentido de

não confundir posicionamentos científicos do psicólogo (análise descritivo-reflexiva) com suas atitudes e técnicas psicoterapêuticas, mas com o esclarecimento dos principais conceitos encontrados nesse campo.

São, de fato, muitos os desafios quando se pensa acerca de ideais filosóficas para a Psicologia, já que surgem algumas críticas sobre serem apenas uma adaptação dos princípios da filosofia para determinados fins do campo da Psicologia. No entanto, vivenciados em uma prática clínica, esses princípios ultrapassam os conceitos, recursos meramente técnicos, e se transformam como uma atitude distinta frente à “mostração” (descrição) dos fenômenos (Oliveira & Borba, 2019). Assim, parece incoerente aplicar o método fenomenológico na prática da Psicoterapia, diretamente como recurso psicoterapêutico, tendo em vista a sua elaboração e desenvolvimento como método de investigação e validação dos fenômenos (conceitos), tarefa particularmente introspectiva, racional e reflexiva. O método fenomenológico é uma atividade racional, reflexiva diante uma investigação, sendo uma atividade abstrata de certas complexidades. O exemplo disso é a própria ideia de Fenomenologia que, conforme Husserl, tem como elemento vital a ‘ficção’, “bem como todas as ciências eidéticas” e “que a ficção é a fonte da qual o conhecimento das ‘verdades eternas’ tira seu alimento” (Husserl, 1913/2006, p. 154).

Se a Fenomenologia atua no campo da ‘ficção’, assim como o geômetra ou matemático, que produz suas análises no campo da imaginação, pode-se perceber que cabe ao psicólogo/psicoterapeuta se apropriar do método fenomenológico como atividade de investigação e pesquisa reflexiva, mas não como instrumento terapêutico, por possuírem fundamentos de princípios diversos. Pode-se concluir que por maior que seja a importância metodológica que a psicoterapia possa reivindicar no caso da Fenomenologia, por mais ‘fundamentos’ essenciais que ponha à disposição daquela, parafraseando Husserl (1913/2006), a Fenomenologia é tão pouco Psicologia/Psicoterapia quanto a Geometria é ciência da natureza.

Dessa forma, apesar do método fenomenológico ser apresentado como uma “postura” terapêutica diante do cliente, como foi visto, ele está para além dessa simplificação que confunde os fundamentos de princípios de ambas áreas, impossibilitando sua aplicação como método ou recurso terapêutico. O próprio Rollo May (1976) afirma que é impossível empregar o método fenomenológico husserliano no momento da Psicoterapia, e que tal compreensão decorre de uma “má interpretação do ponto de vista existencial” (p.25), isto é, que diante de um outro seja possível se abster de todos os conceitos e preconceções, mas que seja possível “tornar os próprios constructos suficientemente flexíveis, de modo que se possa escutar em termos dos constructos do paciente e ouvir na linguagem desse” (26). Essa ideia condiz muito mais com o resultado de uma análise fenomenológica do processo psicoterapêutico que com sua suposta utilização terapêutica, pois o resultado de uma análise fenomenológica (sentido epistemológico) pode modificar a condição ética (atitude) do próprio psicólogo/psicoterapeuta que, ao buscar questionar sua prática e os fundamentos dessa, defronta com ética diante de si mesmo e com o outro (May, 1977). Ademais, como uma manifestação mais contemporânea ao alerta de May, tem-se o estudo de Zahavi (2019), no qual questiona se conceitos husserlianos como a *epoché* e a redução são essenciais para uma aplicação não-filosófica da fenomenologia.

Por fim, conclui-se que o método fenomenológico apresentado nas práticas psicoterapêuticas é apresentado de maneira superficial, apresentando problemas de origem conceitual, tratando diversas de suas particularidades como sinônimos (*Epoché* e as reduções) e apostando em uma ideia que o método fenomenológico é uma “atitude fenomenológica” condizendo com a postura profissional do terapeuta, ou seja, um recurso terapêutico. Essa é a principal compreensão que está exposta e compreendida por diversos autores. Não se dão conta que utilizam os conceitos filosófico-fenomenológicos confundindo não só suas conceituações originais, mas também as demarcações contingentes de domínios e de terminologia, não expondo os seus verdadeiros fundamentos de princípios, dificultando, por assim dizer, a

compreensão e a profundidade da proposta, algo já verificado empiricamente em outros estudos (Orengo, Holanda & Goto, 2020a; 2020b). Talvez deve entender aqui que mais que um método terapêutico, o método fenomenológico na Psicoterapia pode se estabelecer como um método investigativo do fenômeno psicoterapêutico e seus conteúdos, na busca de uma validação e a evidência de seus conceitos. E, nesse sentido, compreender que não se trata de um recurso terapêutico, mas que toda investigação fenomenológica no campo da Psicoterapia, pode resultar em uma postura mais “fenomenológica” que implica, então, não em ser um método, mas em uma postura ética diante do outro.

3.4. Considerações gerais

Realizou-se uma revisão sistemática qualitativa da literatura científica (artigos) de como o método fenomenológico vem sendo concebido nas práticas das Psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais, explicitando suas modalidades e tendências com relação à prática da psicoterápica. A revisão sistemática consultou as bases de dados eletrônicas do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (PePSIC) e *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS). O levantamento se realizou entre os dias doze (12) de dezembro de 2021 e trinta (30) de junho de 2022, sendo esse o período de coleta e tabulação dos dados.

Os resultados encontrados apontam que existe maior produção de artigos em 2020; concentração de publicações em um periódico de orientação humanista, sendo a *Revista da Abordagem Gestáltica* aquela que concentra quase a metade de publicações, com o total de 20 artigos publicados (44,44%); predominância de autores e universidades cearenses; predominância de produções empíricas, e instrumento mais utilizado para coleta de dados a entrevista semiestruturada; para análise de dados muito se recorreu ao método fenomenológico empírico proposto por Amedeo Giorgi. Também outros métodos foram utilizados, uma vez que

se basearam em diferentes autores, e da mesma forma as descrições sobre o método fenomenológico variam de acordo com o autor proposto para análise. Passou-se a dividir a compreensão e utilização do método fenomenológico em três categorias: I) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica o método fenomenológico apresentado por Husserl, II) autores brasileiros que seguem à sua maneira os autores-intérpretes, e III) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica a fenomenologia hermenêutica-existencial. Concluiu-se aqui que o método fenomenológico possui várias adaptações no Brasil, uma característica marcante nas pesquisas brasileiras; algo que já foi evidenciado e outras pesquisas (Orengo, Holanda & Goto, 2020a, 2020b).

Ademais, não existe um consenso na nomenclatura e no entendimento no desenho metodológico, o que evidencia uma divergência do método fenomenológico proposto por Husserl, que tem um desenho metodológico bem definido e rigoroso. Dessa forma, o que foi visto são referências metodológicas de autores secundários que propõem modificações do método fenomenológico original adaptados às pesquisas empíricas, e que tais autores trabalham com ideias e conceitos “fenomenológicos”, atribuídos a prática psicoterapêutica, mesmo que sem discutir suas demarcações e fundamentos de princípios.

O método fenomenológico, com relação à pesquisa qualitativa em Psicologia, tem sido relido por diferentes autores, e utilizado muitas vezes como instrumento para coleta de dados, como a entrevista fenomenológica, mas também é utilizado combinado com outros métodos, como questionários, roteiro de entrevistas, fazendo com que exista uma metodologia mista. O que já modifica a característica principal do método fenomenológico, ou seja, a aceitação de outras teses sem sua verificação fenomenológica.

Notou-se também que a redução realizada pelas pesquisas é parcial, muitas vezes confundidas (*Epoché*, redução eidética e transcendental), e nem atingem às vivências psíquicas, tal como orientou Husserl, descrevendo e esclarecendo apenas os significados das experiências.

Também, os conceitos filosóficos propostos por Husserl, tais como: *Epoché*, atitude natural, redução fenomenológica e suspensão fenomenológica são apresentados muitas vezes como sinônimos, de forma soam superficiais e até equivocadas diante da complexidade do método filosófico proposto por Husserl. Consequência ou causa disso, tem-se a crítica apontada por May (1976, p.53): “(...) os conceitos em psicologia existencial prestam-se para ser usados no serviço do desligamento intelectualista (...)”, mas acabam cobrindo uma multidão termos, que parecem ser as mais inexistências, pois proporcionarem uma aparência de trato com a realidade humana, e podem não estar fazendo isso.

A principal ideia encontrada nos autores sobre o método fenomenológico é de ser uma atitude terapêutica. Aqui também pensa-se soar superficiais quando os conceitos fenomenológicos são reduzidos a atitudes e posturas, usadas sem o rigoroso estudo clínico e o pensamento que precedem, o que se deve tomar cuidado, a fim de não fazer da relação terapêutica uma relação de aplicação de conceitos. Ademais, caberia ao psicólogo, segundo Husserl, o conhecimento da interioridade psíquica, interessando-lhe “o homem e as comunidade humanas que ocorrem no mundo”, e assim, bastaria ao psicólogo o primeiro estágio da *Epoché*, consistindo essa em uma mudança de orientação que neutraliza a tese natural e suas teorias. Para tanto, exige-se um exercício analítico descritivo-reflexivo que vai “parentetizando” afirmações e juízos em jogo.

E, caso se cogite no estabelecimento de tal atividade no processo terapêutico, não se pode garantir mais uma relação terapêutica, visto que o psicólogo estaria focando, única e exclusivamente, na interioridade de sua vida psíquica, dado que a *epoché* diz respeito a uma autorreflexão criteriosa (Husserl, 1913/2006), e não se estabelece na realidade empírica, como mostra a elaboração husserliana, Nesse sentido, passaria a existir uma neutralização do terapeuta e não poderia se manter a qualidade de “ouvinte” atento e interessado em uma relação dinâmica.

Por fim, a revisão bibliográfica nas pesquisas brasileiras proposta nesse trabalho, buscou ampliar a compressão sobre o método fenomenológico e sua contribuição para a prática psicoterapêutica, explicitando como os diversos pesquisadores/profissionais concebem e utilizam o método. Entendeu-se que, os princípios metódicos husserlianos, podem ter efeitos e serem vivenciados em uma prática clínica, não quando são pensados como recursos meramente técnicos – o que se mostrou confuso e com muitos equívocos conceituais –, mas sim, ao se investigar o fenômeno da Psicoterapia e seus conteúdos, porque assim ter-se-á uma outra atitude conceitual que pode modificar a condição ética do próprio psicólogo. Nesse sentido, conclui-se que, no sentido husserliano, não é coerente aplicar o método fenomenológico diretamente à prática da Psicoterapia como recurso psicoterapêutico, tendo em vista seu desenvolvimento como método de investigação e validação dos fenômenos, sendo essa uma tarefa introspectiva, racional e reflexiva. Com isso, reafirma-se a importância de se retomar as discussões e reflexões críticas sobre a Fenomenologia e o método fenomenológico desde suas origens filosóficas, para em seguida, repensar suas possíveis contribuições no campo da Psicoterapia. Neste quesito, recomenda-se que os psicólogos humanistas, fenomenológicos e existenciais suspendam as suas teorias, práticas e pesquisas e deem um passo para trás para evidenciar os seus fundamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa, devido ao trajeto percorrido na formação e experiência com a Psicologia denominada comumente de Humanista, Fenomenológica e Existencial, foi esclarecer como essa abordagem utiliza o “método fenomenológico”, uma vez que se fundamenta na Fenomenologia filosófica. A questão-problema surgiu justamente por se identificar uma polissemia em relação ao método fenomenológico, muitas vezes contraditória,

tantos nos conceitos dos fundadores de abordagens que se intitulam fenomenológico-existenciais, quanto em seus continuadores. Assim, para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram apresentados três estudos expressos em capítulos. Esses estudos foram construídos a partir de uma lógica explorativa progressiva, ou seja, demarcando histórico e epistemologicamente os dados e registros encontrados, a fim de se identificar como o “método fenomenológico” aparece nas práticas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais, compreendendo, por fim suas modalidades e tendências.

No Capítulo I apresentou-se um breve histórico acerca da Psicoterapia, cujo objetivo principal foi fornecer um contexto histórico de base e uma consistência teórica aos estudos seguintes. Dessa exposição compreendeu-se que as contribuições de S. Freud e seus colaboradores, em especial C. G. Jung, foram as que mais propriamente a definiram a Psicoterapia moderna do século XX, visto que afastou de seu método recursos terapêuticos como a eletroterapia, hidroterapia, hipnose, sugestão e a catarse (Ellenberger, 1976), promovendo uma prática fundamentada na “escuta”, o que permitiu uma nova teoria psicológica e um novo método de intervenção: a cura pela fala (Ellenberger, 1976; Fochesatto, 2011). No entanto, desde sua elaboração moderna até os dias de hoje, o termo “psicoterapia” ainda não possui uma definição consensual, uma vez que existem diversos critérios e metodologias, tanto de habilitação, por seus fins ou eficácia, quanto em relação a orientação teórico-prática (Dunker, 2020).

No Capítulo II realizou-se também uma revisão narrativa, enfocando o surgimento e os primeiros desenvolvimentos da “Psicoterapia humanista, fenomenológica e existencial, recorte específico dos objetivos da pesquisa. Nesse ponto, desatacam-se a concretização do movimento chamado pelos estadunidenses de “Terceira força”, além do contexto sociopolítico e cultural sensível à recepção da Psicologia Humanista. Nessa época, a Fenomenologia filosófica (Husserl e Heidegger) e o Existencialismo estavam sendo assumidos como recurso teórico e

metodológico nas investigações psicopatológicas e práticas psicoterapêuticas desenvolvidas por essa nova abordagem, como fundamento filosófico-antropológico à Psicologia Humanista, a fim de acelerar seu processo de surgimento, ampliação e disseminação com bases seguras (Besora, 1986). Todavia, conforme mostrou o estudo, essas apropriações foram realizadas de forma superficial, genérica e mais explicitamente *a posteriori* por outros colaboradores. Ademais, essa nova Psicologia compreendia a subjetividade e a existência humana como decisivas na constituição psicológica e psicopatológica, dando ênfase ao ser humano real, engajado no mundo, resultando também em uma aproximação de “visão de mundo” com correntes filosóficas como o Existencialismo e a Filosofia Existencial. No entanto, a chegada e a circulação do pensamento filosófico fenomenológico e existencialista europeu aos EUA estava distante de seu sentido original, além de certas ideias ser aproximar das correntes funcionalistas e pragmatistas, produto do *Zeitgeist* da época; mais que de uma influência filosófica direta da Fenomenologia e o Existencialismo.

No Brasil, essa associação entre a Psicologia Humanista e as abordagens psicológicas estadunidenses de influência da filosofia fenomenológica e existencial se mantém até os dias de hoje; e os aportes teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo ainda aparecem como “denominador comum que suscita a comunhão das distintas abordagens consideradas humanistas” (Matos, Castelo-Branco & Goto, 2020, p.02). É certo que muitos autores afirmam que existam apropriações/reformulações de conceitos e do método da Fenomenologia, em especial de Husserl, mas o que se verificou foi certas influências, em específico, mais uma “visão de mundo” que propriamente conceitos diretos dessa filosofia, em autores que passaram a desenvolver compreensões, metodologias e teorias próprias.

Por fim, no Capítulo III, a fim de identificarmos como a ideia de método fenomenológico se mostrava nessas abordagens, conceito e prática, recorreu-se a uma revisão sistemática qualitativa da literatura (RSQL) (Costa & Zoltowski, 2014), averiguando como

procedem, quais as modalidades e tendências da "Psicoterapia Fenomenológica" no contexto brasileiro. O intuito foi, em primeiro lugar, identificar a circulação da ideia de método fenomenológico como recurso terapêutico, para em seguida, compreender a maneira pela qual os psicólogos têm conceituado e manejado o método fenomenológico na prática da "Psicoterapia fenomenológica". Percebeu-se que apesar de termos mais de uma variação do método fenomenológico utilizado em Psicologia e Psicopatologia, confirmou-se que "no geral, a literatura específica desta área se refere ao método no singular" (Moreira, 2004, p.447), ou seja, que as variações que o método sofre acontecem de acordo com o pensamento filosófico que o sustenta, porém sob o título de "método fenomenológico". Ademais, identificou-se que os autores geralmente não vão até as obras de Husserl, buscando fundamentos e esclarecimentos do método. Diferentemente, os autores encontrados vão aos intérpretes, principalmente àqueles que têm propostas de adaptar o método fenomenológico para pesquisas empíricas. Com isso, entendeu-se que existe uma diferença conceitual do método fenomenológico original, sendo muitas vezes apresentadas (re)leituras de autores que citam a Fenomenologia de Husserl à luz do referencial fenomenológico existencial, a fim de aprofundar certos elementos, alguns como importantes para a pesquisa qualitativa em Fenomenologia. Por fim, resultou que o autor Amedeo Giorgi (1985) e A. Giorgi e Daniel Sousa (2010) são os autores mais citados, porém, como observado no estudo, esses realizam o método fenomenológico modificado para pesquisas empíricas e, conforme estudiosos, não tratando da estrutura da vivência psíquica, tal como foi proposto por Husserl (Feijóo & Goto, 2016; Goto, Costa & Schievano, 2019; Goto, 2022).

De forma geral, pode-se considerar que as contribuições da Fenomenologia husserliana para a Psicoterapia, de acordo com os resultados encontrados, estão muito relacionadas a operacionalização terapêutica de conceitos fenomenológico como: *epoché*, atitude natural, redução fenomenológica e suspensão fenomenológica na clínica. Na operacionalização desses

conceitos, notou-se que esses ganham a forma de um adjetivo, isto é, no momento que são entendidos com a postura, atitude e compreensão profissional tomadas pelo psicólogo, evidenciando assim o modo específico de intervenção. Sobre essa questão, destacou que o método fenomenológico proposto por Husserl, se caracteriza por ser um método analítico-descriptivo e atitude, de caráter racional, reflexivo, exigindo que o pesquisador seja um “observador desinteressado”, algo que de certa forma até dificulta ou até impossibilita o cumprimento da ação psicoterapêutica. Entendeu-se que pode existir uma “ação fenomenológica”, não como método terapêutico, mas como resultado ético sempre que o psicólogo buscar fenomenologicamente refletir sobre os fundamentos teóricos de sua prática.

Por fim, chegou-se à conclusão, conforme as delimitações e limitações dessa pesquisa, sendo essas últimas voltadas para o fato de que revistas importantes e atuais que têm como norte humanista e fenomenológico não tiveram artigos encontrados, como por exemplo a *Revista Memorandum: memória e história em Psicologia* e, a *Revista NUFEN*, outra revista de extrema relevância na temática, teve representado apenas um artigo. Nesse sentido, mesmo que tenham sido pesquisadas “método fenomenológico” AND “psicoterapia OR clínica” como palavras-chave em todos os campos, é possível que estudos não tenham sido encontrados, visto que nem sempre esta informação está explícita e objetivamente colocada com palavras-chave ou no texto do resumo. No mais, a quantidade de artigos analisados foi relativamente representativa do panorama brasileiro em Psicologia, sendo esse um ponto forte desse estudo.

De forma geral, tem-se que o método fenomenológico foi apropriado pelas psicologias humanistas, fenomenológicas e existenciais, de forma indireta, sendo conceituada e entendida mais a partir de uma “visão de mundo” que propriamente como um método de investigação conceitual para chegar aos fundamentos válidos e seguros. Ainda, que os colaboradores atuais vêm reproduzindo essa ideia, principalmente ao manter o método fenomenológico como atitude terapêutica profissional, o que se mostrou ser diferente do método proposto por Husserl que

designa um método que possibilita uma mudança de orientação analítico-intelectual, especificamente filosófica. Assim, não se identificou argumentos suficientes, segundo seus fundadores e continuadores, para se afirmar que o “método fenomenológico” pode ser utilizado na prática psicoterapêutica, não consistindo em um método terapêutico fenomenológico.

Dessa forma, ajuíza-se aqui que é mais viável, conforme a pesquisa realizada, que o “método fenomenológico” seja um método investigativo da Psicoterapia em si e suas condições, buscando constituir uma ciência da Psicoterapia que ser relacionado como um método terapêutico. Por fim, concorda-se com Husserl que quando “a Psicologia, pela *epoché* genuinamente universal, ‘põe entre parênteses’ não só a consciência do mundo que a suporta ela própria na sua abordagem, mas faz-se *tema analítico*, (...) ela desemboca também numa analítica da fundação constitutiva da consciência do mundo” (Husserl, 1954/2012, p. 431).

Por fim, sugere-se estudos futuros como, por exemplo, revisitar o tema a partir da analítica existencial de Heidegger. Isto possibilitaria outro acesso ao tema, não mais a partir do método fenomenológico, mas de outra visão de mundo que também circula entre os psicoterapeutas humanistas, fenomenológicos e existenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aanstoos, C. Serlin, I., & Greening, T. (2000). History of Division 32 (Humanistic Psychology) of the American Psychological Association. In D. Dewsbury (Ed.), *Unification through Division: Histories of the divisions of the American Psychological Association*, Vol. V. Washington, DC: American Psychological Association.
- Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195-208.
- Akobeng, A. (2005). Understanding systematic reviews and meta-analysis. *Archives of Disease in Childhood*. London, 1(90), 845-848. doi: 10.1136/adc.2004.058230
- Almeida, J. M. T. de (2022). *A Gestalt-Terapia e uma Psicologia Fenomenológica? Influências, possibilidades e limitações*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia].
- Amatuzzi M.M. (2010). *Por uma psicologia humana*. Campinas: Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudo de Psicologia, Campinas*, 13(1), 1-10. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2. ed.). Campinas: Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia Fenomenológica: Uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100. Recuperado em 10 de junho de 2022, de <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010> .
- Andrade, C. C. & Holanda, A. F. (2010) Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 27(2), 259-268. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Batista, L. dos S., & Kumada, K. M. O. (2021). Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Revista Brasileira De Iniciação Científica*, 8, e021029. Recuperado de <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>
- Baugart, T. A. A. (2013). Reflexões sobre a atuação ética do pesquisador em estudos qualitativos: um exemplo envolvendo o tema da religiosidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 33-37. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100005&lng=pt&tlng=pt

- Bello, A. A. (2015). *Pessoa e Comunidade: comentários à psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã.
- Besora, M.V. (1986). La psicología humanista: história, concepto y metodo. *Anuario de Psicología*, Número 34(1), 09-45. Universitat de Barcelona.
- Blatner, Adam. (2012, May, 31). Developments since the 1980s. Reflections on the history of psychotherapy. Recuperado em setembro 21, 2021, em <https://www.blatner.com/adam/psyntbk/historypsychotherapy/hxpsytherapy4.html>.
- Borch-Jacobsen, Mikkel & Shamdasani, Sonu. *Os Arquivos Freud: Uma Investigação Acerca da História da Psicanálise*. São Paulo: UNESP, 2014.
- Boris, G. D. J. B. (2013). Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(3), 1124-1158. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&tlng=pt.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C. & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bucher, R. (1989). *A Psicoterapia pela Fala. Fundamentos, princípios, questões*. São Paulo: EPU.
- Bülher, C. (1975). Psicologia Existencial e Humanista: respostas e desafios contemporâneos. In: Greening, T. C. (ORG.) (1975). *Psicologia Existencial-Humanista*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Carvalho, L. B., Alves, A. M. F., Passos, C. A., Lopes, F. G., Holanda, R. B., & Moreira, V. (2015). A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em fortaleza. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1), 01-12. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Castelo- Branco, P. C., & Silva, L. X.r de B. (2017). Psicologia humanista de Abraham Maslow: recepção e circulação no Brasil. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(2), 189-199. Recuperado em 23 de setembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Castelo-Branco, P. C. & Cirino, S. Dias Carl Rogers e a Recepção da Fenomenologia na Psicologia Estadunidense. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2022, v. 38 [Acessado 8 Outubro 2022] , e38405. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e38405>>. Epub 21 Jan 2022. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38405>.

- Castelo-Branco, P. C. (2020). A Ideia da Consideração Positiva Incondicional como Epoché: Limites e Suspensão do Quê?. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(spe), 1088-1107. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56652>.
- Castelo-Branco, P. C. C., & Farias, H. B. (2020). Cientometria E Bibliometria Do Campo Da Abordagem Centrada Na Pessoa E Gestalt-Terapia No Brasil: Análise Das Redes De Autoria E Produção. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 1(1), 18-43. Recuperado de: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/6>
- Castelo-Branco, P. C., & Cirino, S. (2016b). Reflexões sobre a consciência na fenomenologia e na abordagem centrada na pessoa. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(2), 241-258.
- Castelo-Branco, P. C., & Cirino, S. D. (2016a). Funcionalismo e pragmatismo na teoria De Carl Rogers: apontamentos históricos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 12-20. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Castelo-Branco, P. C., & Cirino, S. D. (2017). Circulação de artigos brasileiros sobre Carl Rogers: ascensão, renascimento ou declínio? *Revista Subjetividades*, 17(2), 1-11. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i2.5789>
- Castelo-Branco, P. C., & Cirino, S. D. (2017b). Fenomenologia nas obras de Carl Rogers: apontamentos para o cenário brasileiro. *Revista De Psicologia*, 8(2), 44-52.
- Castelo-Branco, P. C., & Dias Cirino, Sérgio. (2017a). Recepção e Circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil. *Revista de psicología (Santiago)*, 26(2), 106-117.
- Castelo-Branco, P. C., Vieira, E. M., Cirino, S. D., & Moreira, J. O. (2016). Influências da psicanálise neofreudiana na psicoterapia de Carl Rogers. *Contextos Clínicos*, 9(2), 279-289. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.92.12>
- Cautin, Robin. L. (2011). A Century of Psychotherapy, 1860–1960. Em Norcross, J. C., VandenBos, G. R., & Freedheim, D. K. (Orgs.), *History of psychotherapy: Continuity and change* (2ª ed., pp. 03-38). American Psychological Association.
- Chauí, M. (1996). Convite à filosofia. São Paulo: Ática.
- Colpo, M. O. (2013). O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia. *Psicologia Revista*, 22(1), 101–118. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16660>
- DeCastro, T., & Gomes, W. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 153-161. doi: 10.1590/S0103-166X2011000200003

- DeRobertis, Eugene M. *Phenomenological Psychology – a text for beginners*. University Press of America: Boston, 1996.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Edith Stein. (2019). *A Fenomenologia e seu significado de visão de mundo*. Em *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 66-81.
- Ellenberger, H. (1976). *El descubrimiento del Inconsciente*. Madrid: Editorial Gredos.
- Evangelista, P. (2016). O psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial grupal como possibilidade de ação clínica do psicólogo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(2), 219-224. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200014&lng=pt&tlng=pt.
- Ewald, Ariane P. (2008). Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2) Recuperado em 04 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Feijoo, A. M. L. C. de, & Goto, T. A. (2016). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4). Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3241>
- Feijoo, A.M. & Mattar, C.M. (2014). A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30 (4), 417- 423. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/?lang=pt>
- Feijoo, A.M. L. C. (2014). Bases do pensamento fenomenológico e existencial em William James. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2013, 33(4), pp. 840-851.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2018). Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 173-181. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.6>
- Feixas, G. & Miró, M. T. (1993). *Aproximaciones a la psicoterapia: una introducción a los tratamientos psicológicos* (15ª ed) Barcelona: Paidós.
- Felix de Oliveira, E. D., & Grubits, S. (2019). O Desenho na Gestalt-Terapia: A Versatilidade dos Traços em Interface com a Prática Clínica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19 (4),1036-1050. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400012&lng=pt&tlng=pt.

- Fochesatto, W. P. F. (2011). A cura pela fala. *Estudos de Psicanálise*, (36), 165-171. Recuperado em 03 de fevereiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016&lng=pt&tlng=pt.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Foucault, M. (1987). *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&tlng=pt.
- Freud, Sigmund. Sobre Psicoterapia (1905). In: Fundamentos da clínica psicanalítica. 2. ed.; 3. reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).
- Freud, Sigmund. Tratamento psíquico ou anímico (1890). In: Fundamentos da clínica psicanalítica. 2. ed.; 3. reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).
- Freud, Sigmund. (1896). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (ESB, 3).
- Gadamer, H-G. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1960).
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In Vários autores. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (p. 386- 409. A. Cristina, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1997).
- Giorgi, A. (2010). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: Poupart, J. et al. (Orgs), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de Século, Editora Sociedade Unipessoal.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>
- Gomes, W. B., Holanda, A. F., & Gauer, G. (2004). Primórdios da Psicologia Humanista no Brasil; e História das Abordagens Humanistas em Psicologia no Brasil. Em Marina

- Massimi (Org.), *História da Psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 87-103; 105-129). São Paulo: EPU.
- Goto, T. A. (2022). Pesquisa em enfoque fenomenológico: a Psicologia Fenomenológica como ciência psicológica e método de investigação. In: Barroso, S.M. (2022). *Pesquisa em psicologia e humanidades: métodos e contextos contemporâneos*. Petrópolis: Vozes
- Goto, T. A., Costa, I. I. da, & Schievano, B. A. (2019). Vivências psicológicas de homens que buscam profissionais do sexo. Uma proposta de análise psicológico-fenomenológico. *Revista De Psicologia*, 10(1), 90 - 104. Recuperado de: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33703>
- Goto, T. A., Holanda, A. F., & Costa, I. I. da. (2018). Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista do NUFEN*, 10(3), 38-54. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35>
- Goto, T.A. (2015). *Introdução à Psicologia Fenomenológica – A Nova Psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Herzog, M. (1995). William James and the development of phenomenological psychology in Europe. *History of the Human Sciences*, 8(1), 29–46. <https://doi.org/10.1177/095269519500800103>
- Holanda, A. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 14(2), 33-46. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1997000200004>.
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 33(3) [Acessado 23 junho 2022] , pp. 383-394. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300002>>. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300002>.
- Husserl, E. (1900-01/2007). *Investigações Lógicas. Investigações para a Fenomenologia e Teoria do conhecimento. Segundo Volume, Parte I*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Husserl, E. (1954/2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Husserl, E. (1965). *A Filosofia como ciência de rigor*. Lisboa: Atlandida. (Trabalho original publicado em 1911).
- Husserl, E. (2000). *A ideia da fenomenologia*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2000. p. 39-66. (Original publicado em 1907).

- Husserl, E. (2006) Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura. Marcio Suzuki, trad. Aparecida/SP: Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária (Publicado em 1954).
- Jaques, A. A. B. (2012). As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 4(1), 10-24. Recuperado em 19 de abril de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=es&tlng=pt.
- Jaspers, K. (1911/1979). *Psicopatologia geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia* Vol. I. São Paulo: Atheneu.
- Jaspers, K. (2000). *Psicopatologia geral: psicologia compreensiva, explicativa, fenomenologia*. São Paulo: Atheneu. (Trabalho original publicado em 1913).
- Krüger, H. (2014). Psicologia Humanista. Em S. d. Araújo, F. Caropreso, G. A. Castañon, & R. T. Shimanke (orgs.), *Fundamentos filosóficos da Psicologia Contemporânea*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Krüger, H. (2014). Psicologia Humanista. In: S. d. Araújo, F. Caropreso, G. A. Castañon, & R. T. Shimanke, *Fundamentos filosóficos da Psicologia Contemporânea*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Láin-Entralgo, P. (1964). *La relacion medico-enfermo: história e teoria*. Madrid: Ediciones Castilla, S.A.
- Lévi-Strauss, Claude. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- Martins, J. & Bicudo, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 5ª edição. São Paulo: Centauro, 2005.
- Maslow, A. (1961) Psicologia Existencial. O que há nela para nós? In: May, R. (1976). *Psicologia Existencial*. Rio de Janeiro: Globo.
- Maslow, A. (1970). *Introdução à Psicologia do Ser* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Eldorado. (Originalmente publicado em 1962).
- Maslow, A. H. (1957). *A philosophy of psychology: The need for the mature science of human nature*. *Main Currents in modern thought*, 13, 27-32.

- Matos, G. N., Castelo-Branco, P. C., & Goto, T. A. (2020). Perfil de Docentes Humanistas, Fenomenológicos e Existenciais: Análise de Editais de Concursos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40.
- Matson, F. W. (1969/1975) Teoria Humanista: a terceira revolução em Psicologia. In: Greening, T. C. (org). *Psicologia Humanista*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- May, R. (1958). The Origins and Significance of the Existential Movement in Psychology. Em R. May, E. Angel, & H. Ellenberger (Orgs.), *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology* (pp. 3-36). Basic Books.
- May, R. (1976). *Psicologia Existencial*. Porto Alegre: Globo.
- May, R. (1977). *Psicologia e dilema humano*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- May, R. (1988). *A descoberta do ser*. São Paulo: Rocco.
- May, R. (Org.). (1980). *Psicologia existencial*. Rio de Janeiro: Globo.
- May, R., Angel, E., & Ellenberger, H. (Orgs.) (1977). *Existencia: nueva dimension em psiquiatria y psicología*. Madrid, Editorial Gredos.
- Medeiros, G, A. (2019). *É possível uma psicoterapia fenomenológica? Um estudo exploratório a partir da proposta de Ludwig Binswanger*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia].
- Melo, M. L. de A. (2016). Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. *Psicologia USP*, 27(2), 296-306.
- Menezes, K. J., Ovelar, S. O. A., & Oliveira, E. D. F. (2014). Gestalt-terapia e orientação profissional: um relato de experiência. *IGT na Rede*, 11(21), 261-281. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000200003&lng=en&tlng=pt
- Merleau-Ponty, M. (2009). *O visível e o invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva (Original publicado em 1964).
- Morais, K. C. B., Silva, T. G., Medeiros, W. C. M., & Vieira, C. M. (2013). Gestalt, grupoterapia e arte: a ressignificação do bebê pré-termo em unidade neonatal. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 21-30. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Moreira, R. B., & Souza, A. M. (2016). Contribuições do método fenomenológico empírico para estudos em psicologia no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Revista do NUFEN*, 8(1), 1-10. Recuperado de

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Moreira, V. & Cavalcante Júnior, F. S. (2008). O método fenomenológico crítico (ou mundano) na pesquisa em psico(pato)logia e a contribuição da etnografia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 249-265. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200010&lng=pt&tlng=pt.
- Moreira, V. (2004) O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.17(3), pp. 447-456. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Moreira, V. (2009). *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicopatologia e psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2010). A Gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques fenomenológicos? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 03-12. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Moreira, V. S. (1993/1994). Fundamentos filosóficos das psicoterapias de base humanista. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, 11/12, (1/2), 111-123. Recuperado de: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10998>
- Motta, H. L., Assis, G. A. P., & Satelis, L. R. (2020). A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(spe), 382-392. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.3>
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Mucchielli, A. (1991). *Les Méthodes Qualitatives*. Paris: P.U.F.
- Nascimento, L. C. S., & Vale, K. S. do. (2013). Reflexões acerca do fazer ético na clínica gestáltica: um estudo exploratório. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 157-166. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Oliveira, E. C. da S. L. de, & Pinheiro, M. E. (2014). Um Estudo Fenomenológico sobre as primeiras sessões do atendimento individual na clínica social do IGT. *IGT na Rede*, 11(20), 171-192. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100011&lng=pt&tlng=pt.

- Oliveira, T. C. A., & Borba, J. M. P. (2019). Contribuições da fenomenologia Husserliana para a Psicologia Clínica. *Revista do NUFEN*, 11(3), 154-169. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº03ensaio52>
- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020a). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. *Psicologia Em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>.
- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020b). “Psicologia Fenomenológica” de Husserl – a (In)compreensão de Psicólogos Brasileiros: Um Estudo Empírico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Vol. spe. doi:10.12957/epp.2020.56651 ISSN 1808-4281.
- Pajaro, M. V., & Andrade, C. C. (2018). Estudo de caso em gestalt-terapia: leituras fenomenológicas do desenho infantil. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 204-214. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.9>
- Ranieri, L.; Barreira, C. (2010) *A entrevista fenomenológica*. FAPESP Anais IV SIPEQ – Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas. Revista da Abordagem Gestáltica. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php/script_sci_serial/pid_1809-6867/lng_pt/nrm_iso
- Rank, O. (2015). *O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise*. Bauru/São Paulo: Cienbook/Edipro. (Trabalho original publicado em 1924).
- Renshaw, John (2006). “A eficácia simbólica” revisitada: cantos de cura ayoreo. *Revista de Antropologia*, 49(1), 393-427.
- Rezende, J. M. de. (2010). Terapia, Terapêutica, Tratamento. *Revista De Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology*, 39(2), 149–150. <https://doi.org/10.5216/rpt.v39i2.10734>.
- Rogers, C. (1946/2000). *Manual de Cousenling*. Lisboa: Encontro editora.
- Rogers, C. (2005). *Psicoterapia e consulta psicológica* (M. J. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1942).
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem* v. 20(2), V-VI. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Salles, A. C. T. da C., & Coimbra, M. L. (2006). A análise leiga e a ética da psicanálise. *Reverso*, 28(53), 17-21.
- Scorsolini-Comin, Fabio. (2014). Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. *Contextos Clínicos*, 7(1), 02-14. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.71.01>
- Seidman, I. (2019). *Interviewing as qualitative research: a guide for researches in education and the social sciences*. Teachers College Press: New York.

- Silva, E. F. G.; Santos, S. E. B. (2017). Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. *Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 9(3), 110-126. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300008
- Society for Humanistic Psychology (2022). Division 32. Recuperado de: <http://www.apadivisions.org/division-32/about/index.aspx>.
- Society of Counseling Psychology (2016). Division 17. Recuperado de: https://www.div17.org/index.php?option=com_content&view=article&id=409:counseling-psychology-vs-clinical-psychology2&catid=20:site-content
- Souza, R. R. (2020). Um Caminho com Sartre: Apropriações de seus Métodos para uma Clínica Fenomenológica-Existencial. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(spe), 1293-1309. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56662>
- Spiegelberg, H. (1982). *The Phenomenological Movement. A historical introduction*. Vol. 1. Boston: Martinus Nijhoff.
- Stein, E., (2005). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu, en J. Urkiza & F. J. Sancho (Orgs.), *Obras completas*, Vol. II, *Escritos filosóficos (Etapa fenomenológica: 1915-1920)*, Burgos, Monte Carmelo, p. 950. [Obra original de 1922].
- Sutich, A. J. (1976). *The founding of Humanistic and Transpersonal Psychology: a personal account* (Unpublished paper). Dissertation for the Humanistic Psychology Institute.
- Sutich, A. J. (1976). *The Founding of Humanistic and Transpersonal Psychology: A Personal Account*. Dissertation for the Humanistic Psychology Institute (Tese de Doutorado).
- Telles, T. C. B., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2014). O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), 13-20. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003&lng=pt&tlng=pt
- Therense, M. (2019). O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 25(1), 15-25. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.2>
- Túbero, A. S., & Rocha, R. M. G. (2020). Os bastidores da psicoterapia: descrição de sentidos e a supervisão clínica na abordagem fenomenológica humanista. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(spe), 370-381. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.2>

Van Manen, M. (1990). *Hermeneutic Phenomenological Reflection*. Em M. V. Manen, *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*, 77-109. Ontario: The University of Western Ontario.

Whiteley, J. (1984). *Counseling Psychology: a historical perspective*. NY, Character Research Press.